

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**MESSIAS DOS SANTOS SANTANA**

**NEM TUDO QUE É PARECE E NEM TUDO QUE PARECE É:  
MUDANDO A LÍNGUA, NÃO RECONHECENDO OS COGNATOS**

TERESINA

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MESSIAS DOS SANTOS SANTANA

**NEM TUDO QUE É PARECE E NEM TUDO QUE PARECE É:  
MUDANDO A LÍNGUA, NÃO RECONHECENDO OS COGNATOS**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Letras (área de concentração Estudos de Linguagem), sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Auxiliadora Ferreira Lima e co-orientação do Prof. Dr. Josenir Alcântara de Oliveira, à Comissão Julgadora do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí

TERESINA

2009

MESSIAS DOS SANTOS SANTANA

**NEM TUDO QUE É PARECE E NEM TUDO QUE PARECE É:  
MUDANDO A LÍNGUA, NÃO RECONHECENDO OS COGNATOS**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Letras (área de concentração Estudos de Linguagem), sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Ferreira Lima e co-orientação do Prof. Dr. Josenir Alcântara de Oliveira, à Comissão Julgadora do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Piauí

Aprovada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Auxiliadora Ferreira Lima - UFPI  
(Presidente)

---

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro – USP  
(Examinador)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa - UFPI  
(Examinadora)

A Deus, porque a ele tudo dedico.  
Aos meus pais, por todo o sacrifício que fizeram para que eu pudesse estudar.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, Minha Luz e Meu Porto Seguro.

Aos meus pais, Baltazar e Genildes, pela vida e pelo apoio em todos os momentos e sentidos.

A todos os meus familiares, em especial aos meus tios (em muitas situações tios-pais)  
Conceição, Maria José, Rita e Raimundo.

A meus irmãos Marciel e João Paulo.

À minha amada, Tiara, que cuidou do meu coração com amor e carinho e que soube  
compreender as minhas ausências.

A todos os professores com os quais estudei, de modo especial à minha orientadora,  
professora Maria Auxiliadora, e ao meu co-orientador, professor Josenir, pela atenção,  
paciência, amizade e contribuições.

A todos os professores que aceitaram participar desta pesquisa, sem a participação dos quais  
ela ficaria incompleta.

À CAPES, pelo auxílio financeiro (bolsa) durante 3 meses.

À professora Solange Leopoldino, amiga que me ajudou a despertar o gosto pela pesquisa.

Aos amigos, por acreditarem em mim e por ajudarem-me a realizar, com sucesso, esta etapa  
de minha vida.

[...] o hoje decorre do ontem e o amanhã é o fruto do passado. Um passado que não deve paralisar o presente, mas ajudá-lo a ser diferente na fidelidade e novo no progresso. (Jacques Le Goff).

## RESUMO

As mudanças pelas quais as línguas passam ao longo do tempo podem ser percebidas tanto pelos leigos quanto pelos estudiosos das línguas. Mais difícil que reconhecer que as línguas mudam com o passar do tempo, no entanto, é identificar como essa mudança interfere no estudo de determinados temas, como, por exemplo, o das *palavras cognatas*. Dessa forma, esta pesquisa procurou investigar a relação existente entre mudança lingüística e não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa. Para efetivar essa proposta, inicialmente, fez-se a análise de vários conceitos existentes para o termo *palavras cognatas*, em diversas fontes. A seguir, estabeleceu-se uma discussão sobre a mudança lingüística, quando, também, discutiu-se a relação entre sincronia e diacronia. Expostos os aspectos teóricos, na seqüência fez-se a análise de um *corpus* formado a partir de palavras coligidas junto ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (DELP)*, de Antônio Geraldo da Cunha, e de dados obtidos a partir da aplicação de um questionário a 20 professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio. Por meio da análise desse *corpus*, conseguiu-se demonstrar que, tanto no DELP como nos questionários, o não-reconhecimento de palavras cognatas se deve à mudança lingüística. Com isso, conseguiu-se demonstrar que a abordagem sincrônica – mesmo permitindo que se faça o estudo do tema *palavras cognatas* – não é a mais adequada para abordá-lo, uma vez que não incorpora às suas análises o estudo das mudanças pelas quais as palavras de uma língua passaram ao longo do tempo, assim como o contexto cultural no qual estão envolvidas, ao contrário da abordagem histórica, que foi apontada, nesta pesquisa, como a mais adequada para tratar desse tema.

**Palavras-chave:** Mudança Lingüística. História. Diacronia. Sincronia. Etimologia. Raiz. Radical. Palavras cognatas. Língua Portuguesa.

## ABSTRACT

The changes the languages go through as time goes by can be noticed not only by laymen but also by language scholars. However, more difficult than identifying that languages change over time is identifying how such change interferes in the study of themes such as cognate words. This way, this research aimed at investigating the relation between linguistic change and the inability to recognize cognate words in the Portuguese language. In order to make it, one made an analysis of several concepts to the term cognate words, in many sources. Then, one made a discussion on linguistic change and also synchrony and diachrony. After the theoretical background one made the analysis of the corpus constituted of words from the *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (DELP), of Antonio Geraldo da Cunha, and data obtained through the application of a questionnaire to 20 Portuguese teachers from elementary and high school. Through the analysis of such corpus, one could demonstrate that not only in DELP but also in the questionnaires, linguistic change is responsible for people not being able to recognize cognate words. So, one could demonstrate that although the synchronic approach allows the study of cognate words, it is not the most adequate one, once it does not incorporate to its analysis the study of the changes the words go through over time as well as the context in which such words are involved. The historic approach, on the other hand, was highlighted in this research as the most adequate approach to treat such a theme.

**Keywords:** Linguistic change. History. Diachrony. Synchrony. Etymology. Root. Radical. Cognate words. The Portuguese language.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Principais fases da Lingüística e o tipo de abordagem predominante em cada uma delas, segundo Coseriu .....	40
TABELA 2 – Palavras portuguesas oriundas da língua latina e seus respectivos processos de formação .....	59
TABELA 3 – Critérios utilizados pelos professores dos Ensinos Fundamental e Médio para reconhecer palavras como cognatas em língua portuguesa: quantidade de vezes em que cada critério foi empregado, com cada um dos pares .....	98-99

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Reconstrução da cadeia semântica da palavra <i>vagina</i> .....	62
QUADRO 2 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras <b>domar</b> , <b>dominar</b> e <b>doméstico</b> .....	74
QUADRO 3 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras <b>cadente</b> e <b>incidente</b> .....	78
QUADRO 4 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras <b>fábula</b> e <b>falar</b> .....	84
QUADRO 5 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras <b>pesar</b> e <b>pensar</b> .....	89
QUADRO 6 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras <b>animal</b> e <b>ânimo</b> .....	92

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT = Associação Brasileira de Normas Técnicas

cf. = confira

DELP = Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa

ibid. = do mesmo autor e na mesma obra

op. cit. = na obra citada

lat. = latim

loc. cit. = no local citado

p. = página

séc. = século

## LISTA DE SÍMBOLOS

> deu origem a (empregado para indicar que uma forma – raiz ou palavra – mudou, originando outra)

→ mudou semanticamente para (empregado na reconstrução do significado de uma palavra ao longo do tempo, objetivando demonstrar que o significado novo possui relação com o anterior)

\* forma não atestada documentalmente (empregado para indicar que uma dada forma – raiz ou palavra – não foi encontrada em documentos, tratando-se, pois, de uma forma hipotética)

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 UMA TRADIÇÃO E SEUS LIMITES: PROBLEMAS E PROPOSTA</b> .....	19
<b>2.1 Conceitos de <i>palavras cognatas</i></b> .....	20
<b>2.1.1 O tratamento dado ao tema dos <i>cognatos</i> em livros didáticos do Ensino Fundamental</b> .....	20
<b>2.1.2 Os <i>cognatos</i> vistos a partir de livros didáticos do Ensino Médio</b> .....	21
<b>2.1.3 A abordagem dada ao tema dos <i>cognatos</i> em gramáticas normativas</b> .....	22
<b>2.1.4 As <i>palavras cognatas</i> sob o olhar de gramáticas históricas e de dicionários</b> .....	23
<b>2.2 Conceitos de <i>raiz</i> e de <i>radical</i></b> .....	24
<b>2.2.1 O tratamento dado ao tema <i>raiz</i> e <i>radical</i> em livros didáticos do Ensino Fundamental</b> .....	25
<b>2.2.2 <i>Raiz</i> e <i>radical</i> vistos a partir de livros didáticos do Ensino Médio</b> .....	26
<b>2.2.3 A abordagem dada aos temas <i>raiz</i> e <i>radical</i> em gramáticas normativas</b> .....	29
2.2.3.1 Autores que distinguem, conceitualmente, <i>raiz</i> de <i>radical</i> .....	29
2.2.3.2 Autores que distinguem <i>raiz</i> de <i>radical</i> , mas só conceituam radical .....	30
2.2.3.3 Autores que mencionam apenas o termo <i>radical</i> .....	30
<b>2.2.4 Conceitos retirados de gramáticas históricas e de dicionários</b> .....	32
<b>3 DA RELAÇÃO LÍNGUA <i>VERSUS</i> TEMPO: SITUANDO OS ESTUDOS DIACRÔNICOS E A RELAÇÃO ENTRE MUDANÇA LINGÜÍSTICA E PALAVRAS COGNATAS</b> .....	39
<b>3.1 Estudando a língua diacronicamente</b> .....	45
<b>3.1.1 O método comparativo</b> .....	46
<b>3.1.2 Os neogramáticos</b> .....	48
<b>3.1.3 O estruturalismo diacrônico</b> .....	50
<b>3.1.4 A Sociolingüística</b> .....	51
<b>3.2 Sobre a mudança lingüística e sua relação com as palavras cognatas</b> .....	52
<b>3.2.1 A mudança fonética e a constituição do léxico português</b> .....	57
3.2.1.1 Formação popular .....	57
3.2.1.2 Formação erudita ou literária .....	58
3.2.1.3 Formação semi-erudita ou semi-literária .....	59
<b>3.2.2 A mudança semântica</b> .....	63

<b>4 MUDANDO A LÍNGUA, NÃO RECONHECENDO OS COGNATOS</b> .....	67
<b>4.1 Nem tudo que é parece: exemplos de não-reconhecimento de palavras cognatas no DELP</b> .....	68
<b>4.1.1 “Causas” do não-reconhecimento</b> .....	75
4.1.1.1 Aspectos fonéticos .....	75
4.1.1.1.1 Desconsideração da apofonia .....	76
4.1.1.1.2 Desconsideração da palatalização .....	80
4.1.1.1.3 Desconsideração da síncope .....	82
4.1.1.1.4 Desconsideração da sonorização .....	85
4.1.1.1.5 Desconsideração da desnasalização e do infixos .....	87
4.1.1.2 Aspectos semântico-culturais .....	90
4.1.1.2.1 Desconsideração da concatenação semântica .....	90
4.1.1.2.2 Desconsideração do resgate cultural .....	94
<b>4.2 Nem tudo que é parece: exemplos de não-reconhecimento de palavras cognatas por professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio</b> .....	96
<b>4.2.1 “Causas” do não-reconhecimento</b> .....	104
4.2.1.1 Aspectos fonéticos .....	104
4.2.1.1.1 Desconsideração da apofonia .....	105
4.2.1.1.2 Desconsideração da palatalização .....	107
4.2.1.1.3 Desconsideração da síncope .....	109
4.2.1.1.4 Desconsideração da desnasalização .....	110
4.2.1.2 Aspectos semântico-culturais .....	111
4.2.1.2.1 Desconsideração da concatenação semântica .....	111
4.2.1.2.2 Desconsideração do resgate cultural .....	114
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	125
<b>APÊNDICE</b> .....	131
<b>APÊNDICE A – Questionário a ser aplicado a professores de Língua Portuguesa para identificação do(s) critério(s) que eles utilizam para reconhecer palavras cognatas em língua portuguesa e para identificação do(s) fator(es) que interfere(m) nesse reconhecimento</b> .....	132

## 1 INTRODUÇÃO

Que as línguas mudam com o passar do tempo esse é um fato que pode ser percebido até pelos próprios leigos. Mais difícil que isso, no entanto, é perceber como essa mudança interfere no estudo de determinados temas, como, por exemplo, o das *palavras cognatas*, sobretudo nos dias de hoje, nos quais se focaliza mais o estudo da língua em um dado momento, e o estudo da língua ao longo do tempo pouco atrai o interesse dos estudiosos. Considerando esses fatos, este estudo investigará a relação entre não-reconhecimento de palavras cognatas e mudança lingüística, mais especificamente em língua portuguesa.

Ainda, assim, ficaria uma pesquisa muito ampla, uma vez que poderia ser desenvolvida objetivando identificar essa relação simultaneamente do ponto de vista do falante e do estudioso dessa língua. Considerando, no entanto, que o falante é um simples usuário da língua, no sentido de que sua intenção é usar a língua para estabelecer comunicação com outros e não desenvolver uma reflexão sobre ela – atividade essa que fica para o estudioso –, fato esse que limita a sua visão sobre muitos fatos lingüísticos, preferiu-se fazer um recorte, para estudar-se esse tema a partir daqueles que se dedicam a pensar a língua em foco.

Delimitando, ainda mais, o objeto desta investigação, chegou-se a duas figuras dentre estes: o professor de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e/ou Médio e o lexicógrafo etimológico desta língua. A escolha desses dois estudiosos deveu-se ao fato de eles, de um certo modo, constituírem os dois extremos dessa atividade investigativa, no sentido de que o primeiro pensa a língua, sobretudo, de um ponto de vista da descrição e/ou prescrição de fatos lingüísticos atuais (ponto de vista sincrônico), enquanto que o trabalho do segundo é feito de um ponto de vista diacrônico, isto é, o primeiro descreve e/ou prescreve um fato lingüístico sem considerar a mudança lingüística que, porventura, ele sofreu, enquanto que o lexicógrafo etimológico está em uma posição que exige a abordagem de um fenômeno considerando a(s) mudança(s) lingüística(s) pela(s) qual(is) ele passou, sem descurar do conhecimento sincrônico. Isso é importante, porque, assim, será possível identificar a(s) dificuldade(s) que tanto um como o outro têm no momento de identificar se duas ou mais palavras são ou não cognatas entre si.

Para a apresentação dos resultados da pesquisa empreendida, dividiu-se esta dissertação em 5 capítulos, através dos quais serão discutidos todos os conceitos que lhe darão sustentação – por exemplo, conceito de *palavras cognatas*, *raiz*, *radical*, *mudança lingüística*,

*metaplasmos* etc. – e serão feitas análises para demonstrar que tanto nos exemplos que envolvem palavras cognatas que não são reconhecidas como tais quanto nos que envolvem palavras que não são cognatas e são consideradas como tais há, em suas origens, a dificuldade trazida pela mudança a que as línguas estão sujeitas ao longo do tempo.

Considerando que os professores do Ensino Fundamental e do Médio, em sua maioria, utilizam como fonte de estudo as próprias fontes que utilizam em sala de aula com seus alunos (livros didáticos e gramáticas normativas) e que o lexicógrafo etimológico, por sua vez, utiliza-se de conceitos encontrados em gramáticas históricas e dicionários (lingüísticos e etimológicos), no segundo capítulo deste estudo será feita uma descrição de como as palavras cognatas se encontram conceituadas nessas diversas fontes, ao mesmo tempo em que se vão tecendo críticas a esses conceitos, culminando com um posicionamento frente a toda a discussão estabelecida e com a adoção de um conceito para o termo *palavra cognata*, o qual servirá como suporte para a seqüência do que será exposto e como fundamento para a defesa que aqui se fará.

Nesse sentido, serão analisados conceitos retirados de livros didáticos publicados entre os anos 90 do século passado e o ano de 2007, de gramáticas normativas já há bastante tempo conhecidas tanto do público estudantil quanto dos professores, como, por exemplo, a de Almeida (1989), Rocha Lima (1992) e Bechara (2001), e de gramáticas mais recentes, como a de Infante (2006) e a de Griffi (2007). Além disso, analisar-se-ão conceitos retirados da gramática histórica de Coutinho (1976), do dicionário de lingüística de Câmara Jr (1986) e do dicionário etimológico de Cunha (2007).

Partindo do ponto de vista de que as discussões em torno das palavras cognatas estão polarizadas entre considerar ou não a mudança lingüística, utilizar-se-á o capítulo seguinte para discutir, inicialmente, as duas abordagens nas quais essas discussões podem ser enquadradas (sincronia e diacronia), com destaque para a abordagem diacrônica, quando serão apresentadas as principais abordagens que a compõem, desde fins do século XVIII (método comparativo, neogramática, estruturalismo diacrônico e Sociolingüística). Posteriormente, discutir-se-á, especificamente, a mudança lingüística, com ênfase nos dois tipos que estão diretamente relacionados com o tema aqui discutido: a mudança formal (fonético-fonológica e morfológica) e a mudança semântica. Para fundamentar as discussões aqui empreendidas, escolheram-se autores de reconhecida importância na abordagem dos temas discutidos. Assim, por exemplo, no tocante à história da Lingüística, são citados, dentre outros, Robins (1979) e Coseriu (1980). Quanto à discussão existente entre sincronia e diacronia, citaram-se, sobretudo, Saussure (2002), Von Wartburg (1975), Coseriu (1979). Com relação aos estudos

diacrônicos e suas principais abordagens, foram fontes principais Robins (*op. cit.*), Coseriu (1980), Faraco (2005), Jakobson (2000) e Martinet (1978). Já com relação à mudança lingüística (e sua relação com a constituição da língua portuguesa), citaram-se Martinet (*op. cit.*), Coelho (1887), Câmara Jr (*op. cit.*), Nunes (1975) e Coutinho (*op. cit.*).

No quarto capítulo, a atenção recairá sobre a análise de exemplos, tanto dos retirados do dicionário que será objeto de estudo nesta pesquisa quanto dos apresentados em questionário a professores, a partir do que será(ão) identificado(s) o(s) fator(es) que provoca(m) o não-reconhecimento de palavras cognatas pelos estudiosos englobados por esta pesquisa e no qual se procurará demonstrar que a mudança lingüística contribui decisivamente para que palavras cognatas não sejam reconhecidas como tais.

O dicionário etimológico escolhido para ser analisado nesta pesquisa foi o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (CUNHA, 2007), por fundamentar a estruturação de seus verbetes com base no critério etimológico, conforme está explícito em sua *Introdução*, quando se lê que todas as palavras cognatas serão estruturadas em um mesmo verbete (conforme se apresentará no capítulo quarto), embora em muitos exemplos isso não aconteça.

Com relação às palavras do dicionário que foram selecionadas para serem analisadas, escolheram-se, aleatoriamente ao longo do dicionário em estudo, aquelas palavras que são cognatas, de acordo com o conceito aqui adotado, mas que não foram consideradas como tais por seu autor, devido ao fato de figurarem em verbetes diferentes e sem indicação alguma de que elas são palavras cognatas.

Por sua vez, os professores (um total de 20) aos quais se apresentaram os questionários a serem respondidos, sem identificação, estavam distribuídos entre os níveis fundamental e médio, exigindo-se que tivessem curso superior completo de Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, e que estivessem atuando em sala de aula, no momento da aplicação dos questionários, uma vez que, estando em sala de aula, estão em contato com o tema aqui estudado. Acrescente-se, ainda, que a escolha de profissionais pertencentes a esses dois níveis de ensino não objetivou comparar os resultados obtidos para ver em qual deles os professores tem melhor desempenho quanto à identificação dos cognatos, até porque, de um modo geral, o professor que atua num nível atua no outro, isto é, no momento das análises não se considerarão as variáveis professor do Ensino Fundamental e professor do Ensino Médio como duas variáveis, mas como uma variável única.

Já com relação à escolha das palavras que foram apresentadas aos professores, priorizaram-se aquelas palavras que fazem parte do uso comum das pessoas – e, por

consequência, dos professores –, porque presentes em textos escritos com os quais eles mantêm contato, até para que não fossem escolhidas palavras desconhecidas dos professores participantes, pois isso poderia afetar a realidade em que se encontra o tema em estudo. Nesse sentido, escolheram-se palavras que aparecem como *entrada*<sup>1</sup> no *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (BORBA, 2002), o qual é uma obra que contém em torno de 62 mil entradas, que correspondem às palavras mais frequentes de um *corpus* formado por “[...] mais ou menos 77 milhões de ocorrências de palavras em textos escritos no Brasil, com absoluta predominância de literatura jornalística [...]” (BORBA, *op. cit.*, p.VI), mas que contém, também, palavras de outros textos escritos, como, por exemplo, textos literários, textos da revista *Veja* e textos do jornal Folha de São Paulo, todos em prosa e escritos na segunda metade do século XX. (*loc. cit.*).

Quanto à estruturação do questionário<sup>2</sup>, ele assim foi caracterizado: cada par de palavras a ser apresentado aos professores constituiu como se fosse uma questão, contendo duas possibilidades de respostas: *sim* ou *não*. Isto é, foi questionado a cada professor se ele reconhecia ou não tal par como sendo constituído de palavras cognatas. Independentemente de qual fosse a resposta dada, ele deveria justificá-la. Para isso, foram apresentadas algumas opções. Para que ele não tivesse a sua possibilidade de justificativa restringida, também foi destinado um espaço para que ele escrevesse que fator possibilitou a sua resposta, caso este não estivesse contido nas opções que lhe foram oferecidas.

Após essas análises, no capítulo seguinte – e tendo por base toda a discussão estabelecida em torno das palavras cognatas e os problemas encontrados quanto ao reconhecimento delas, tanto com relação à abordagem que o dicionário analisado apresenta ao longo de sua estrutura como com relação aos dados obtidos a partir de questionários aplicados aos professores – serão apresentadas as conclusões a que se chegou, ao mesmo tempo em que se apresentará uma proposta de investigação acerca desse tema que possa fornecer mais subsídios e, portanto, mais segurança, para a identificação das palavras cognatas, que as abordagens analisadas, uma vez que se sugerirá a incorporação simultânea de fatores formais (fonéticos, fonológicos e morfológicos), semânticos e culturais ao abordar esse tema.

Com isso, ao longo deste texto, pretende-se responder às seguintes perguntas: 1) há uma abordagem única para o tema *palavras cognatas* em língua portuguesa? 2) qual(is) critério(s) é (são) empregado(s) para identificar palavras cognatas em língua portuguesa, de

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, conceber-se-á *entrada*, conforme Dapena (2002, p.136), como a palavra que inicia o verbete de um dicionário e a respeito da qual são apresentadas algumas informações.

<sup>2</sup> O questionário ao qual se faz referência aqui pode ser encontrado no final desta dissertação, sob a forma de apêndice.

modo especial no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* e pelos professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio? 3) qual(is) o(s) mais adequado(s) critério(s) para identificar palavras cognatas (em língua portuguesa)?

Ainda há tempo, nesta *Introdução*, para dizer que, embora se reconheça que, em um estudo, na perspectiva etimológica, que envolve uma língua indo-européia, como é o caso da língua latina, deve-se remeter à raiz indo-européia, para que se possa fazer uma análise com total segurança acerca das palavras envolvidas, poucos foram os exemplos analisados em que se agiu dessa forma. Tal atitude se deveu ao fato de tanto as palavras que foram retiradas do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* para serem analisadas quanto as apresentadas aos professores nos questionários aplicados possuírem, de um modo geral, étimos claramente identificados em latim. Desse modo, raramente, sentiu-se a necessidade de recorrer ao indo-europeu para determinar a relação de cogação entre as palavras envolvidas.

## 2 UMA TRADIÇÃO E SEUS LIMITES: PROBLEMAS E PROPOSTA

É fato que entre a abordagem de um estudioso, em qualquer que seja a sua área de atuação, e a de um não-estudioso, sobre um mesmo assunto, há percepções distintas. Tratando-se da língua, essas distinções não são das menos intensas, uma vez que a consciência que possuem os falantes sobre os fatos lingüísticos (epilingüismo) não é a mesma que apresentam os estudiosos dessa mesma língua (metalingüismo).

Quanto aos fatos lingüísticos, pode-se destacar, ainda, a existência de abordagens distintas até mesmo dentro do grupo de estudiosos de uma dada língua, uma vez que a língua é um fenômeno multifacetado, sendo, pois, possível que diferentes olhares sejam dados a um mesmo tema. Um exemplo de tal fato se identifica, em língua portuguesa, quanto ao tema das *palavras cognatas*<sup>3</sup>, pois se percebe que – ao comparar a abordagem dada a esse tema tanto por lexicógrafos etimológicos, gramáticos normativos, quanto por autores de livros didáticos, quer sejam do Ensino Fundamental quer sejam do Ensino Médio – não há uma abordagem unívoca com relação a ele.

Tais diferenças já se iniciam a partir do próprio conceito de palavras cognatas e estendem-se a outros temas com ele relacionados, como os temas *radical* e *raiz*, conforme ficará demonstrado na seqüência deste texto. Essas divergências teóricas podem, portanto, ter conseqüências na prática, isto é, no momento em que se aplicam esses conceitos para reconhecer se determinadas palavras são ou não cognatas.

Dessa forma, neste capítulo serão apresentados e analisados vários conceitos de palavras cognatas retirados de livros didáticos dos Ensinos Fundamental e Médio, de gramáticas normativas, de gramáticas históricas e de dicionários para que se possa apresentar um panorama acerca desse tema, identificando os principais problemas existentes nessas abordagens, a partir do que se estabelecerá o conceito de *cognato* que será adotado ao longo deste estudo<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Neste estudo serão empregados *palavra*, *vocábulo* e *termo* como equivalentes.

<sup>4</sup> Os conceitos de *cognato* que serão citados, agora, e, mais adiante, os conceitos de *radical* e *raiz* não estão de acordo com as recomendações da ABNT NBR 10520, que regulamenta as citações. Preferiu-se agir dessa forma em virtude de aqui pretender-se fazer um estudo comparativo entre os conceitos apresentados para cada um desses termos por diferentes autores, para o que se julgou obter mais efeito dispondo as citações conforme se fará aqui. Pelos mesmos motivos, no capítulo 4, quando serão feitas as análises, os verbetes que serão citados também não estarão de acordo com essa norma.

## 2.1 Conceitos de *palavras cognatas*

Ao apresentar os conceitos de *palavras cognatas*, a seguir, o que se objetiva não é esgotar todos os conceitos existentes, muito menos apresentar conceitos de todas as abordagens que compõem a Linguística, mas sim apresentar alguns dos conceitos que estão à disposição dos estudiosos, a partir dos quais devem identificar as palavras que são cognatas. Nesse sentido, é natural que outros autores que tratam desse tema não sejam citados neste estudo.

### 2.1.1 O tratamento dado ao tema dos *cognatos* em livros didáticos do Ensino Fundamental

O tema das palavras cognatas em língua portuguesa já começa a ser abordado no Ensino Fundamental, especialmente em suas séries finais. Eis alguns conceitos retirados de alguns livros didáticos desse nível de ensino:

As palavras que têm um **radical comum** são chamadas **cognatas**. Podemos dizer que elas pertencem a uma **família de palavras** [...]. (SIQUEIRA e SILVA & BERTOLIN, 199..., p.205).

O conjunto de palavras que se agrupam em torno de um radical denomina-se **família de palavras** ou **palavras cognatas**. (CEREJA, 1998, p.141).

Quando duas ou mais palavras são formadas a partir de um mesmo radical, elas recebem o nome de **palavras cognatas**. (FERREIRA, 2006, p.27).

As palavras que têm o mesmo radical pertencem à mesma família e são chamadas de **cognatas**. (FARACO & MOURA, 2007, p.135).

Analisando-se os conceitos acima, verifica-se que todos os autores mencionados consideram palavras cognatas as que possuem um mesmo radical.

### 2.1.2 Os *cognatos* vistos a partir de livros didáticos do Ensino Médio

Também esse tema se encontra discutido em livros didáticos destinados à orientação de alunos e de professores no Ensino Médio, conforme se constata com as citações abaixo:

As palavras formadas a partir de um mesmo radical são chamadas **cognatas**. (LEITE, 1997, p.230).

Palavras cognatas ou termos cognatos são aqueles que pertencem a uma mesma família ou que descendem de uma mesma raiz. (DE NICOLA, 1998, p.395).

Chamam-se **cognatas** as palavras que conservam o mesmo radical. (CAMPEDELLI, 2002, p.438).

As palavras que possuem um mesmo radical são chamadas **palavras cognatas** (ou **famílias etimológicas**). (TERRA, 2005, p.206).

Observando esses quatro conceitos, verifica-se que, tal qual se demonstrou na seção anterior, também os autores de livros didáticos do Ensino Médio consultados consideram como cognatas as palavras que apresentam um mesmo radical. O caso de De Nicola chama a atenção, pois, enquanto todos os outros autores mencionados conceituam cognato utilizando como base o radical de uma palavra, ele emprega, simultaneamente, dois critérios, isto é, para De Nicola tanto podem ser consideradas palavras cognatas aquelas que possuem um mesmo radical<sup>5</sup> quanto as que possuem uma mesma raiz, mesmo ele considerando que esses dois termos não são sinônimos, conforme se identifica pela distinção que ele faz entre ambos, a seguir:

O conceito de raiz quase se confunde com o de radical. A diferença é que raiz é um conceito histórico e interessa à etimologia. Já o conceito de radical diz respeito à gramática. Por isso, quando tratamos de várias palavras derivadas de um mesmo radical, falamos em família de palavras. (DE NICOLA, *op. cit.*, p.395).

Com base nesses conceitos de cognato já apresentados, pode-se, pois, dizer que, de um modo geral, não há diferenças entre a abordagem dada a esse tema no Ensino

---

<sup>5</sup> Para De Nicola, família de palavras é o grupo de palavras que se estruturam em torno de um mesmo radical, conforme se pode identificar pela análise das seguintes palavras suas: “Com os radicais formamos famílias de palavras.” (*ibid.*, p.394).

Fundamental e a dada no Ensino Médio, ambas centrando o seu conceito de cognato na idéia de radical.

### 2.1.3 A abordagem dada ao tema dos *cognatos* em gramáticas normativas

Além dos livros didáticos destinados ao Ensino Fundamental e Médio, o tema dos cognatos também pode ser encontrado em gramáticas normativas, que são livros que podem ser consultados tanto por alunos de um nível quanto do outro. Abaixo são apresentados alguns conceitos retirados dessas gramáticas:

Para que duas ou mais palavras sejam *cognatas*, basta possuírem *raiz* comum. (ALMEIDA, *op. cit.*, p.194).

Palavras assim agrupadas em torno de um radical único (invariável ou não) compõem uma *família de palavras*. (ROCHA LIMA, *op. cit.*, p.194.).

**Cognatos** dizem-se os vocábulos que procedem de uma raiz comum. Tais palavras constituem uma *família etimológica*. (CEGALLA, 1996, p.97).

Chamam-se *cognatas* as palavras que pertencem a uma mesma família de radical e significação comuns. (BECHARA, *op. cit.*, p.497).

**Cognatas** são palavras que mantêm uma relação de significado e provêm de uma mesma raiz, que se manteve inalterada desde a origem ou sofreu alterações.

As palavras cognatas constituem uma **família etimológica**, **família lexical** ou **família de palavras**. (MESQUITA, 2002, p.115).

Há um morfema comum a todas as palavras que estamos analisando: **cert-**. É esse morfema – o **radical** – que faz com que as consideremos palavras de uma mesma família de significação – os cognatos. (INFANTE, *op. cit.*, p.105).

Radical ou semantema é o elemento que contém o sentido básico da palavra e está presente em todas as palavras da mesma família (cognatos). (GRIFFI, *op. cit.*, p.45).

Os conceitos apresentados nesta seção revelam que em gramática normativa não há univocidade em torno do conceito de cognato, pois se verifica que quatro dos autores

mencionados estabelecem esse conceito com base no radical da palavra, enquanto que os outros se utilizam do conceito de raiz.

Dessa forma, a partir da análise de todos os conceitos até aqui mencionados, verifica-se que não existe, no âmbito da língua portuguesa, uma discussão encerrada em torno do conceito de palavras cognatas entre os autores de livros didáticos e de gramáticas normativas, fato esse que pode trazer dificuldades – tanto para alunos, quanto para professores que desses materiais se utilizam como suporte teórico na abordagem desse tema – no momento de reconhecerem se duas palavras ou mais são cognatas entre si.

#### 2.1.4 As *palavras cognatas* sob o olhar de gramáticas históricas e de dicionários

Como se comportam, por sua vez, sobre esse tema, gramáticas históricas e dicionários (etimológicos e lingüísticos)? Vejam-se alguns conceitos para que seja possível uma caracterização da abordagem desses textos sobre esse tema:

Tomando por base o elemento primário [raiz], geralmente monossilábico, podem as palavras ser classificadas em verdadeiras famílias. Aquelas, em que figura a mesma raiz, são chamadas *cognatas*. (COUTINHO, *op. cit.*, p.166).

As palavras portuguesas com a mesma raiz constituem uma família léxica (v.) e se dizem cognatas. (CÂMARA JR, *op. cit.*, p.205).

**cognato** (1) Uma língua ou FORMA LINGÜÍSTICA historicamente derivada da mesma fonte de outra língua/forma; português/espanhol/francês/italiano são ‘línguas cognatas’: *pai/padrelpère*, etc. são ‘palavras cognatas’. (CRYSTAL, 2000, p.50).

**cognato** *adj. sm.* ‘cognado’ ‘(Gram.) diz-se de, ou voc. que tem raiz comum com outro(s)’ XVI. Do lat. *cognātus* // [...]. (CUNHA, *op. cit.*, p.193).

Nos quatro conceitos acima, é possível destacar duas situações: 1) três dos quatro autores mencionados conceituam palavras cognatas tendo por base a raiz da palavra, enquanto que um deles diz que são cognatas as que têm uma mesma fonte, podendo, aqui, fonte ser entendida no sentido de raiz ou de radical. E, com isso, essa seqüência de exemplos de conceitos de palavras cognatas já traz uma maior uniformidade que os outros citados, no

sentido de que, de uma maneira geral, todos os autores apresentados consideram como cognatas as palavras que possuem uma mesma raiz; 2) Crystal estabelece uma distinção entre dois tipos de cognatos: as línguas cognatas – as línguas que possuem uma origem em comum – e as palavras cognatas de línguas diferentes – palavras de línguas diferentes que se originaram a partir de uma só forma da “língua-mãe”.

Acrescentando-se a esses dois tipos de cognatos a relação de cogação que existe entre as palavras de uma mesma língua, passa-se a ter três tipos de cogação: a cogação entre línguas, a cogação entre palavras de línguas diferentes e a cogação entre palavras de uma mesma língua<sup>6</sup>.

Tendo em vista que, na descrição lingüística, costuma-se estabelecer a distinção entre raiz e radical, e que os conceitos de cognato acima são construídos ora com base na raiz da palavra ora com base em seu radical, uma conclusão parece óbvia: há um problema na bibliografia sobre as palavras cognatas, pois não parece cientificamente adequado que – sendo raiz e radical conceituados distintamente, isto é, sendo elementos estruturais diferentes – se possa continuar a encontrar ora um autor dizendo que palavras cognatas são aquelas que possuem uma mesma raiz, ora outro dizendo que são aquelas que possuem um mesmo radical, ora fazer-se como De Nicola (*op. cit., loc. cit.*), que emprega os dois ao mesmo tempo. Dessa forma, este estudo tem, também, como objetivo apresentar uma proposta de uniformização em torno dessa discussão, para que não se fique, a todo momento, tendo-se que voltar e discutir essa mesma questão.

Da análise dos conceitos acima apresentados, parece ficar claro, também, que uma conceituação adequada de *palavras cognatas* deve partir de uma discussão em torno dos conceitos de raiz e de radical. Mas como se encontram abordados esses conceitos nos mesmos autores dos quais se retiraram os conceitos de palavras cognatas apresentados acima?

## **2.2 Conceitos de raiz e de radical**

Para uma exposição mais didática dos conceitos citados, eles serão apresentados na mesma seqüência como foram apresentados os conceitos de cognatos.

---

<sup>6</sup> Neste estudo, a ênfase recairá sobre o terceiro desses tipos.

### 2.2.1 O tratamento dado ao tema *raiz* e *radical* em livros didáticos do Ensino Fundamental

Como foi destacado quando se discutiram os conceitos para o termo cognato apresentados em livros didáticos do Ensino Fundamental, todos os autores consultados estabelecem esse conceito com base no radical da palavra. Dessa forma, para que se possa melhor compreender como esses livros abordam esse tema, crê-se necessário discutir o que seus autores entendem por radical. Abaixo, serão discutidos alguns desses conceitos:

#### A) **Radical**

**mineiro**

**mina**

**mineral**

**Minas**

**mineração**

**minério**

**Min-** é o radical dessas palavras, isto é, a parte fixa, a parte que não muda.

**Radical** é a parte invariável de uma palavra. É a parte comum a diversas palavras que possuem a mesma origem (são da mesma família). (SIQUEIRA e SILVA & BERTOLIN, *op. cit.*, p.205).

Neste conceito de radical, devem ser destacados os seguintes pontos característicos: o radical é a parte fixa, invariável de uma palavra, que se repete em outras. Aqui, não se relaciona esse termo com o aspecto semântico, levando-se, pois, em consideração, somente, o aspecto formal dele.

Outro autor que discute o conceito de radical é Cereja (*op. cit.*, p.140–141). Veja-se o que ele diz sobre esse termo:

Informa sobre o significado básico da palavra.

**fabric** – ar

**filh** – i – nh – o – s

A partir de um radical podemos formar várias palavras:

**fabricar**

**filho**

**fabricado**

**filhinho**

**fabricação**

**filhote**

**fabriqueta**

**filharada**

**fabricante**

**filial**

Observe que nessas palavras o radical, embora seja o mesmo, pode apresentar pequenas variações. Apesar disso, todas elas pertencem à mesma família de palavras.

Ao contrário dos autores anteriores, Cereja conceitua e caracteriza o radical não só com base no aspecto formal, mas também o relaciona com o plano semântico da língua e, apesar de admitir que o radical pode repetir-se numa série de palavras – como o fazem os

autores da citação anterior –, diferencia-se destes por admitir que o radical pode variar de uma palavra para outra da série.

No conceito de Ferreira (*op. cit.*, p.21), por sua vez, encontra-se tanto a menção ao plano formal quanto ao plano semântico da língua, mas nada pode ser encontrado quanto à variabilidade ou invariabilidade do radical. Assim, para ele,

**Radical** é o morfema ('parte') da palavra que contém a *idéia principal* expressa por ela.

Também em Faraco & Moura (*op. cit.*, p.135) pode ser encontrado o conceito de radical. Eis o que eles dizem sobre esse termo:

Esse elemento, que carrega o significado básico dessas palavras, é chamado de **radical**.  
A partir do radical de uma palavra primitiva, podemos formar outras, derivadas dela. [...]. Exemplo: **livro**, **livreiro**, **livraria**.

Analisando-se este conceito, constata-se que ele é formulado considerando a significação e a forma desse elemento. Além disso, verifica-se que seus autores admitem a possibilidade de ele repetir-se em um conjunto de palavras. Com base nos exemplos apresentados, é possível cogitar, também, que seus autores não admitem a possibilidade de variação do radical.

A partir da análise de todos esses conceitos, é possível concluir que não há, nos livros de Ensino Fundamental, um consenso em torno do que seja *radical*, uma vez que os autores citados divergem, ora conceituando-o com base em seu aspecto formal ora com base no aspecto formal-semântico. Além disso, divergem quanto ao fato de o radical ser ou não variável. Acrescente-se, ainda, que, em nenhum dos livros didáticos consultados, encontrou-se menção à palavra *raiz*. Dessa forma, passa-se a admitir, aqui, que, nesse nível, só é empregado o termo *radical*, a partir do que se postula que os conceitos de cognato são elaborados com base na idéia de radical.

### **2.2.2 Raiz e radical vistos a partir de livros didáticos do Ensino Médio**

Nos conceitos de cognato retirados de livros didáticos do Ensino Médio acima listados, viu-se que, de uma maneira geral, eles foram construídos a partir da idéia de radical.

Discuta-se, pois, como este termo é abordado nesses livros, para que melhor se possa compreender a abordagem dada àquele tema. Para tal, serão apresentados, abaixo, alguns conceitos:

**Radical** – É o elemento que contém o significado básico, principal da palavra. [...] O radical às vezes sofre pequenas alterações em sua forma, sem no entanto alterar seu significado. Exemplo: **dúvida** → **indubitável**. (LEITE, *op. cit.*, p.230).

No conceito de radical acima, são levados em consideração para seu estabelecimento o caráter formal do radical, com destaque para a possibilidade de variação e para o fato de ele poder repetir-se em outras palavras. Além disso, seu autor considera o plano da significação desse elemento, com destaque para a manutenção dela, mesmo que haja a variação do radical.

Também para De Nicola (*op. cit.*, p.394), o conceito de radical deve considerar o aspecto formal e o semântico, conforme a seguir:

**Radical, semantema ou lexema**

É a forma mínima (portanto, indivisível em unidades menores) que indica o sentido básico da palavra, ou seja, seu significado.

Note-se, no entanto, que, para este autor, o radical possui um caráter indivisível, o qual não foi mencionado por Leite. De Nicola, por sua vez, não menciona se o radical pode variar ou não, como o fez Leite.

Em Campedelli (*op. cit.*, p.437) também é possível encontrar o conceito de radical. Para esta autora, radical

É o elemento principal da palavra, a base de seu significado. O radical não sofre variação. [...].  
Os radicais são elementos comuns às palavras da mesma família etimológica (da mesma origem).

Observe que, no conceito apresentado por Campedelli, o radical também é visto a partir de um ponto de vista formal e semântico. Assim como no primeiro conceito acima, para ela o radical também pode repetir-se em outras palavras. Verifica-se, no entanto, que ela discorda de Leite quanto à variação do radical, ou seja, enquanto que para este autor o radical pode variar ao repetir-se em outras palavras, Campedelli afirma ser o radical invariável.

Outro autor que também aborda esse tema é Terra (*op. cit.*, p.206). No conceito de radical abaixo, são levados em consideração para seu estabelecimento o caráter formal do radical, com destaque para o fato de que o radical se repete em outras palavras. Nele, contudo, não se encontra nada acerca de o radical ser ou não variável. Pelos exemplos que Terra apresenta, todavia, pode-se concluir que, para ele, o radical é invariável. Além disso, seu autor considera o plano da significação desse elemento. Confira, a seguir:

**Radical (ou semantema)**

É o elemento mórfico que funciona como base do significado. O radical é o elemento comum a palavras de mesma família.

**ferr** o  
**ferr** eiro  
**ferr** agem  
 radical

**pedr** a  
**pedr** eiro  
**pedr** inha  
 radical

Dos quatro conceitos acima citados, pode-se identificar que todos eles são estabelecidos considerando o aspecto formal e semântico do radical. Isso, no entanto, não os torna unívocos, sobretudo porque não apresentam a mesma uniformidade quanto ao aspecto formal, isto é, nesses autores, ora o radical é considerado um elemento variável, como no primeiro exemplo, ora é considerado invariável, conforme os dois últimos autores citados. De tudo isso, parece plausível concluir que não se encontra, no âmbito dos livros didáticos do Ensino Médio, uma discussão encerrada em torno do conceito de radical – como também já se verificou quanto aos livros do Ensino Fundamental. Tal fato, por sua vez, tem implicações diretas na identificação de palavras cognatas, uma vez que – conforme apontado acima – estes autores, em sua maioria, utilizam-se deste elemento para conceituar palavras cognatas, pois de todos os autores de livros didáticos mencionados, somente De Nicola – conforme citação na página 21 – menciona a palavra raiz. De tal forma, entender-se-á, aqui, que, nos livros didáticos do Ensino Médio, os autores empregam, quase sempre, o termo radical, em detrimento do termo raiz.

A partir das análises feitas nas duas últimas seções, conclui-se que, no âmbito do Ensino Fundamental e do Médio, a discussão feita em torno das palavras cognatas é, quase que totalmente, feita com base no critério sincrônico de abordagem da língua, o que, talvez, seja resquício da abordagem estrutural sincrônica empreendida nos estudos lingüísticos a partir do surgimento do Estruturalismo.

### 2.2.3 A abordagem dada aos temas *raiz* e *radical* em gramáticas normativas

Além da falta de consenso acima apontada, por parte das gramáticas normativas, quanto ao conceito de palavras cognatas, a abordagem dessas gramáticas, quanto a esse tema, fica ainda mais comprometida devido ao fato de que não existe, nelas, também, uma abordagem uniforme em torno da discussão raiz/radical, uma vez que: 1) há autores que mencionam os termos *raiz* e *radical*, conceituando ambos os termos; 2) há autores que mencionam os termos *raiz* e *radical*, mas só conceituam radical; 3) há autores que só mencionam o radical, conforme a seguir:

#### 2.2.3.1 Autores que distinguem, conceitualmente, *raiz* de *radical*

Entre os autores que distinguem, conceitualmente, *raiz* de *radical*, citem-se os seguintes:

**Raiz** – é o morfema originário e irreduzível que contém o núcleo significativo comum a uma *família lingüística* (ROCHA LIMA, *op. cit.*, p.193).

**Radical** – é o morfema que funciona como o segmento lexical da palavra, opondo-se ao segmento que lhe assinala (por meio de outros morfemas) as flexões e a derivação. (*ibid.*, *loc. cit.*).

*Raiz* é a expressão mais simples a que pode ser reduzida uma palavra. (ALMEIDA, *op. cit.*, p.82).

Nas palavras variáveis dá-se o nome **desinência** à parte final flexível; à parte que resta da palavra, tirando-se a desinência dá-se o nome **tema** ou **radical**. (*ibid.*, *loc. cit.*).

**Raiz** é o elemento originário e irreduzível em que se concentra a significação das palavras, consideradas do ângulo histórico. Geralmente monossilábica, a raiz encerra sentido lato e geral, comum às palavras da mesma família etimológica. (CEGALLA, *op. cit.*, p.95).

**Radical** é o elemento básico e significativo das palavras, consideradas sob o aspecto gramatical e prático, dentro da língua portuguesa atual.

Acha-se o radical despojando-se a palavra de seus elementos secundários (quando houver) [...]. (*ibid., loc. cit.*).

Observando-se os três conceitos de raiz acima apontados, verifica-se que eles são construídos com base nos critérios diacrônico, formal e semântico (1º e 3º exemplos) e formal (2º exemplo). Já o conceito de radical é construído a partir do ponto de vista formal, semântico e funcional (1º exemplo), com base no critério formal (2º exemplo) e com base nos critérios formal, semântico e funcional (3º exemplo). Mais uma vez, não há, entre os autores analisados, um critério único, para estabelecer esses conceitos.

#### 2.2.3.2 Autores que distinguem *raiz* de *radical*, mas só conceituam radical

Dentre os autores consultados, há, ainda, aqueles que distinguem *raiz* de *radical*, mas que, no corpo de suas gramáticas, só apresentam o conceito de radical, conforme a seguir:

**Radical** é o elemento mórfico que fornece a significação da palavra. O radical é conhecido também como **semantema**, **lexema** ou **morfema lexical**. Veja os exemplos:  
**pedra**      **pedrinha**      **pedrada**. (MESQUITA, *op. cit.*, p.113).

O radical é a parte da palavra responsável por sua significação principal. (INFANTE, *op. cit.*, p.105).

Os conceitos que esses autores utilizam não se afastam muito dos conceitos de *radical* apresentados na seção anterior, uma vez que têm, como base, para a sua formulação, os critérios formal e semântico.

#### 2.2.3.3 Autores que mencionam apenas o termo *radical*<sup>7</sup>

Bechara (*op. cit.*, p.494) menciona, apenas, o termo *radical*. Para ele,

*Radical* é, portanto, o núcleo onde repousa o significado relacionado com as noções do nosso mundo (ações, estados, qualidades, ofícios, seres em geral, etc.).

---

<sup>7</sup> Além do conceito que será citado, consulte-se o conceito de radical contido no conceito de cognato retirado de Griffi, citado na página 22.

Observe-se que, em nenhum dos conceitos de radical retirados das gramáticas normativas há menção ao fato de o radical ser variável ou não, tal qual se encontra nos autores dos livros didáticos. É importante destacar, ainda, que, quando se relacionam os conceitos de palavras cognatas apresentados por essas gramáticas com os conceitos de raiz e de radical nelas encontrados, três situações podem ser identificadas: 1) há autores que mencionam raiz e radical e conceituam palavras cognatas com base na raiz; 2) há autores que mencionam raiz e radical e conceituam palavras cognatas com base no radical; 3) há autores que só mencionam o radical e conceituam palavras cognatas com base nesse termo.

Assim, por exemplo, Almeida, Cegalla e Rocha Lima, nas obras citadas, distinguem *raiz* de *radical* e conceituam ambos os termos, mas somente os dois primeiros conceituam palavras cognatas com base no termo *raiz*. Mesquita e Infante, por sua vez, distinguem raiz de radical, mas só apresentam conceito para o segundo. Apesar disso, o primeiro conceitua palavras cognatas tendo como base o termo *raiz*. Bechara e Griffi, nas gramáticas consultadas, só citam radical e, nesse sentido, conceituam palavras cognatas com base no conceito de radical.

Dessa forma, quando se consideram as gramáticas normativas consultadas, verifica-se que não existe, por parte de seus autores, unanimidade em torno das discussões acerca dos termos *raiz* e *radical*, fato esse que reflete, como se viu, na discussão conceitual em torno das palavras cognatas.

Outro fato verificado, ao analisar os conceitos acima, e para o qual se deve dar destaque é que, enquanto no conceito de raiz se observa que os gramáticos costumam destacar o aspecto diacrônico dela, vinculando-a a uma visão diacrônica da língua, nos conceitos de radical, percebe-se uma vinculação dele à idéia de sincronia, o que pode ser confirmado pelas citações seguintes<sup>8</sup>:

Tal estudo [das raízes], porém, que pertence ao domínio da filologia e da gramática histórica, escapa ao objetivo destas lições, que têm por fim exclusivo ensinar a falar e, principalmente, a escrever bem a língua portuguesa. (ALMEIDA, *op. cit.*, p.82).

Para efeito de análise elementar da estrutura das palavras em português, não se busca ascender à determinação de raízes; geralmente, toma-se como ponto de partida o *radical*. (ROCHA LIMA, *op. cit.*, p.193.).

---

<sup>8</sup> Ver, também, a citação retirada de De Nicola e apresentada na página 21.

O estudo das raízes foge à finalidade da gramática normativa, só interessa à gramática histórica ou, mais precisamente, à etimologia. Numa análise morfológica elementar das palavras portuguesas, como no curso médio, deve-se preterir a raiz e partir do radical. (CEGALLA, *op. cit.*, p.95).

Em nosso livro optamos pelo uso do termo **radical** para designar o morfema que concentra a significação principal da palavra e que pode ser depreendido por meio de simples comparações entre palavras de uma mesma família. Intencionalmente, não empregamos o termo **raiz**, que está ligado à origem histórica das palavras. Para identificar a raiz de uma família de vocábulos, é necessário um conhecimento específico de etimologia. (INFANTE, *op. cit.*, p.105).

A partir disso, verifica-se que existem, no âmbito da gramática normativa, duas visões acerca das palavras cognatas: 1) aqueles autores que identificam as palavras cognatas com base no radical da palavra vêem-nas como um fenômeno sincrônico, isto é, que pode ser reconhecido a partir de um olhar sincrônico sobre a língua; 2) aqueles que identificam as palavras cognatas com base na raiz da palavra vêem-nas como um fenômeno diacrônico, ou seja, que pode ser explicado a partir de uma visão diacrônica da língua.

Diante de tais observações, é possível apontar, pois, a existência de uma contradição entre os autores que conceituam palavras cognatas tendo por fundamento a raiz da palavra, no sentido de que, apesar de eles estabelecerem o conceito de palavras cognatas com base na raiz da palavra, eles não se deterão, em suas gramáticas, no estudo da raiz, já que, para eles, esta deve ser estudada pela gramática histórica. Em razão disso, é salutar questionar: fundados em que os consulentes dessas gramáticas – de modo especial, alunos e professores – irão identificar se determinadas palavras são ou não cognatas entre si? Será que eles saberão identificar as raízes das palavras?

Com isso, verifica-se que esses autores não expõem de maneira clara o tema dos cognatos, deixando, pois, lacunas que, talvez, não possam ser preenchidas por seus consulentes.

#### **2.2.4 Conceitos retirados de gramáticas históricas e de dicionários**

Ao lado desses conceitos já apresentados para os termos *raiz* e *radical*, é importante conhecer-se, também, como esses termos são abordados em gramáticas históricas e em dicionários. Eis alguns conceitos:

RAIZ é o nome que se dá ao elemento primário e significativo da palavra, em torno do qual se agrupam os outros elementos de formação. É também denominada *base* e *semantema*.

[...] A *raiz* é, por conseguinte, a parte irreduzível da palavra, além da qual não é possível remontar.

A raiz exprime a idéia de um modo geral e é modificada pelos *afixos*. (COUTINHO, *op. cit.*, p.166).

À parte da palavra que permanece depois da eliminação do sufixo, dá-se o nome de radical. Pode ser constituído pela própria raiz, ou pela raiz acrescida de outro elemento de formação. (*ibid.*, *loc. cit.*).

‘A analyse glottologica revela nas palavras um elemento irreductivel e primordial, que é, segundo ensinam alguns, o ponto de partida da formação das linguas arianas; chama-se este elemento *raiz* ou *radical*. Encerra elle o sentido fundamental da palavra. Assim em *amor*, *amar*, *amante*, a raiz é o elemento *am*, que contem o sentido geral e indeterminado, commum a todos os membros dessa familia philologica.’ (PEREIRA, *apud* OLIVEIRA, 2002, p.80).

**raiz** *sf.* ‘(Bot.) porção do eixo das plantas superiores que cresce para baixo, em geral dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta’ ‘cerne, origem, princípio’ / XIII, *rayz* XIII, *reyz* XIV etc. / Do lat. *radix -īcis* // [...] **radical**<sup>1</sup> *adj.* 2g. ‘relativo a raiz’ XVI. Do lat. *\*rādicālis* (de *radicāliter*) // **radical**<sup>2</sup> *adj.* s2g. ‘partidário do radicalismo’ 1858; *sm.* ‘(Gram.) parte invariável de uma palavra’ 1858 // [...]. (CUNHA, *op. cit.*, p.661).

**radical** Termo muito usado na LINGÜÍSTICA como parte da classificação dos tipos de ELEMENTOS dentro da estrutura de uma PALAVRA. O radical pode se constituir de um único MORFEMA de RAIZ (um radical ‘simples’, como *roupa*), de dois morfemas de raiz (um radical ‘composto’, como *guarda-roupa*) ou de um morfema de raiz mais um AFIXO DERIVACIONAL (radical ‘complexo’, como *rouparia*). Têm em comum a noção de que é o radical que recebe os afixos flexionais. (CRYSTAL, *op. cit.*, p.218).

**raiz** (1) Termo muito usado na LINGÜÍSTICA (tradicionalmente na LINGÜÍSTICA HISTÓRICA) como parte de uma classificação dos tipos de ELEMENTOS dentro da ESTRUTURA de uma PALAVRA. A raiz é a FORMA BASE de uma palavra, que não pode mais ser decomposta, para não perder sua identidade. Ou seja, é a parte da palavra que resta quando os AFIXOS são retirados. Na palavra *infelizmente*, por exemplo, sendo retirados os afixos *in-* e *-mente*, resta a raiz *feliz*. (*ibid.*, *loc. cit.*).

**raiz** (*root*) – A forma mínima comum, o **morfema**, que aparece em todas as formas diferentes de uma mesma **palavra**. Em português, a raiz do verbo que descreve a ação dos cantores é *cant-*; ela aparece em

todas as formas do verbo: *cantar, canto, cantávamos, cantarás, cantariam, cantaremos, cantando* e assim por diante. [...].

A raiz precisa ser distinguida cuidadosamente do **radical** ou **tema** (*stem*), que consiste na raiz mais algum outro material. (TRASK, 2004, p.245).

**radical/tema** (*stem*) – Uma forma lingüística que não funciona sozinha, mas serve como base para construir formas flexionadas de **palavras** (*words forms*), que podem funcionar sozinhas. (*ibid.*, *loc. cit.*).

Algumas considerações merecem ser feitas sobre os conceitos acima: nem todos os autores distinguem, conceitualmente, *raiz* de *radical*, conforme ilustra o segundo conceito, que emprega os dois termos considerando-os como sinônimos; Cunha não apresenta a significação que o termo raiz possui no âmbito dos estudos lingüísticos; Coutinho, Pereira e Crystal caracterizam a raiz como um elemento irreduzível, que mais não pode ser decomposto. Observe, no entanto, que, enquanto que os dois primeiros (Coutinho e Pereira) parecem estar descrevendo a raiz de um ponto de vista diacrônico, Crystal apresenta um exemplo que permite concluir que sua abordagem é sincrônica, uma vez que a palavra *feliz* só não mais pode ser decomposta do ponto de vista sincrônico; Trask – assim como Crystal, no exemplo acima analisado – equivoca-se ao identificar *cant-* como a raiz do verbo *cantar*. A raiz dessa palavra é *can-*, que pode ser encontrada em palavras portuguesas como *canoro* ‘que produz som agradável, que canta bem’ (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.601), *canário* ‘[...] 7. pessoa que canta muito bem’ (*ibid.*, p.592) e no verbo latino *cano* ‘cantar’. *Cant-* é radical e não raiz; nalguns desses autores, a raiz é vista, ainda, como a parte da palavra que possui a significação básica dela. Quanto ao radical, ele é identificado com a raiz por Pereira; Cunha o apresenta como parte invariável da palavra; Coutinho e Crystal, por sua vez, não chegam, propriamente, a conceituá-lo, apresentando, apenas, maneiras de como identificá-lo em uma palavra.

Dessa forma, quando se consideram todos os exemplos de conceitos de raiz e de radical apresentados neste estudo, percebe-se que há uma oscilação teórica quanto a esses dois termos. Além disso, há autores que os consideram como distintos, mas há quem os trate como sinônimos. Há, ainda, quem atribua o conceito de um ao outro, como acontece com o conceito de radical apresentado por De Nicola, (ver página 27), que coincide com o conceito de raiz apresentado por Rocha Lima (ver página 29), por Coutinho (ver página 33) e por Crystal (ver página 33).

Tais fatos não poderiam ter como consequência outra que a dificuldade de reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, sobretudo quando, para isso,

emprega-se a teoria apresentada nas gramáticas normativas e nos livros didáticos, mas também ocorrendo, freqüentemente, em outros textos mais especializados nessa área, como os dicionários (etimológicos) e as gramáticas históricas.

Considerando, pois, que, no âmbito bibliográfico sobre as palavras cognatas, não existe um critério único para o estabelecimento de seu conceito – conforme acima apresentado – é-se levado a indagar qual é a abordagem mais adequada para conceituar e identificar palavras cognatas: partindo do conceito de raiz ou do conceito de radical?

Antes de responder a essa pergunta, acredita-se que uma adequada apresentação do que sejam palavras cognatas deve partir da análise dos elementos componentes da estrutura da palavra *cognato*, isto é, deve-se fazer uma abordagem diacrônica, mesmo que sucinta, acerca desse termo. Nesse sentido, passa-se, agora, a comentar algumas informações apresentadas por Cunha, Saraiva e por Houaiss & Villar acerca desse termo.

Conforme é possível encontrar em Cunha (*op. cit.*, p.193), a palavra *cognato* é originada a partir do latim *cognātus*. Esta palavra, segundo Saraiva (2000, p.241), é um adjetivo (lat. *cognatus*, -a, -um), o qual, por sua vez, é uma palavra composta a partir de *co* = *cum* ‘com, em companhia de’ e de *gnatus* ‘nascido’, significando etimologicamente ‘o que é nascido junto, em companhia de’, o que é confirmado por Houaiss & Villar (2002), ao relacioná-la com o verbo latino *nascor*, -eris, *natus sum*, *nasci* (‘nascer, posto no mundo’), a partir da forma antiga \**gnascor*.

Partindo, pois, da forma latina, percebe-se que essa palavra não tinha, em sua origem, nenhuma relação com fatos lingüísticos e designava, conforme Saraiva (*op. cit.*, p.241), aqueles que eram parentes – no caso dos humanos – e aqueles que eram da mesma raça, da mesma espécie – no caso de animais e plantas –, a partir do que passou a ser empregada para designar tudo aquilo que tem relação com algo, no sentido de que tem uma origem comum.

Até o início do século XVIII, no entanto, pelo menos em língua portuguesa, essa palavra não estava dicionarizada, ainda. O que existe é a palavra *cognado* e, mesmo assim, sem o significado que possui, hoje, nos estudos sobre a língua, conforme se verifica no trecho abaixo retirado do *Vocabulario portuguez e latino*, de Rafael Bluteau (1712, p.360):

**COGNAC,AM.** Cognação. Família aparentada huma com outra. [...].  
Cognação natural. He parentesco por linha feminina, no que difere de *Agnação*, que he por linha masculina.

**COGNADO.** Segundo o antigo Direyto Romano, era parente por linha feminina.<sup>9</sup>

Como, então, essa palavra passou a ser empregada para designar um fato lingüístico? Uma pesquisa bibliográfica – tanto em livros, dicionários quanto na *Internet* – não permitiu a identificação de uma resposta para essa pergunta. Considerando, no entanto, que, na citação acima, retirada do dicionário de Bluteau, não está presente, ainda, a significação lingüística que esse termo possui hoje, é oportuno, pois, concluir que tal significação só surge a partir dessa data, isto é, a partir do século XVIII.

Houaiss & Villar (2001, p.754) apresentam as seguintes acepções para a palavra *cognato*

**1GRAM LING** diz-se de ou palavra que vem de uma mesma raiz que outra(s); **cognado 2 JUR** diz-se de ou parente por cognação; cognado [...]

e indicam o dicionário de Morais e Silva, na sua edição de 1813, como a fonte em que elas (palavra e acepção lingüística) aparecem pela primeira vez. Desse modo, percebe-se que, diferentemente de Bluteau, Morais e Silva já registra o significado lingüístico para o termo *cognato*. Nesse sentido, pode-se, ainda, concluir que esse novo significado foi incorporado a essa palavra nesse intervalo de tempo de aproximadamente 100 (cem) anos.

Outro fato que vem reforçar a idéia acima é o de que *cognado* e *cognato*, sendo palavras sinônimas – conforme indicação de Houaiss & Villar (ver nota de rodapé número 9) –, passaram a integrar o léxico português em épocas diferentes, sendo esta a integrante derradeira, conforme datação acima.

Das acepções acima apresentadas para a palavra *cognado/cognato* até a denominação de um fato lingüístico, acredita-se ter havido, pois, a influência da concepção biologizante acerca da língua, tal qual aconteceu em fins do século XVIII e início do século XIX, quando, em Lingüística Histórica, se passou a conceber um parentesco entre as línguas do mundo e, conseqüentemente, entre as palavras. Assim, a palavra *cognato* passou a referir-se ao fato lingüístico de duas ou mais palavras possuírem uma origem comum.

Mas como saber se determinadas palavras têm uma origem comum? Acredita-se que isso só acontece quando se remonta a uma estrutura lingüística mais antiga possível, indivisível e significativa que pode ser encontrada em um conjunto de palavras, resguardadas

<sup>9</sup> Segundo Houaiss & Villar (2001, p.754), a palavra *cognado* é sinônima da palavra *cognato*, podendo ser empregada tanto na linguagem jurídica quanto na linguagem gramatical.

as alterações fonético-fonológicas pertinentes aos seus componentes, além de mesma significação ou significação próxima. E um estudo em tal perspectiva só se tornou possível a partir do surgimento e intensificação dos estudos lingüísticos na perspectiva diacrônica, mais precisamente, a partir do surgimento do método histórico-comparativo, através do qual se comparam duas ou mais palavras de uma língua para determinar o ponto de partida para elas ou busca-se encontrar uma origem comum para uma palavra que possui uma forma correspondente em outras línguas. Tal estudo fundamentou-se em torno do conceito de raiz.

Ora, se a raiz é a parte originária e irreduzível de uma palavra – conforme apontam alguns conceitos mencionados neste texto – e tendo em vista que as palavras cognatas são aquelas que possuem uma mesma origem, parece ser mais apropriado distinguir as palavras cognatas a partir do conceito de raiz. Dessa forma, neste estudo, para classificar um grupo de palavras como cognatas, tomar-se-á como base o conceito de raiz, entendendo-se como cognatas aquelas palavras que possuem um laço de “consangüinidade”, isto é, aquelas palavras cujas origens remontam para um ponto único, em vista de possuírem uma mesma raiz.

Os conceitos acima apresentados para o termo *raiz*, no entanto, não são suficientes para que se possa reconhecer o maior número possível de palavras cognatas em uma língua, visto que se prendem, somente, aos critérios diacrônico, formal e semântico, não contemplando o aspecto cultural que envolve uma dada raiz e as palavras que a possuem, isto é, o aspecto cultural do povo cuja língua se está analisando ou de cuja língua a raiz investigada provém. Assim, neste estudo, conceber-se-á raiz consoante Oliveira (*op. cit.*, p.112) – uma vez que seu conceito abrange os fatores apresentados, neste parágrafo, como necessários à identificação de uma raiz: “Raiz: é a base fonético-semântico-cultural das palavras, morfológicamente indivisível, foneticamente variável e semanticamente aberta”. Ou seja, a raiz é a menor parte de uma palavra, a qual pode sofrer alterações fonéticas ao longo do tempo e cujo significado – que também pode alterar-se ao longo do tempo – possui traços da cultura do povo que a utiliza.

Com relação ao termo *radical*, será considerado distinto de raiz e conceituado como “[...] a raiz alargada por um afixo lexical, comportando, por isso, divisão morfológica” (*ibid.*, p.112). Além disso, considerar-se-á, aqui, o radical como podendo sofrer variações em sua forma e em seu significado, assim como, em algumas palavras podendo coincidir com a raiz.

Após distinguir *raiz* de *radical*, é importante que se tenha a consciência de que não é, propriamente, a indistinção entre raiz e radical que provoca o não-reconhecimento de palavras cognatas, uma vez que todo radical possui, em sua estrutura, a raiz. O problema surge a partir

do momento em que se passa a empregar o radical como sendo a raiz. Isso porque radical é um conceito sincrônico e raiz um conceito diacrônico. Nesse sentido, muitas das mudanças (fonético-fonológicas, morfológicas e semânticas), pelas quais as raízes passam ao longo do tempo, podem não chegar a ser percebidas no radical, deixando-se de estabelecer, assim, relação entre as diversas formas sob as quais uma raiz pode aparecer em um estado determinado da língua e, conseqüentemente, perde-se um grande número de palavras que deixam de ser reconhecidas como cognatas, porque, no âmbito sincrônico, elas já se apresentam fonético-fonológico-morfológica e semanticamente não-transparentes.<sup>10</sup>

Desse modo, esses conceitos só podem ser bem compreendidos, assim como a identificação desses elementos estruturais e, por conseqüência, o reconhecimento de palavras cognatas bem realizados, quando se lhes associar o fato de que uma língua pode sofrer variações e mudanças ao longo do tempo. Disso resulta que, para uma melhor explanação acerca do tema aqui investigado, é necessária uma distinção entre sincronia e diacronia. Mas isso já é assunto para um outro capítulo.

---

<sup>10</sup> cf. discussão semelhante em Oliveira (*op. cit.*, p.105).

### 3 DA RELAÇÃO LÍNGUA *VERSUS* TEMPO: SITUANDO OS ESTUDOS DIACRÔNICOS E A RELAÇÃO ENTRE MUDANÇA LINGÜÍSTICA E PALAVRAS COGNATAS

Conforme pode ser percebido pelo exposto no capítulo anterior, os autores consultados (assim como nós mesmos nos conceitos que aqui adotamos) se utilizam, para conceituar e identificar palavras cognatas, de conceitos que, para serem compreendidos, exigem que a língua seja tomada em duas perspectivas diferentes: 1) que seja tomada tendo em vista um só estágio seu situado em um dado período de tempo; 2) que seja vista a partir de uma comparação de estágios situados em períodos de tempo diferentes. Perspectivas essas que já, há bastante tempo, fazem parte das abordagens sobre a língua no Ocidente.

Sendo os gregos os iniciadores dos estudos lingüísticos no Ocidente, já com eles, também, encontram-se essas duas perspectivas aplicadas aos estudos lingüísticos, respectivamente nas descrições que apresentaram sobre a língua grega e nas investigações etimológicas que empreenderam, acerca dessa mesma língua.

O contato dos gregos com os romanos, o contato destes com os estudiosos da Idade Média, os quais, por sua vez, mantiveram contato com os renascentistas, e estes com os estudiosos que os seguiram, permitiram que essas duas perspectivas estivessem sempre presentes nas abordagens lingüísticas, conforme se pode inferir do trecho seguinte, retirado de Robins (*op. cit.*, p.5):

[...] Os resultados práticos e teóricos da lingüística grega foram levados a Roma [...]; de Roma passaram por meio dos últimos gramáticos latinos à Idade Média e daí se transferiram durante e após o Renascimento para o mundo moderno, juntamente com importantes contribuições provenientes de fora da Europa. Em nenhum momento existe ruptura que signifique descontinuidade na tradição lingüística européia. Com frequência encontramos mudanças de teoria, objetivos, métodos e conceitos [...] porém cada geração de lingüistas tem à sua disposição certo conhecimento a respeito da vida e obra de seus predecessores.

Fazendo uma espécie de resumo da história da Lingüística ocidental, Coseriu (1980, p.2-3) a apresenta dividida em cinco grandes fases, nas quais se encontra, de maneira bem clara, certa polarização desses estudos com relação às duas perspectivas apresentadas no primeiro parágrafo deste capítulo – ao mesmo tempo em que confirma a continuidade dos estudos lingüísticos mencionada na citação acima –, conforme abaixo:

- a) Da antiguidade clássica até o Renascimento predominam problemas de definição, relativos, por exemplo, à essência da linguagem e às categorias das línguas, e problemas de descrição. [...].
- b) No Renascimento, mesmo não descurando por completo a preocupação teórica, há predominância de uma outra, que não fora absolutamente ignorada antes: a histórico-comparativa. [...].
- c) No século XVIII problemas antigos são retomados, discute-se novamente, por exemplo, a *teoria* e a *descrição*. [...].
- d) Com o século XIX temos, de certo modo, um retorno à problemática do Renascimento, estando o interesse voltado principalmente para *comparação* e *história*. [...].
- e) A Lingüística atual é novamente dominada pelas questões seguintes: 1) o problema da *teoria*, com várias orientações e teorias da linguagem diferentes entre si; 2) o problema da *descrição* e da *aplicação*, com propostas de questões práticas também no âmbito da lingüística histórica. [...].

É importante destacar, no entanto, que esses momentos não são estanques, isto é, isolados; pelo contrário: são momentos que, de certa forma, se interseccionam, porque, conforme a citação, acima, de Robins, os que fazem o momento seguinte são conhecedores do que os que os antecederam produziram. Tal fato é muito bem resumido por Coseriu (1980, p.4), ao apresentar, na tabela abaixo, as principais fases da Lingüística e o tipo de abordagem que predominou em cada uma delas:

Origens → →Renascimento	Renascimento → → Séc. XVIII	Século XVIII	Século XIX	Século XX
Teoria e Descrição	Comparação e história	Teoria e Descrição	Comparação e história	Teoria e Descrição

TABELA 1 – Principais fases da Lingüística e o tipo de abordagem predominante em cada uma delas, segundo Coseriu.

A partir de todas as abordagens que foram dadas à língua e acima citadas, duas posições parecem bem marcadas, quanto à forma como a língua vem sendo focalizada: 1) a descrição de uma língua tal qual ela se encontra no momento em que o falante a está empregando; 2) o estudo de uma língua comparando-se o modo como ela se encontra em estágios diferentes. Em outras palavras, pode-se dizer que, ao longo do tempo, nos estudos sobre a linguagem, foram realizados estudos sincrônicos e estudos diacrônicos, embora por um longo período não se encontre menção a esses dois termos e, conseqüentemente, não se encontre a diferença entre eles.

Para Coseriu (1980, p.5), a distinção entre esses dois pontos de vista

[...] já se acha, por exemplo, nas notas acrescentadas à edição francesa da obra já citada de Harris [...], [na qual,] Em uma das longas notas que ajunta à tradução,

Thurot declara que, ao apresentar o verbo francês, adotará não o ponto de vista etimológico, mas o da ‘ordem sistemática’, atual, do verbo francês, ou seja, a descrição de um estado é oposta à história da língua.<sup>11</sup>

Coseriu (*loc. cit.*) aponta o reconhecimento dessa distinção também na obra de Georg von der Gabelentz:

Esta distinção aflora também no século XIX, num autor muito interessante e a que Saussure deve muitíssimo: Georg von der Gabelentz [...]. Gabelentz distingue explicitamente entre fatos simultâneos (*gleichzeitig* ‘contemporâneos, sincrônicos’) e fatos que se sucedem um depois do outro, sucessivos (*aufeinanderfolgend* ‘sucessivos, diacrônicos’), e Saussure, na obra *Cours de linguistique générale* (*Curso de lingüística geral*), publicação póstuma de 1916, retoma estas definições e as traduz por *faits synchroniques* e *termes successifs*.

É, no entanto, a partir de Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral*, que a discussão em torno dos termos *sincronia* e *diacronia* ganha maior visibilidade, sobretudo porque muitos foram os que criticaram a forma como ela foi posta e, por outro lado, muitos foram os seguidores de Saussure que a defenderam.

Em seu *Curso*, após caracterizar e conceituar a língua, Saussure (*op. cit.*, p.95) a relaciona com o fator *tempo*, dizendo que é possível considerá-la sob duas perspectivas (eixos): 1) o eixo das simultaneidades – “concernente às relações entre as coisas [fatos lingüísticos] coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui” (*loc. cit.*); 2) eixo das sucessões – “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa [fatos lingüísticos] por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (*loc. cit.*).

Com isso, chama a atenção para as dificuldades que surgem a partir dessa relação: “Poucos lingüistas percebem que a intervenção do fator tempo é de molde a criar, para a Lingüística, dificuldades particulares, e que ela lhes coloca a ciência frente a duas rotas absolutamente divergentes.” (*ibid.*, p.94).

Essas duas rotas são exatamente os dois pontos de vista acima citados sob os quais a língua pode ser estudada, os quais, por suas características, dão origem, segundo Saussure (*op. cit.*, p.96), a duas lingüísticas:

Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Lingüística *sincrônica* e

---

<sup>11</sup> A obra de Harris a que Coseriu faz referência é *Hermes or a Philosophical Inquiry concerning Language and Universal Grammar* e foi publicada em Londres, no ano de 1751. A tradução francesa feita por Thurot é datada do quarto ano da república francesa, 1793.

de Lingüística *diacrônica*. [...] Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução.

Assim, para Saussure, é sincrônico “[...] tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência [Lingüística]” (*op. cit.*, p.96), “[...] uma relação entre elementos simultâneos [...]” (*op. cit.*, p.107), equivalendo, pois, ao estudo da língua no eixo das simultaneidades.

Com relação à diacronia, assim se posiciona Saussure (*op. cit.*): é “[...] diacrônico tudo o que diz respeito às evoluções” (p.96), à “[...] substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento” (p.107). Por isso, “A Lingüística diacrônica estuda, não mais as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua, mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” (p.163). Daí que essa lingüística “[...] deve distinguir duas perspectivas: uma, *prospectiva*, que acompanhe o curso do tempo, e outra *retrospectiva*, que o faça em sentido contrário” (p.106). A diacronia equivale, pois, ao estudo da língua no eixo das sucessões.

A partir do que expôs sobre a sincronia e sobre a diacronia, Saussure considerou que essas duas perspectivas de estudo da língua são opostas: “A oposição entre os dois pontos de vista – sincrônico e diacrônico – é absoluta e não admite compromissos” (*op. cit.*, p.98), porque “[...] o ‘fenômeno’ sincrônico nada tem em comum com o diacrônico [...]” (*op. cit.*, p.107).

Apesar disso, considerou que a verdade sincrônica não contradiz a verdade diacrônica (*op. cit.*, p.113) e que admitir tal contradição é “[...] ver a realidade pela metade [...]” (*loc. cit.*), de forma que é possível admitir tanto a verdade sincrônica quanto a verdade diacrônica (*loc. cit.*), nos estudos lingüísticos, já que uma não nega a outra (p.112), assim como “uma das verdades não exclui a outra” (*loc. cit.*).

Fecha essa discussão afirmando que – apesar de serem abordagens opostas da língua, embora uma não exclua a outra – se deve atentar para o fato de que elas se diferem metodologicamente: “Ainda que no estudo de uma língua a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos.” (*op. cit.*, p.116). E, ao apresentar também a possibilidade de estudo da língua através de uma abordagem sincrônica, Saussure termina elaborando uma teoria que teve grande recepção dos estudiosos, tendo por conseqüência certa “marginalização” dos estudos diacrônicos. Teve, também, grande aceitação no ensino; daí os livros didáticos – em sua maioria – e algumas gramáticas normativas, no capítulo anterior analisados, priorizarem a abordagem sincrônica, no caso particular, no estudo das palavras cognatas.

Por sua vez, a oposição radical – no sentido de que são incompatíveis – entre sincronia e diacronia, estabelecida por Saussure e sustentada, posteriormente, por muitos de seus seguidores<sup>12</sup>, tem merecido muitas críticas<sup>13</sup>, como, por exemplo, a feita por Von Wartburg (*op. cit.*), segundo o qual

[...] os estudos diacrônico e sincrônico da linguagem não são, como acreditava Saussure, independentes entre si; mas que existe, ao contrário, uma estreita relação entre o estado de uma língua em um determinado momento, e a evolução dessa língua antes e depois desse ponto (p.186),

com base no que sugere que “[...] a futura ciência da linguagem deve procurar atingir um estágio que una os dois métodos [sincronia e diacronia] em uma só comunidade orgânica, e que mostre, com toda a nitidez necessária, a interdependência entre sistema e movimento” (*ibid.*, p.132).

Mas, sem dúvidas, uma das mais importantes críticas a essa oposição radical proposta por Saussure foi apresentada por Coseriu, em *Sincronia, Diacronia e História* (1979), para quem essa oposição radical só existe quando se considera a língua de um ponto de vista não-histórico ([...] “a antinomia sincronia/diacronia só pode ser superada na e pela história” (*ibid.*, p.18)), pois “[...] para a ‘história que sistematiza e estuda aquilo que ocorre’ [...] a língua se torna um objeto único ‘em evolução’.” (*ibid.*, p.45)<sup>14</sup>.

Com isso, Coseriu defende que “[...] a língua não é ‘por sua natureza’ sincrônica ou diacrônica, pois não se trata de dois modos de ser contraditórios, nem existem objetos sincrônicos e objetos diacrônicos” (*loc. cit.*). Nesse sentido, defende, ainda, que “Apenas

<sup>12</sup> Como exemplos destes, Coseriu (1979, p.17) cita Malberg e Bally e atribui ao primeiro as palavras seguintes – como provas de tal separação: ‘o método sincrônico é, em princípio, o único que a lingüística possa aceitar e o único que esteja em harmonia com a própria natureza do assunto estudado’.

<sup>13</sup> Para Maurice Leroy (1977, p.142-143), “Esta antinomia, que desempenhava um grande papel na doutrina do Cours e que exerceu influência decisiva sobre a constituição de disciplinas como a Fonologia e o estruturalismo, nos parece seguramente hoje um dos pontos mais fracos do ensino saussuriano. Para compreender a importância que o mestre de Genebra lhe atribuía, é mister remontar à época em que ele professava os seus cursos e na qual toda a pesquisa lingüística – vale dizer, em suma, a Gramática comparada – estava centrada no aspecto histórico. De parte do inovador que era então Saussure, semelhante declaração acerca da incompatibilidade dos estudos diacrônico e sincrônico deve antes ser compreendida, parece-nos, como uma afirmação de combate, apresentada sob uma forma extremamente destinada a sacudir a indiferença e provocar uma reação salutar.”

<sup>14</sup> Para Coseriu (*ibid.*, *passim*), estudo histórico de uma língua não se confunde com estudo diacrônico; histórico, para ele, é o estudo que considera a língua, ao mesmo tempo, como sincrônica e diacrônica, isto é, em seu funcionamento, como um sistema em contínua transformação. Para este autor, sincrônico é um estado de língua, o qual “[...] é sempre ‘resultado’ de outro estado anterior [...]” (p.20); diacrônico, para ele (*passim*), é o estudo das transformações de uma língua entre dois ou mais estágios. Com esses conceitos, admite Coseriu (p.54) que o estudo sincrônico pode, também, ser feito do ponto de vista histórico: “[...] o ponto de vista histórico pode ser adotado sem contradição também em relação à língua sincrônica: do ponto de vista *histórico* (não *diacrônico*), a língua sincrônica é um sistema *atual* de tradições lingüísticas antigas e recentes.”

tecnicamente a sincronia precede à diacronia, pois a apreensão de um objeto como tal é necessariamente anterior à sua história.” (*ibid.*, p.46).

É importante ficar claro, no entanto, que, com tal ponto de vista, “[...] não se elimina a antinomia entre sincronia e diacronia (pois não há por que eliminá-la), mas apenas se reafirma o seu caráter técnico: ela pertence à técnica da investigação, e não à realidade da língua.” (COSERIU, 1979, p.46, *em nota de rodapé*).

Considerando tanto o que Saussure quanto Von Wartburg (*op. cit.*) e Coseriu (1979) apresentam sobre a relação entre sincronia e diacronia, admitir-se-á, neste texto, que é possível, sim, adotar, simultaneamente, essas duas perspectivas no estudo de um dado fenômeno lingüístico, na medida em que uma não exclui a outra, apesar de serem metodologias opostas: “[...] o investigador pode adotar alternativamente, e adota, os dois pontos de vista, o sincrônico e o diacrônico, mas isso não afeta, e sim confirma, a distinção entre sincronia e diacronia, no que ela tem de mais valioso.” (COSERIU, 1979, p.22).

Com isso, no entanto, não se está querendo dizer que todo estudo sobre uma língua tem que ser feito considerando, simultaneamente, ambas as perspectivas, pois, como bem assinalam Saussure (*op. cit.*) e Coseriu (1979), são elas métodos/técnicas para o estudo da língua. Acredita-se, todavia, que, para um estudo mais completo, em termos de riqueza, qualidade e fidelidade das informações, deva-se considerá-las ao mesmo tempo, uma vez que os fatos lingüísticos existentes hoje podem ajudar a entender como eram no passado e, conseqüentemente, pode-se explicar como e por que eles são como são hoje, como bem afirma Oliveira (2006, p.48):

Conjugando, pois, estudos sincrônicos e diacrônicos (de longa e de curta duração) tem-se mais embasamento para uma descrição fiel e segura de uma dada língua. Todavia, devido ao fato de não ser possível resolver determinados problemas históricos, já que os dados são fragmentados, pode-se utilizar a observação empírica do presente para explicar o passado e do passado para explicar o presente.

Tal perspectiva de estudo faz que se caia, assim, no domínio de outros conceitos para que esta pesquisa possa desenvolver-se. Um deles é o de mudança lingüística – o qual será tema de uma seção neste capítulo. Antes, no entanto, de tratar-se desse tema, antecipe-se o abordando, brevemente e de maneira mais específica, estudos diacrônicos já desenvolvidos no ocidente, pois foram eles que permitiram que o estudo da mudança lingüística alcançasse o grau de desenvolvimento que alcançou nos dias atuais.

### 3.1 Estudando a língua diacronicamente

Conforme se demonstrou acima, estudar uma língua do ponto de vista diacrônico é fazer uma comparação entre diferentes (duas ou mais) fases dela. A partir de tal comparação, pode-se identificar o que mudou e o que permanece inalterado, nessa mesma língua, ao longo das fases comparadas. Nesse sentido, demonstrou-se, também, que tal perspectiva de estudo já há muito tempo está presente dentro dos estudos lingüísticos ocidentais, visto que já pode ser identificada com os gregos.

Muitos séculos depois dos gregos<sup>15</sup>, segundo Robins (*op. cit.*), Dante ofereceu grande contribuição aos estudos diacrônicos, ao escrever *De vulgari eloquentia*. Conhecedor da importância desse autor e dessa obra para tal perspectiva de estudo, assim se refere Robins (*op. cit.*, p.132-133) a eles:

Pode-se dizer que começaram com Dante (1265-1321) os estudos de autores europeus sobre as relações históricas concernentes a grupos particulares de línguas, embora o parentesco entre o islandês e o inglês, evidenciado por semelhanças formais das palavras, já houvesse sido estabelecido no século XII na obra brilhante do 'Primeiro Gramático' (p.57). *De vulgari eloquentia*, de Dante [...] considera o aparecimento de diferenças dialetais (e, conseqüentemente, de diferenças de línguas), ligadas a uma fonte comum, como resultado da ação do tempo e da dispersão geográfica dos falantes. Dante distinguiu três famílias de línguas européias: a germânica ao norte, a latina ao sul e a grega em partes da Europa e da Ásia. Reconheceu na área de influência latina três diferentes línguas, todas descendentes do latim preservado pelos gramáticos.

Além de Dante e antes do século XIX, outros estudiosos se dedicaram ao estudo diacrônico das línguas, agora já na época do Renascimento, os quais deram grandes contribuições ao desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos, partindo do âmbito das línguas relacionadas ao latim:

As relações entre as línguas românicas e o latim proporcionaram o que sempre faltou ao mundo antigo: um adequado embasamento teórico para a realização de estudos diacrônicos. Contribuindo para o reflorescimento do saber, a redescoberta da Antiguidade clássica em toda a sua glória deu ao homem renascentista uma perspectiva histórica que o homem medieval não havia conhecido. (*ibid.*, p.79).

O interesse dos intelectuais renascentistas pela cultura greco-latina traria, também, contribuições para o estudo do latim e do grego, uma vez que “Os clássicos gregos e latinos

---

<sup>15</sup> No período situado entre os gregos e Dante, existiram estudos na perspectiva diacrônica. Não serão abordados, aqui, porque não são de grande importância, sobretudo para esta pesquisa.

passaram a ser lidos no original [...]” (*ibid.*, p.86). No entanto, o ponto mais alto dentro dos estudos diacrônicos, no Ocidente, ocorreu no século XIX, a ponto de Robins (*op. cit.*, p.132) afirmar que “Já é lugar-comum a afirmação de que o século XIX foi a época do estudo comparativo e histórico das línguas, sobretudo das línguas indo-européias”. Foi nessa época, também, que se desenvolveram estudos lingüísticos teórica e metodologicamente adequados aos princípios científicos, do que resultou a ciência Lingüística, sob a feição de Lingüística Diacrônica ou Histórica: “[...] o século passado [XIX] assistiu ao desenvolvimento de modernos conceitos, teóricos e metodológicos, no terreno histórico-comparativo e à concentração neste domínio lingüístico da maior parte dos esforços e talento dos lingüistas” (*ibid.*, *loc. cit.*). Foi aqui que se desenvolveu o método comparativo.

### 3.1.1 O método comparativo

A comparação entre palavras de línguas diferentes para evidenciar relações de parentesco lingüístico – trabalho esse que já pode ser identificado em Dante (cf. ROBINS, *op. cit.*, p.132-133) e em autores renascentistas (cf. COSERIU, 1980, p.2-4) – ganha novo ânimo a partir da descoberta do sânscrito pelos ocidentais em fins do século XVIII e início do século XIX, com o qual são relacionadas diversas línguas da Europa, e diversos são os estudos que surgem, conforme atesta Weedwood (2002, p.104):

O ímpeto principal para o desenvolvimento da filologia comparativa chegou no final do século XVIII, quando se descobriu que o sânscrito – a antiga língua dos livros sagrados da cultura indiana, já não mais falada e preservada apenas na escrita – tinha algumas semelhanças espantosas com o grego e o latim.

Dentre os que se destacaram, nessa época, nessa perspectiva de estudo da linguagem, podem ser mencionados (cf. FARACO, *op. cit.*, p.134-136) Rasmus Rask – que desenvolveu um estudo acerca da origem do islandês, a partir da comparação deste com outras línguas nórdicas –, Franz Bopp – que comparou o sânscrito com o grego, com o latim, com o persa e com as línguas germânicas, chegando à conclusão que essas línguas todas provinham de uma mesma língua – e Jacob Grimm, que, “[...] ao estudar o ramo germânico das línguas indo-européias, tinha dados distribuídos numa seqüência de catorze séculos e pôde assim estabelecer a sucessão histórica das formas que estava comparando” (FARACO, *op. cit.*,

p.135), e que, por adotar tal forma de estudo, é considerado o criador do estudo propriamente histórico das línguas<sup>16</sup>.

Dessa forma, a partir dos estudos da lingüística diacrônica, acima referidos, os lingüistas chegaram – utilizando, para isso, o método comparativo – à conclusão que a maior parte das línguas faladas na Europa provém de uma mesma origem, o indo-europeu, uma língua hipotética que teria sido falada por comunidades primitivas, a qual, a partir de evoluções sucessivas ao longo do tempo e de lugar para lugar, teria originado a maior parte dessas línguas<sup>17</sup>.

Tal hipótese ganhou mais força, ainda, quando se aplicou esse mesmo método ao estudo das línguas românicas, pela farta documentação existente em latim, possibilitando, assim, que o trabalho de comparação fosse validado, mesmo quando realizado naquelas línguas que não possuem documentação escrita:

A filologia românica teve um papel fundamental no desenvolvimento dos estudos histórico-comparativos. Enquanto em outras subfamílias só se alcançam os estágios mais antigos por reconstrução hipotética em razão da inexistência de registros escritos, na subfamília românica a documentação em latim é extensa, o que permitiu um importante refinamento dos estudos históricos: com uma situação em que as formas ascendentes são atestadas, foi possível reforçar a confiabilidade nos procedimentos do método nos casos em que isso não ocorria. (FARACO, *op. cit.*, p.137).

Veja-se que, a partir de tal teoria, ficou mais seguro estabelecer um estudo comparativo entre línguas ou entre fases de uma mesma língua. E foi, tendo isso por base, que

---

<sup>16</sup> Neste capítulo a palavra *histórico* foi empregada diversas vezes, nem sempre com o mesmo sentido. Portanto, aqui, faz-se necessário explicitar a diferença entre eles: quando aplicado para referir-se aos estudos da mudança no século XIX – excetuando-se a abordagem de Grimm –, *estudo histórico* equivale a *diacrônico*; para Coseriu, conforme aqui apresentado, *estudo histórico* de uma língua não é equivalente a *estudo diacrônico* (cf. p. 43, nota de rodapé n. 14). Além desses sentidos acima citados, Sousa (p.12) defende que o estudo histórico de uma língua “não remete simplesmente à dinâmica da passagem do tempo cronológico, mas sim remete à narrativa de fatos contextualizados no tempo e no espaço”, que é o tipo de estudo desenvolvido por Grimm. Neste estudo, adotar-se-á, no capítulo que segue, na parte dedicada às análises, *estudo histórico* na concepção coseriana.

<sup>17</sup> Segundo Riák (p.9) “[...] Indo-European [...] evolved from an older language – Middle PIE or IE II, of which we have some basic knowledge –, and is believed to have been spoken by prehistoric communities at some time roughly between 3.000 and 2.000 B.C., having itself evolved into different dialects, some very well attested branches from IE IIIa (Graeco-Armenian and Indo-Iranian), other well-attested ones from IE IIIb (Italo-Celtic, Germanic) and some possibly transition dialects (as Balto-Slavic), some still alive.” {“[...] o Indo-Europeu [...] se acredita ter sido falado por comunidades pré-históricas em algum tempo, aproximadamente entre 3.000 e 2.000 antes de Cristo, tendo ele se desenvolvido em diferentes dialetos, alguns muito bem atestados nos ramos do Indo-Europeu IIIa (Grego-Armeniano e Indo-Iraniano), outros bem atestados nalguns do Indo-Europeu IIIb (Ítalo-Céltico, Germânico) e alguns, possivelmente, dialetos de transição (como Balto-Eslávico), alguns ainda vivos.”} (Tradução nossa).

se tornou possível o estabelecimento da relação de cogação entre palavras de línguas diferentes<sup>18</sup>, conforme atesta Coupé (2003, p.14-15) abaixo:

A partir d'un ensemble de concepts déterminés, les linguistes établissent le pourcentage de cognats entre deux langues à partir du nombre de paires de mots (un dans chaque langue) qui sont reliés par une transformation phonétique régulière. Le terme de cognat désigne une paire de ces mots qui sont supposés descendre d'une origine commune.<sup>19</sup>

E foi a partir do estabelecimento da relação de cogação entre palavras de línguas diferentes que se tornou possível o estudo de palavras cognatas dentro de uma mesma língua, conforme se está propondo aqui. Defende-se, no entanto, que esta tarefa – difícil já por sua natureza – torna-se ainda mais difícil, por causa das mudanças lingüísticas pelas quais uma língua passa com o transcorrer do tempo.

Ao longo do tempo, no entanto, o estudo da mudança lingüística não ficou restrito, somente, à abordagem do método comparativo, surgindo, pois, novas abordagens, as quais, em essência, não abandonaram a técnica da comparação, podendo-se apontar entre elas a teoria neogramática, o estruturalismo diacrônico e a teoria sociolingüística.

### 3.1.2 Os neogramáticos

Na segunda metade do século XIX, ganha força, no âmbito dos estudos da mudança lingüística, um movimento que passou a ser conhecido por movimento neogramático, o qual surge em oposição ao modelo de estudo comparativo das línguas praticado até então, sobretudo porque não era um estudo realizado com base em dados:

Num parágrafo escrito em termos um tanto virulentos, Osthoff e Brugmann atacaram toda a especulação que não estivesse rigorosamente fundamentada nos fatos: ‘Somente o comparativista que abandone a carregada atmosfera de hipóteses da oficina onde se forjam as raízes do indo-germânico, saindo para a luz clara da tangível realidade atual em busca de informações que um teorismo vago jamais seria

<sup>18</sup> No primeiro capítulo (ver páginas 23-24), já se apresentou uma discussão em torno desse tipo de palavras cognatas, quando se comentou o conceito de cognato apresentado por Crystal.

<sup>19</sup> “A partir de um conjunto de conceitos determinados, os lingüistas estabelecem a porcentagem de cognatos entre duas línguas, a partir do número de pares de palavras (uma de cada língua) que são relacionadas por uma transformação fonética regular. O termo cognato designa um par dessas palavras que são supostas descender de uma origem comum.” (2003, p.14-15). (Tradução nossa).

capaz de fornecer-lhe, poderá obter uma correta representação da vida e transformações das formas lingüísticas'. (ROBINS, *op. cit.* p.150).

Para realizarem seus objetivos, concentraram-se em dois campos dos estudos lingüísticos: a fonética e a dialectologia. Interessaram-se pelo estudo dos dialetos, porque acreditavam que através deles poderiam obter informações importantes acerca da mudança lingüística (cf. ROBINS, *op. cit.*, p.151), até então estudada pelos comparativistas, mas – conforme criticaram – sem muita sustentação documental. Obtiveram, no entanto, maior destaque pelas descobertas e afirmações que fizeram quanto à mudança fonética.

Ao estudarem as mudanças fonéticas tanto através de documentos escritos quanto da investigação de línguas vivas (por meio do estudo dos dialetos), os neogramáticos admitiram “[...] que as mudanças sonoras se davam num processo de regularidade absoluta, isto é, as mudanças afetavam a mesma unidade fônica em todas as suas ocorrências, no mesmo ambiente, em todas as palavras, não admitindo exceções” (FARACO, *op. cit.*, p.141), regularidade essa que recebeu o nome de *lei fonética*, a qual, posteriormente, foi relativizada pelos dialectólogos e pelos sociolingüistas.

Para explicar a mudança lingüística, os neogramáticos lançaram mão da recorrência à fisiologia e à psicologia, defendendo que a mudança era provocada pela ação de fatores psicológicos e fisiológicos, ao mesmo tempo em que concebiam que a mudança tinha origem no falante (cf. FARACO, *op. cit.*, p.140).

Por todos esses pontos que levantaram – considerados polêmicos, tanto por seus contemporâneos quanto por aqueles que os sucederam –, os neogramáticos receberam algumas críticas, sobretudo no que diz respeito ao aspecto psicológico da linguagem e à regularidade absoluta das leis fonéticas, críticas essas que não impediram que suas idéias tivessem grande aceitação no que diz respeito ao estudo da mudança lingüística e não diminuam a importância desses teóricos no conjunto dos estudos diacrônicos.

Observando tudo o acima exposto sobre o modelo neogramático, percebe-se que a técnica da comparação não foi deixada de lado, embora tenha sido empregada com outros objetivos que quando foi empregada pelos que estudaram a mudança através do método comparativo.

Com o advento do estruturalismo, no entanto, apesar de sua preferência pela abordagem sincrônica, entra em cena, no âmbito da mudança lingüística, o chamado estruturalismo diacrônico.

### 3.1.3 O estruturalismo diacrônico

Não fugindo às características da abordagem estruturalista, o estruturalismo diacrônico procura encontrar as “causas” da mudança das línguas sem recorrer a fatores extralingüísticos, encontrando-as quase sempre na própria estrutura da língua ou em seu funcionamento. Dentre os autores que se destacam nessa abordagem, podem ser mencionados Roman Jakobson e André Martinet.

Na seguinte passagem do livro *Lingüística e Comunicação*, de Roman Jakobson (*op. cit.*, p.26), por exemplo, em que ele explica uma mudança vocálica ocorrida no russo falado em Moscou, percebe-se, claramente, que tal mudança é justificada por ele através da recorrência à estrutura da língua:

Passemos aos problemas de dinâmica. Tomarei como exemplo uma mudança que pude observar já em minha infância: trata-se de uma mudança notável ocorrida no sistema vocálico do russo corrente. *Em posição inacentuada especialmente, os dois fonemas /e/ e /i/ eram distinguidos pela geração de nossos avós em Moscou.* No linguajar de nossa geração e no de nossos filhos, esses dois fonemas fundiram-se num /i/. (Destaque nosso).

E reforça, mais ainda, esse ponto de vista (*ibid.*, p.28) ao dizer que “Para que uma mudança seja possível, a única condição é a de que não chegue a um estado que contradiga as leis estruturais gerais.”

Martinet (*op. cit.*), por sua vez, apesar de reconhecer que as mudanças lingüísticas – sobretudo as lexicais – estão relacionadas a fatores externos (cf. p.178), decide-se pela explicação da mudança por meio da identificação dos fatores intralingüísticos, ao dizer que “O verdadeiro objecto da pesquisa lingüística consistirá pois aqui no estudo dos conflitos existentes dentro da língua, no âmbito das necessidades permanentes dos seres humanos que entre eles comunicam por meio da linguagem.” (p.181).

Na década de 60 dos anos 1900, uma nova abordagem sobre a mudança lingüística ganha impulso nos estudos diacrônicos, buscando identificar a mudança com os fatores não-lingüísticos que a cercam: a Sociolingüística.

### 3.1.4 A Sociolingüística

Em um contexto no qual predominava uma abordagem estrutural ou psicológica sobre as línguas – inclusive no que diz respeito ao estudo da mudança –, surge nos Estados Unidos, na década de 60 do século XX, uma abordagem que correlaciona língua e sociedade, isto é, procura explicar os fatos da língua através da relação que estabelecem com fatos existentes na estrutura da sociedade da qual os falantes fazem parte<sup>20</sup>.

Aplicada, inicialmente, ao estudo da língua falada, portanto, no âmbito do estudo sincrônico, posteriormente, a Sociolingüística passou, também, a ser aplicada no estudo das línguas de um ponto de vista diacrônico, para o que se valeu – como nas outras abordagens já aqui mencionadas – de fontes escritas.

Uma importante contribuição trazida pela Sociolingüística para os estudos lingüísticos e que vem corroborar o ponto de vista defendido por Von Wartburg (*op. cit.*) e por Coseriu (1979) – ao criticarem a separação radical entre sincronia e diacronia feita por Saussure – é o que se chama, em Sociolingüística, de estudo da mudança em tempo aparente, o qual se desenvolve por meio da análise da fala de pessoas que pertencem a diferentes faixas etárias ou de textos de épocas distintas, e por meio do qual se verifica a mudança em progresso. Portanto, vê-se que é um estudo diacrônico que é desenvolvido ao mesmo tempo em que se desenvolve um estudo sincrônico, confirmando, assim, que uma língua é, ao mesmo tempo, sincrônica e diacrônica, do que resulta que essas duas abordagens podem ser empregadas, simultaneamente, no estudo de um dado fato lingüístico.

Um outro ponto defendido pelos sociolingüistas, e que trouxe importante contribuição para o estudo da mudança, é o de que uma língua ao invés de homogênea – como defendido pelas outras abordagens aqui mencionadas – é heterogênea, isto é, sincronicamente uma língua apresenta diferentes formas para um mesmo fato lingüístico. Foi a partir disso que passaram a defender que a mudança é resultado de uma “disputa” entre duas ou mais formas, resultando na “vitória” de uma delas, que passa a fazer parte do uso lingüístico de todos os falantes, enquanto que a(s) outra(s) deixa(m) de ser empregada(s).

Observe que, para a realização da pesquisa sociolingüística, é necessário fazer-se uso da comparação, seja de formas faladas seja de formas registradas em documentos escritos.

---

<sup>20</sup> As informações que aqui serão apresentadas referem-se, principalmente, à Sociolingüística Variacionista. Outras abordagens da Sociolingüística são: Sociolingüística Interacional, Dialectologia Social e Etnografia da Comunicação. (cf. ALKMIM, 2001, p.43).

Nesse sentido, mesmo considerando que os objetivos da abordagem feita pelo método comparativo e os da abordagem feita pelos sociolinguistas são diferentes, pode-se dizer que estes se utilizam do método comparativo, em sentido lato, para desenvolver suas pesquisas.

De tudo o que foi exposto acima acerca das principais abordagens sobre a mudança linguística realizadas no Ocidente, parece claro que – embora sejam abordagens diferentes entre si – um ponto mantém elas em comum, que é a comparação, seja ela de palavras pertencentes a diferentes línguas seja, ainda, de diferentes fases de uma mesma língua. Nesse sentido, considerando-se que se pretende, ao desenvolver este estudo, demonstrar que o não-reconhecimento de palavras cognatas, em língua portuguesa, é devido à mudança linguística, e não o que possibilitou a mudança, quando ela ocorreu, por que ela aconteceu ou, ainda, elaborar uma teoria da mudança, servir-se-á, para isso, basicamente, do método comparativo. Isso, no entanto, só acontecerá na parte de análises (capítulo seguinte), para o que será necessária, também, a utilização de informações sobre a mudança linguística. Informações essas que serão apresentadas na seção abaixo.

### 3.2 Sobre a mudança linguística e sua relação com as palavras cognatas

Todas as línguas naturais estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Tal fato pode ser percebido tanto através da comparação da fala de pessoas pertencentes a diferentes faixas etárias quanto da comparação de textos escritos em diferentes épocas. Nesse sentido, Martinet (*op. cit.*, p.177) afirma que “PARA se convencer de que as línguas mudam com o tempo, bastará a um português percorrer os cancioneiros medievais ou mesmo, sem recuar tanto, as obras de Bernardim Ribeiro ou João de Barros.”

Quanto ao tema da mudança linguística, talvez uma das primeiras referências possam ser retiradas do texto abaixo:

\_\_No princípio, Deus criou o céu e a terra. [...]. E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher [...]. (BÍBLIA, Gênesis, 1, 1, 27-28).

*O mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras.* Ao emigrar do oriente, os homens encontraram uma planície no país de Senaar, e aí se estabeleceram. E disseram uns aos outros: ‘Vamos fazer tijolos e cozê-los no fogo!’ Utilizaram tijolos em vez de pedras, e piche no lugar de argamassa. Disseram: ‘Vamos construir uma cidade e uma torre que chegue até o céu, para ficarmos famosos e não nos dispersarmos pela superfície da terra’.

Então Javé desceu para ver a cidade e a torre que os homens estavam construindo. E Javé disse: ‘*Eles são um povo só e falam uma só língua. Isso é apenas o começo de seus empreendimentos. Agora, nenhum projeto será irrealizável para eles. Vamos descer e confundir a língua deles, para que um não entenda a língua do outro*’. Javé os espalhou daí por toda a superfície da terra, e eles pararam de construir a cidade. Por isso, a cidade recebeu o nome de Babel, *pois foi aí que Javé confundiu a língua de todos os habitantes da terra, e foi daí que ele os espalhou por toda a superfície da terra.* (BÍBLIA, Gênesis, 11, 1-9). (Todos os destaques são nossos).

Segundo o texto bíblico, houve uma época, na história da humanidade, em que os seres humanos falaram uma mesma língua. Deus, no entanto, teria modificado a língua desses povos de tal forma que não mais foi possível às pessoas compreenderem uma às outras. Depois, Deus os teria espalhado por toda a terra.

Depreende-se, pois, do texto bíblico, que a diferenciação entre as diversas línguas do mundo é explicada por interferência divina, através da transformação de uma língua primeira.

O pensamento de que um dia os seres humanos foram usuários de uma mesma língua não é exclusividade do âmbito religioso. Também nos estudos lingüísticos, encontram-se, ao longo dos tempos, pessoas que defendem essa tese, como, por exemplo, Vera (1631, p.82), que, ao tentar explicar a diversidade das línguas do mundo, reporta-se ao mesmo fato contido no livro bíblico do *Gênesis*, acima citado, e diz que tal diversidade existe porque

Mandou Deus tal confusão a aquellas gentes (que como até li falassem uma lingua) começou cada familia a ffallar diversa linguagem das outras, com que estavam unidos. Desorte, que não se podendo entender, cesou a obra: porque hūs davão a outros cal por agua; & outros area por pedra. E por fim isso se disse: Torre de Babel: que quer dizer confusão. E com ella ajuntandose cada hum com aquelle, que o entendia, se devidirão per settenta, & hũa linguas; & se derramarão per outras tantas províncias. (VERA, *op. cit.*, p.82).<sup>21</sup>

Além dessa abordagem de Vera, que, sendo lingüística, parece fortemente influenciada pela religião, outros lingüistas há que defendem a idéia da monogênese lingüística, como, por exemplo, Meritt Ruhlen, que, segundo Ross (2006[?], p.14), teria afirmado que “A primeira palavra pronunciada pelo homem [...] foi o monossílabo *tik*, que designaria dedo.” Segundo, ainda, Ross (*loc. cit.*), “Ruhlen faz parte de um pequeno grupo de lingüistas que pensam ouvir ecos de vozes antigas e acreditam que todas as línguas tiveram

<sup>21</sup> “Mandou Deus tal confusão àquelas gentes, que, como até ali falassem uma língua, começou cada família a falar diversa linguagem das outras, com que estavam unidas. De sorte que, não se podendo entender, cessou a obra: porque uns davam a outros cal por água; e outros areia por pedra. E por fim isso se disse: Torre de Babel: que quer dizer confusão. E, com ela, ajuntando-se cada um com aquele que o entendia, dividiram-se por setenta e uma línguas e derramaram-se por outras tantas províncias.” (VERA, 1631, p.82). (Adequação ao português atual feita por nós).

uma origem comum, surgida bem antes que o homem domasse o cavalo e domesticasse o cachorro.”

Essa idéia de monogênese lingüística, no entanto, é fortemente criticada por outros lingüistas, como Claude Hagège (1986, p.15), o qual defende que o que é único aos seres humanos é a faculdade de linguagem e não a língua, conforme abaixo:

Contrairement à l'idée courante, il est très probable que l'immense diversité des idiomes aujourd'hui attestés ne se ramène pas à une langue originelle unique pour toute l'humanité. S'il y a unicité, c'est celle de la faculté de langage propre aux hominiens, et non celle de la langue elle-même. A l'origine, donc, une seule espèce (monogénéisme de la lignée), mais non un seul idiome (polygénéisme des langues), telle est l'hypothèse ici proposé.<sup>22</sup>

Independentemente de as línguas hoje usadas no mundo terem ou não uma origem única – discussão que não interessa aprofundar neste estudo – é importante destacar que, enquanto que a discussão em torno da monogênese lingüística não tem aceitação da maioria dos lingüistas, a maioria destes (ou, talvez, todos), no entanto, está de acordo que as línguas sofrem transformações de um período de tempo a outro, isto é, existe a concepção, entre a maioria dos lingüistas, de que as línguas são suscetíveis a mudanças ao longo do tempo, fato esse identificável tanto quando se comparam as línguas que se originam a partir de uma mesma língua (as várias línguas originadas do latim, por exemplo) ou quando se comparam várias fases de uma mesma língua (cf. citação de Martinet colocada no início desta seção)<sup>23</sup>.

Mas, diferentemente do texto bíblico acima, a diferenciação entre as línguas, para a Lingüística, é devida a outros fatores que não o religioso. Para Coelho (*op. cit.*, p.54-58), por exemplo, vários são os fatores que proporcionam a alteração das línguas através dos tempos, os quais são resumidos, por ele, em dois: a) fatores de ordem externa à língua; b) fatores de ordem psicológica. E, com base nisso, propõe que:

A historia da linguagem tem que considerar sobretudo 1) os diversos factores externos e os factores internos (psychologicos) que atuam sobre a linguagem, já no sentido do seu desenvolvimento, já no da sua alteração; 2) as diversas especies de

<sup>22</sup> “Contrariamente à idéia corrente, é muito provável que a imensa diversidade de idiomas, hoje atestados, não se reduz a uma língua original única para toda a humanidade. Se há unicidade, é a da faculdade de linguagem própria aos humanos e não a da língua ela mesma. Na origem, portanto, uma só espécie (monogênese da linhagem), mas não um só idioma (poligênese de línguas), tal é a hipótese proposta aqui.” (HAGÈGE, 1986, p.15). (Tradução nossa).

<sup>23</sup> Uma observação menos precisa das línguas, no entanto, como a que existiu nos estudos lingüísticos até fins do século XVIII e início do XIX, não permitia identificar – com algumas exceções –, por exemplo, que português, francês, espanhol, italiano *et cetera* tinham uma mesma fonte, isto é, que elas são, conforme nomenclatura de Crystal (cf. segundo capítulo deste texto p. 23), línguas cognatas. Essa mesma dificuldade pode ser encontrada quando, saindo do âmbito da comparação entre línguas, comparam-se palavras dentro de uma mesma língua.

alterações a que as línguas estão sujeitas, para as classificar e subir tanto quanto possível as suas causas. (COELHO, *op. cit.*, p.54)

E, a seguir (*loc. cit.*), apresenta alguns dos fatores externos que contribuem para que as línguas mudem:

O estudo dos factores externos das modificações das línguas [...] tem que determinar até que ponto as diferenças originaes ou diferenças adquiridas das línguas (a sua estrutura primitiva e as suas alterações) dependem da raça, do clima, das condições sociaes, das conquistas, da existência ou não existência d'uma litteratura, das relações dos povos, etc.

Como, neste estudo, o foco não é discutir os fatores que proporcionam a mudança lingüística, mas reconhecer na mudança lingüística um importante fator para que muitos estudiosos não reconheçam uma relação de cognação entre muitas palavras da língua portuguesa, não se discutirão, aqui, os fatores que “causam” a mudança lingüística<sup>24</sup>. Nesse sentido, focalizar-se-ão, somente, os diversos tipos de mudanças pelas quais as línguas passam ao longo do tempo, identificando quais mudanças lingüísticas estão presentes como dificultadoras do reconhecimento de palavras cognatas por parte dos estudiosos que serão abrangidos por esta pesquisa.

Mas, afinal, o que, na língua, pode mudar, sofrer alterações<sup>25</sup>? Martinet (*op. cit.*, p.177) responde a essa pergunta, quando diz que

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento.<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Para informações sobre as “causas” da mudança lingüística consultem-se, dentre outros, Coelho, Coseriu (1979), Martinet e Weinreich, nas obras referenciadas aqui.

<sup>25</sup> Por mudança, entender-se-á, nesta pesquisa, o processo, por meio do qual, em uma língua, uma raiz ou uma palavra adquirem nova forma, novo significado ou nova disposição na frase. Nesse sentido, tanto no que diz respeito à forma, ao significado quanto à estruturação no corpo da frase, pode haver mais de uma forma ou significação, em português, para uma única raiz ou palavra latina. Esse tipo de ocorrência será considerado, neste estudo, diferente do que em Sociolingüística se chama de variação (isto é, a existência de duas ou mais maneiras de apresentação de um mesmo fenômeno), uma vez que, ao contrário do que acontece neste fenômeno, naquele as formas ou significações se encontram estabilizadas, cristalizadas, e não em um processo de concorrência. Tendo, ainda, essa observação em vista, empregar-se-ão, aqui, os termos *alteração*, *transformação*, *evolução* e *mudança* como equivalentes.

<sup>26</sup> Antes de Martinet, no entanto, só para citar alguns lingüistas, Coelho (*op. cit.*, p.59) já percebera que a língua pode sofrer alterações em todos os seus planos e, assim, dissera ele: “As *alterações das línguas* estendem-se a todos os seus elementos: são *lexicologicas* ou *grammaticaes*. / As alterações lexicologicas consistem no *archaismo* e no *neologismo*. / As alterações grammaticaes dividem-se em *phoneticas*, *morphologicas* e *syntacticas*, a que podem juntar as de função (sematologicas), ainda não reduzidas a sistemas.”

Também Saussure (*op. cit.*, p.163) tivera igual percepção e afirmou que “[...] todas as partes da língua estão submetidas à mudança [...]”.

Quando se volta aos conceitos de palavras cognatas analisados – assim como ao adotado por nós – no capítulo anterior deste texto, verifica-se que, dos planos lingüísticos (fonético, fonológico, morfológico, semântico e sintático), somente o sintático não é envolvido, do que se conclui que ele não está relacionado com o conceito de palavras cognatas. Dessa forma, considerando as finalidades a que se destina esta pesquisa, neste estudo focalizar-se-ão, apenas, as mudanças que estão diretamente envolvidas na discussão do tema das palavras cognatas, isto é, destacar-se-ão, somente, as mudanças ocorridas no plano da significação e nos planos fonético-fonológico e morfológico<sup>27</sup>.

Essas mudanças já, há bastante tempo, são percebidas nas discussões lingüísticas. Segundo Ullmann (1964, p.8-9), já com os gregos antigos se encontra uma discussão em torno da mudança semântica:

Um dos problemas que os interessaram foi o das mudanças de significado como reflexo de mudanças na mentalidade pública. Num passo célebre acerca da decadência dos padrões éticos durante a Guerra do Peloponeso, Tucídides notou um sintoma desta decadência geral na depreciação de certas palavras referentes a valores morais:

'A acepção vulgar das palavras, na sua relação com as coisas, mudou como os homens julgaram convenientes. A audácia temerária veio a ser considerada como corajosa lealdade a um partido, a hesitação prudente como uma refinada covardia, a moderação como um disfarce para a fraqueza feminina, e ser sábio em todas as coisas não fazer nada em coisa alguma'.

Nas *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha (c560-636), por sua vez, já se pode encontrar, embora, ainda, de uma forma bastante diferente do tratamento dado a esse tema pela Lingüística moderna, uma referência à mudança fonética, na seguinte passagem:

Interdum autem aliae litterae in locum aliarum litterarum rite ponuntur. B et P litteris quaedam cognatio est. Nam pro "Burro" dicimus "Pyrrhum" C et G [litterae] quandam cognationem habent. Nam dum dicimus "centum" [et] "trecentos" postea dicimus "quadringsentos" G ponentes pro C. C et Q similiter cognatio est. (XXVII, 4).<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Considerando que as mudanças fonético-fonológicas estão estreitamente relacionadas com as mudanças morfológicas, quando abordarem-se as mudanças fonéticas, entendam-se como sendo, também, informações válidas para as mudanças fonológicas e para as morfológicas. Algumas vezes, empregar-se-á, também, o termo *mudanças formais*, para fazer referência às mudanças ocorridas nesses três planos.

<sup>28</sup> Algumas vezes, também, outras letras são postas convenientemente em lugar de outras. Com as letras B e P há alguma semelhança. Com efeito, em vez de "Burro" dizemos "Pyrrhum"; as letras C e G têm uma certa semelhança. Com efeito, enquanto dizemos "centum" [e] "trecentos", em seguida dizemos "quadringsentos", com G colocado em vez de C. De modo semelhante é a afinidade entre C e Q. (XXVII, 4). (Tradução nossa).

No longo período de tempo (séc. V ao IX ou XI) em que o chamado latim vulgar se vai transformando até surgirem as línguas neolatinas, diversas são as alterações formais (fonético-fonológicas e morfológicas) e semânticas pelas quais as suas palavras passam. Nesse sentido, aquelas que, com formas e significados alterados, foram absorvidas pelas novas línguas – de modo especial as que passaram a constituir a língua portuguesa – apresentam-se bastante modificadas, dificultando, assim, o reconhecimento de palavras cognatas nessas línguas.

### **3.2.1 A mudança fonética e a constituição do léxico português**

Assim como as palavras estão sujeitas a mudanças no âmbito de seu significado, também sofrem mudanças em seu plano fonético, conforme atesta Lausberg (1974, p.92): “A mudança fonética é um fenómeno da mudança linguística em geral. Que os sons de uma língua podem mudar no decurso do tempo é um facto por toda a parte comprovado”.

Sendo uma língua que se originou a partir do latim levado à Península Ibérica, a língua portuguesa tem o seu léxico, em sua maior parte, constituído de palavras oriundas da língua latina. A contribuição latina, no entanto – como resultado da própria heterogeneidade existente no latim –, não ocorreu da mesma maneira, sendo, pois, possível apontar os seguintes meios pelos quais a língua portuguesa recebeu tal contribuição, os quais estão diretamente relacionados com a formação da sua estrutura fonético-fonológica: 1) formação popular; 2) formação erudita ou literária; 3) formação semi-erudita ou semi-literária.

#### **3.2.1.1 Formação popular**

Quando os conquistadores romanos chegaram à região que hoje corresponde a Portugal, sua língua entrou em contato com as línguas dos povos que lá já estavam, tendo-se, como consequência desse contato, a incorporação numa de traços típicos da outra. Após a queda do Império Romano, a língua dos soldados e dos outros romanos dotados de baixa escolaridade – língua essa denominada inculta, vulgar ou popular, a qual já se diferenciava em vários aspectos da língua utilizada pelos membros das classes sócio-culturalmente

privilegiadas – passou a ser influenciada fortemente pelos hábitos lingüísticos dos povos locais. Com o conseqüente passar do tempo, essa influência foi-se intensificando, tendo-se como resultado a formação da língua portuguesa.

Desse modo, “As palavras latinas que pertencem à língua portuguesa desde o princípio da sua formação chamam-se palavras herdadas ou populares” (HUBER, 1986, p. 25) ou, como diz Câmara Jr (*op. cit.*, p.195), vocábulos populares são aqueles

[...] provenientes do latim vulgar que constituíram o léxico fundamental da língua portuguesa, com as mudanças fonéticas sistemáticas, próprias da sua estrutura fonética, [tais como] mutação nas vogais, sonorização das consoantes surdas intervocálicas, palatalização sob diversos aspectos, síncope da vogal postônica dos paroxítonos, etc.

### 3.2.1.2 Formação erudita ou literária

Constituídos o Estado e o idioma portugueses, eles seguiram seus rumos. Este, cuja base lexical – como já foi dito – proveio do latim popular, no entanto, não se afastou da língua latina, sendo, agora, seu contato com a língua de Cícero, isto é, com o latim clássico ou literário. Assim, devido ao fato de a linguagem ser

[...] um “organismo vivo” que está constantemente a renovar-se com muitos outros termos que a *necessidade* de exprimir idéias novas, a *influência de escritores* mais em voga, que, usando de um vocabulário reduzido e levados decerto por motivos estéticos, deram preferência a uns vocábulos em detrimento de outros, e as *relações com outros povos* nos fizeram aceitar em todos os tempos, desde o começo da formação do nosso idioma (NUNES, *op. cit.*, p.398, aspas nossas),

a língua portuguesa foi influenciada, sobremaneira, pela língua latina clássica, incorporando ao seu léxico inúmeras palavras diretamente do latim. Esse fato pode estar relacionado a um outro: ao fato de que era o latim “[...] a língua dos eruditos, aquela em que, com exclusão quase completa de outra qualquer, se achavam escritos os tratados científicos e sobretudo as obras religiosas, que era o que nessa época mais se apreciava” (*ibid.*, *loc. cit.*).

Com vistas nisso, considerar-se-á, neste estudo, como sendo contribuição erudita, a importação de palavras diretamente do latim clássico ou literário para a língua portuguesa, sem que essas palavras tenham, portanto, passado por um processo de alteração fonética – ao menos as que caracterizam a passagem do latim popular para o português.

Comparando-se as contribuições que provieram do latim popular e do clássico, percebe-se que

A diferença que se dá entre os vocábulos pertencentes à língua literária e os da popular é palpável, pois ao passo que os desta foram sucessiva e por vezes grandemente modificados nos respectivos sons componentes, os daquela já existiam com a mesma forma [...] ou foram criados artificialmente (NUNES, *op. cit.*, p.399-400)

### 3.2.1.3 Formação semi-erudita ou semi-literária

Ao lado das palavras que provieram do latim popular e das contribuições oferecidas pelo latim clássico, o léxico português possui, ainda, algumas palavras que não se enquadram em nenhuma dessas duas possibilidades. No entanto, observando-se a estrutura delas, percebe-se que apresentam, ao mesmo tempo, elementos clássicos e populares. Essas palavras são caracterizadas como sendo de contribuição semi-erudita ou como diz Nunes (*op. cit.*, p.400):

Mas ainda entre as palavras da língua literária umas há que na sua passagem do latim para o português nenhuma alteração sensível sofreram, enquanto nos sons de outras produziram-se modificações que muito as aproximam das populares [...]. Por apresentarem assim uma feição que em certo modo os aproxima dos populares é que a tais vocábulos, como ficou dito, se deu o nome de semi-literários.

Ou, ainda, conforme Coutinho (*op. cit.*, p.200):

Entre umas e outras [eruditas e populares] devem ser mencionadas as *semi-eruditas* ou *semicultas*. São assim denominadas as que, tendo ingressado na língua por via erudita, caíram depois no domínio do povo, que lhes introduziu algumas modificações.

Abaixo, segue uma tabela com exemplos que ilustram os três tipos de formação acima, a partir dos quais se pode perceber a diferença entre eles:

Português \ Latim	Formação popular	Formação literária	Formação semi-literária
<i>macūla(m)</i>	mágoa, mancha	mácula	
<i>apothēca(m)</i>	adega, bodega		Botica
<i>vagīna(m)</i>	Bainha	vagina	Vagem

TABELA 2 – Palavras portuguesas oriundas da língua latina e seus respectivos processos de formação.

De todo o exposto, resulta que é possível encontrar, em língua portuguesa, mais de uma forma (palavra) que proveio de uma única palavra latina. Por partirem de uma mesma forma original latina e por apresentarem-se sob formas diferentes é que essas palavras são chamadas de *divergentes*, ou segundo Câmara Jr (*op. cit.*, p.102)

[...] em gramática histórica dois ou mais vocábulos de uma mesma língua, que têm o mesmo étimo. A divergência é em regra não apenas fonológica mas também de significação ou semântica; ex.: *apotheca* > port. *adega, bodega, botica*, com significação muito diversa entre si.

Assim, para um só vocábulo latino pode haver em português dois ou mais vocábulos.

Assim, por causa dessa diversidade de composição lexical, é possível encontrar, no léxico da língua portuguesa, segundo Câmara Jr (*op. cit.*, p.108), a conjunção de:

- muitos vocábulos eruditos ao lado de vocábulos populares da mesma origem; ex.: *recuperar* : *recobrar*;
- muitos adjetivos eruditos correspondendo a substantivos populares; ex.: *ouro:áureo, neve:níveo, olho:ocular*;
- superlativos eruditos, derivados de adjetivos populares; ex.: *paupérrimo:pobre* (lat. *paupere-*);
- alguns participípios presentes, eruditos, para verbos populares; ex.: *proveniente:provir* (lat. *provenire*).

Além dessa co-existência de palavras eruditas e populares – que deu origem às palavras divergentes –, na língua portuguesa há, também, o que se chama de *palavras convergentes*. Para Câmara Jr (*op. cit.* p.85), são convergentes os “[...] Vocábulos que, provindos de étimos diversos, sofreram convergência fonológica, apresentando uma estrutura fonêmica como HOMÔNIMOS (v. homonímia). Exs.: 1) *são*, adj., ‘sadio’ (lat. *sanu-*); *são*, adj., de *santo* por próclise (v.)<sup>29</sup>; 3) *são*, verbo (lat. *sunt*).”<sup>30</sup>

A convergência ou homonímia entre vocábulos mostra, pois, claramente, que o uso, apenas, do critério formal, isto é, da semelhança atual nas formas das palavras, pode fazer com que se considerem palavras cognatas palavras que nada possuem em comum, a não ser a forma. Assim, palavras como as apresentadas por Câmara Jr, no exemplo acima, podem, aparentemente, deixar transparecer procederem de um mesmo radical (numa abordagem

<sup>29</sup> Câmara Jr aqui se equivoca, pois sendo *são* proveniente de *santo* (do lat. *sanctu(m)*) não poderia ele ter sofrido próclise – que é o acréscimo de fonema no início de uma palavra –, mas sim síncope – que é a queda de fonema no interior (meio) da palavra – ou apócope – queda de fonema no fim de uma palavra. Tal equívoco, no entanto, não invalida as outras informações apresentadas.

<sup>30</sup>Para Câmara Jr (*op. cit.*, p.139) homonímia é a “Propriedade de duas ou mais formas, inteiramente distintas pela significação ou função, terem a mesma estrutura fonológica.”

sincrônica) ou de uma mesma raiz (numa abordagem diacrônica). Essas palavras, em particular, não possuem nem o mesmo radical nem a mesma raiz.

Vê-se, desse modo, que as palavras homônimas – por conseqüência das mudanças fonéticas que sofreram, as quais as tornam idênticas a outras palavras – são exemplos de palavras que parecem cognatas, mas não o são. São, portanto, falsos cognatos. Palavras desse tipo constituem, pois, grandes empecilhos para a realização de uma descrição adequada das palavras cognatas. Ao mesmo tempo, podem ser usadas em favor de uma abordagem diacrônica acerca desse tema. Se não, como explicar, então, essas três palavras: são cognatas ou não? Se cognatas, por que o são: pela semelhança formal? Ou pela proximidade de seus significados? Ou por ambas? Se não, por que não: pela dessemelhança formal? Por seus significados não serem próximos? Ou por ambos?

É lógico que uma abordagem sincrônica que considerar essas palavras como cognatas terá que justificar sua descrição pelo motivo formal, isto é, são cognatas porque são semelhantes na forma, uma vez que seus significados nada possuem em comum. Por outro lado, se não forem consideradas cognatas será por causa de seus significados não serem próximos, já que a forma delas é igual.

Observe, no entanto, que justificar que duas ou mais palavras são ou não cognatas empregando, apenas, o critério da semelhança formal e/ou da proximidade/afinidade semântica é fazer uso de um critério insuficiente. Um exemplo que depõe contra esse critério é o par de palavras portuguesas *bainha/vagina*, cujos membros, não sendo semelhantes nem formal nem semanticamente, em uma abordagem diacrônica são considerados palavras cognatas entre si.

Seguindo, pois, o critério sincrônico, na análise dessas duas palavras, ver-se-á que elas não apresentam o mesmo radical, muito menos significados próximos, conforme o indicam as seguintes acepções retiradas de Cunha (*op. cit.*):

**bainha** *sf.* ‘estojo de espada’ ‘tudo o que tem a forma de dobra’ / XIV, *baynha* XIII, *beyna* XIV, *veyna* XV / Do lat. *vagina* [...]. (p.557).

[...] **vagina** *sf.* ‘(Ant.) canal entre o útero e a vulva’ 1818. Do lat. *vagina* [...]. (p.809).

Comparando-se as informações constantes nos verbetes dedicados às palavras *bainha* e *vagina*, observa-se que Cunha apresenta para elas uma mesma origem, o latim *vagina*, que

significa, segundo Faria (1985, p.570), em sentido próprio ‘bainha (da espada), bainha (em geral)’ e por extensão de sentido ‘invólucro, casca’.

Se essas duas palavras provêm de uma mesma palavra latina, é possível concluir-se que elas apresentam entre si um núcleo significativo comum e que elas passaram a integrar a língua portuguesa por vias diferentes, constituindo, pois, formas divergentes. Assim, a palavra *bainha* teve origem através da língua popular – o latim vulgar – (*vagina* > *vaña* > *baynha* > *bainha*), enquanto que a palavra *vagina* foi introduzida na língua portuguesa por via erudita, uma vez que não apresenta as alterações acima, comuns na passagem da língua latina popular à língua portuguesa.

Tal fato pode, ainda, ser confirmado através da análise do significado dessas duas palavras. Assim, a palavra portuguesa *bainha* ‘bainha, invólucro’ possui o mesmo significado que a palavra latina *vagina*, conforme citado acima, isto é, ‘lugar em forma de invólucro onde se coloca algo’. A partir desse significado da palavra que se incorporou à língua portuguesa por via popular, originou-se, por metáfora, o significado da palavra erudita de ‘canal entre o útero e a vulva’.

Pode-se, então, com base nas informações acima, propor a seguinte evolução semântica para a palavra latina *vagina*:

lat. *vagina* ‘bainha (da espada)’ → ‘bainha em geral’ → ‘casca’ → ‘envoltório, invólucro para qualquer coisa’ → ‘canal entre o útero e a vulva’, no qual é colocado o órgão sexual masculino no momento da relação sexual → ‘invólucro para esse órgão’, no momento da relação sexual.

QUADRO 1 – Reconstrução da cadeia semântica da palavra *vagina*.

Desse modo, percebe-se que a mudança fonética traz dois tipos de dificuldade para a descrição das palavras cognatas, pois faz tanto com que palavras que possuem uma mesma origem se tornem dessemelhantes formalmente quanto aproxima, no que diz respeito à forma, palavras que possuem origens distintas. Isto é, a mudança fonética faz com que palavras que são cognatas não pareçam ser cognatas, ao mesmo tempo em que faz com que palavras que não são cognatas pareçam ser.

Por outro lado, a descrição das palavras cognatas com base apenas no significado atual das palavras faz com que significados historicamente relacionados a uma mesma forma não sejam considerados como tal, contribuindo, assim, para o não-reconhecimento de palavras cognatas, como acontece com as palavras acima.

Tanto as palavras divergentes quanto as convergentes são – como se viu – resultados diretos da ação da mudança fonética. Desse modo, no estudo que aqui se realiza, algumas das mudanças fonéticas, pelas quais as palavras latinas que constituem a língua portuguesa passaram, merecem destaque, dada a frequência com que são encontradas quando se compara o latim com o português, tais como *apofonia*, a *palatalização*, a *síncope*, a *sonorização* entre outras.<sup>31</sup>

Além das mudanças acima, não se pode desconsiderar, nessa atividade de identificação das palavras cognatas, a importância que podem ter as mudanças que há entre consoantes homorgânicas<sup>32</sup>, isto é, a consoante de uma raiz pode ser substituída por uma outra, dando origem a uma nova forma, muitas vezes muito diferente formal e/ou semanticamente, quando considerada a partir de um ponto de vista sincrônico. Um bom exemplo quanto a isso é apresentado por Oliveira (*online*, ETIMOLOGIA...), com relação à raiz indo-européia \*pel-:

Imbricada com as duas primeiras lacunas [a indistinção entre homonímia e polissemia; o processo de abstração], quer como causa quer como efeito, está a desconsideração das homorgânicas, o que tem como principal prejuízo a negligência do reconhecimento de muitos cognatos. Para ilustrar essa lacuna, parecem ser suficientes três vocábulos latinos que são tratados como homônimos pela tradição, mas que são cognatos, se consideradas as variações homorgânicas da raiz, uma vez que a afinidade semântica é explícita entre os três: *plico* ‘dobrar’, *flecto* ‘dobrar, curvar’ e *valgus* ‘que tem as pernas curvas, dobradas para fora’.

Tudo isso, por sua vez, muito contribui para o não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, pois as mudanças ocorridas, ao mesmo tempo em que as transformam formalmente, quase sempre são acompanhadas de transformações semânticas, resultando num distanciamento entre ponto de partida (*terminus a quo*) e ponto de chegada (*terminus ad quem*).

### 3.2.2 A mudança semântica

Uma língua – devido, sobretudo, a seu caráter social e aos fatores que a envolvem, tais como a história e a cultura de seu povo, assim como seu contato com línguas de outros

<sup>31</sup> Essas mudanças e seus conceitos serão mais bem discutidos no capítulo seguinte, no qual se procurará demonstrar que, em muitos exemplos, o não-reconhecimento de palavras cognatas, tanto na lexicografia etimológica quanto por professores de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e no Médio, é uma consequência da desconsideração da mudança lingüística, inclusive no plano formal.

<sup>32</sup> Por consoantes homorgânicas, entender-se-á, aqui, aquelas que têm em comum pelo menos um traço fonético-fonológico, como serem bilabiais /p/ e /b/, lábio-dentais /f/ e /v/, surdas /p/ e /f/.

povos *et cetera* – está fortemente propensa a sofrer mudanças. Dentre os aspectos que podem passar por essas mudanças, sem dúvidas um dos mais afetados é o relativo à significação das palavras, portanto, o aspecto semântico da língua, conforme destaca Ullmann (*op. cit.*, p.401): “De todos os elementos lingüísticos arrebatados no seu curso, o significado é, provavelmente, o que menos resiste à mudança”.

Assim, “as palavras, uma vez criadas e providas de um certo sentido, são levadas a restringi-lo, a estendê-lo, a transportá-lo de uma ordem de idéias para outra, a elevá-lo ou rebaixá-lo em dignidade, em resumo, a mudá-lo” (BRÉAL, 1992, p.77).

Quanto à língua portuguesa, a mudança de significado das palavras já é percebida por Duarte Nunez de Lião (1606), ao comparar os significados que algumas palavras possuem na época em que ele as estuda e o significado que possuíam na língua latina, da qual provieram. Veja-se o que ele apresenta em sua abordagem:

A corrupção de impropria e alhea significação que damos aos vocabulos compreende grande numero delles como nesta palaura ladraõ que chamamos, não somente o q rouba em publico: ou no campo, mas ainda ao que furta occultamente, e que he o que os latinos chamaõ fur, sendo differentes delictos, e que tem differentes penas, porque a obra do ladraõ publico chamamos roubo, e a do ladraõ secreto, furto. (p.39).

[...]

E como nesta palaura casa, que significando propriamente na lingoa latina as choupanas, ou choças, que são as casas rusticas, chamamos casas assi as que são grandes e reaes como as do campo. (p.40).

No primeiro exemplo apresentado, o que há é a transferência de significado de uma palavra para outra que, agora, além do seu significado próprio, isto é, o que possuía na língua latina, passa, também, a acumular o significado que pertencia a outra palavra latina. No segundo exemplo, uma palavra que possuía um significado mais restrito tem o seu significado ampliado – o que não foi muito diferente do que aconteceu com o primeiro exemplo – e, com isso, acaba, também, mudando de significado.

Particularmente produtivas nesse processo de mudança de significado das palavras são a metáfora<sup>33</sup> e a metonímia<sup>34</sup>, resultando, assim, ou na restrição ou na extensão do sentido de uma dada palavra. Através do uso desses recursos lingüísticos, tem-se o surgimento da polissemia. Na polissemia,

<sup>33</sup> Por metáfora, entender-se-á nesta pesquisa a “[...] transferência (gr. *metaphorá*) de um termo para um âmbito de significação que não é o seu; ao contrário da metonímia (v.) não se fundamenta numa relação objetiva entre a significação própria e a figurada, mas, sim, numa relação toda subjetiva, criada no trabalho mental de apreensão [...]” (CÂMARA JR, *op. cit.*, p.166).

<sup>34</sup> Já por metonímia, ainda segundo Câmara Jr (*op. cit.*, p.167-168), entender-se-á a “[...] ampliação do âmbito de significação de uma palavra ou expressão, partindo de uma relação objetiva entre a significação própria e a figurada. [...]”.

O sentido novo, qualquer que seja ele, não altera o antigo. Ambos coexistem um ao lado do outro. O mesmo termo pode empregar-se alternativamente no sentido próprio ou no metafórico, no sentido restrito ou no sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto [...].

À medida que a significação nova é dada à palavra, parece multiplicar-se e produzir exemplares novos, semelhantes na forma, mas diferentes no valer. (BRÉAL, *op. cit.*, p.103).

Assim como as palavras, também as raízes tornam-se polissêmicas, resultando, muitas vezes, na perda do elo anteriormente existente entre os significados das palavras das quais uma raiz faz parte<sup>35</sup>.

Com isso, pode-se dizer que esse caráter polissêmico das raízes e das palavras surge no instante em que o uso cada vez mais freqüente delas acarreta o seu emprego em sentido conotativo ou figurado – muito freqüentemente metafórico ou metonímico – em decorrência da mudança de referente. Disso resulta a conclusão que, em sua origem, uma raiz ou uma palavra não é polissêmica, o que equivale a dizer que é à medida que passa a ser mais e mais utilizada por um povo que elas adquirem caráter polissêmico.

Para isso, muito contribuem as mudanças formais pelas quais uma raiz passa, associadas à especificação de significado que cada nova forma passa a ter, dificultando ainda mais o reconhecimento das palavras cognatas. Assim, palavras portuguesas como *fazer*, *fácil*, *feito* e *eficaz* (veja-se, também, o exemplo composto pelo par *bainha/vagina* atrás analisado), que atualmente não apresentam semelhanças formais e, embora tenham seus significados relacionados à ‘ação de fazer algo’, dificilmente são reconhecidas como cognatas quer por professores, quer por lexicógrafos etimológicos, muito menos, ainda, por falantes. Uma abordagem diacrônica atenta, no entanto, revelará que todas essas palavras possuem em comum a raiz latina *fac-*, conforme demonstram, respectivamente, as palavras latinas que lhes deram origem (*facere*, *facilem*, *factum*, *efficacem*)<sup>36</sup> e ficará, então, demonstrado que todas essas palavras são cognatas.

Por meio dos exemplos acima, demonstra-se, pois, a fragilidade de uma discussão, acerca das palavras cognatas, que se pautar somente na abordagem sincrônica, uma vez que, nessa perspectiva, as palavras serão consideradas tal qual se encontram no momento descrito, esquecendo-se de considerar, portanto, que esse momento é resultado de uma série de outros

<sup>35</sup> Desse modo, por polissemia, entender-se-á, nesta pesquisa “[...] o acúmulo de significações em torno de uma única raiz.” (OLIVEIRA, 2002, p.114).

<sup>36</sup> A raiz latina *fac-*, ao receber o prefixo *ex-*, sofre apofonia e altera-se em *fic-*, o que é normal, conforme o conceito de raiz adotado nesta pesquisa (ver capítulo anterior), dando origem à palavra *efficacem*.

momentos, todos eles relacionados uns com os outros tanto temporal quanto contextualmente, a partir dos quais tanto a forma como a significação de uma raiz foi sendo alterada.

Por tudo o que até aqui foi apresentado, acredita-se que descrever as palavras cognatas apenas do ponto de vista sincrônico é – usando as palavras de Saussure (*op. cit.*, p.113) – “[...] ver a realidade pela metade [...]”, no sentido de que se está tomando uma parte de um objeto de estudo como se o fosse por completo, o que não acontece quando as palavras cognatas são descritas a partir de um estudo histórico, pois nesta abordagem – e aqui se usam as palavras de Coseriu (1979, p.45) – “[...] a língua se torna um objeto único em ‘evolução’”, no sentido de que esse objeto passa a ser estudado sob as duas perspectivas [sincronia e diacronia] que ele permite, oferecendo, assim, uma visão global sobre ele.

Para isso – em virtude de o significado de uma palavra está ligado, principalmente, à sua raiz e ao contexto sócio–histórico–cultural ao qual está associado –, não se pode prescindir da contribuição dada por esses fatores para a identificação das palavras cognatas. Desse modo, tomar-se-á como base para esta abordagem o *critério etimológico*. Além disso, será de grande valia, em alguns exemplos, o recurso ao método Palavras e Coisas<sup>37</sup>, pois,

Com isso, podem-se alargar as possibilidades de rastreamento histórico-evolutivo das palavras, pois se considerarão, ao mesmo tempo, as identidades fonéticas entre os fonemas (homorgânicas), as alterações fonéticas ocorridas nas palavras ao longo do tempo (metaplasmos) e o empirismo na nomeação das coisas do mundo (Palavras e Coisas). (ANJOS, 2006, p.68).

Demonstrado, assim, teoricamente, que o estudo das palavras cognatas está estreitamente ligado ao estudo da mudança lingüística, procurar-se-á, no capítulo que segue, demonstrar isso na prática, analisando exemplos de palavras cognatas que não foram reconhecidas como tais – tanto na abordagem de um dicionário etimológico quanto em questionários aplicados a professores de Língua Portuguesa, tanto do nível fundamental como do médio – porque a mudança lingüística não foi considerada.

---

<sup>37</sup> Segundo Iorgu Iordan (1962, *passim*), o método *Palavras e Coisas* se dedica ao estudo da relação entre as palavras e as coisas que elas designam, entre a língua e a cultura de um povo. Adverte, ainda (p.102), que R. Meringer, o fundador desse método, “[...] não estabelece teòricamente nenhuma diferença entre objectos e ideias: para ele tudo isso são coisas e como tal devem ser estudadas”. E, a seguir, apresenta o conceito que Meringer atribui a “coisas”: ‘Por ‘coisas’ entendemos não só os objectos concretos, mas também pensamentos, noções e instituições, que encontram a sua expressão lingüística em qualquer palavra ...’ \_\_ ‘... os fenómenos psíquicos presentes no espírito do falante ... são também ‘coisas’, como objectos concretos, dos quais apenas conhecemos as imagens físicas da nossa alma.’ (MERINGER, *apud* Iordan, *loc. cit.*).

#### 4 MUDANDO A LÍNGUA, NÃO RECONHECENDO OS COGNATOS

Na capa da revista *Entre Livros* (Ano I, nº 4), encontra-se a seguinte afirmação: “A PARTIR DE UMA PROVÁVEL ORIGEM COMUM, ELAS [as línguas] SE MULTIPLICARAM E CHEGAM HOJE A MAIS DE 6 MIL VARIAÇÕES”, isto é, a partir de uma língua primitiva que sofreu, ao longo do tempo, transformações, várias outras línguas surgiram, tornando-se, pois, línguas cognatas. O estabelecimento dessa relação de cogação, neste caso, no entanto, é difícilimo, talvez até impossível. Em outros, contudo, é, perfeitamente, possível.

Outros exemplos de mudança lingüística que ocasionaram diversificação lingüística foram demonstrados por meio do método comparativo no âmbito do que se chamou de línguas indo-européias e de línguas românicas, línguas originadas, respectivamente, a partir do indo-europeu e do latim.

Nos três exemplos de diversificação lingüística acima, tem-se o que Crystal (cf. p.23) chama de línguas cognatas, isto é, línguas que historicamente provêm de uma mesma fonte. Ao lado desse tipo de cogação, encontra-se, também, a cogação entre palavras da mesma língua (cf. p.24). Este tipo, tanto quanto o anterior, nem sempre, é fácil de ser identificado, e, justamente, por isso, muitos estudiosos, sejam eles professores sejam eles lexicógrafos etimológicos, não conseguem reconhecer determinadas palavras que, por sua origem, são cognatas, como sendo cognatas, incorrendo, desse modo, em inadequações descritivas.

Na tentativa de mostrar que o não-reconhecimento de palavras cognatas se dá tanto no âmbito da descrição especializada (isto é, em dicionários etimológicos) quanto por parte de professores de Língua Portuguesa nos Ensino Fundamental e Médio (inclusive em suas atividades de sala de aula), a partir de então passar-se-á a analisar exemplos em que podem ser verificadas tais inadequações descritivas.

Abaixo, iniciar-se-á a análise do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (DELP)<sup>38</sup>, procurando demonstrar, de maneira pormenorizada, que a mudança lingüística interfere, decisivamente, no não-reconhecimento de palavras cognatas presentes nele. Após as análises referentes aos dados retirados do DELP, far-se-á a análise dos questionários que foram aplicados a professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio.

---

<sup>38</sup> A partir de agora, referir-se-á a esta obra somente de maneira abreviada, chamando-a de DELP.

#### 4.1 Nem tudo que é parece: exemplos de não-reconhecimento de palavras cognatas no DELP

Com o objetivo de facilitar para os consulentes a consulta de um dicionário, os lexicógrafos elegem, quanto à estruturação de tais obras, determinado critério que servirá de base para isso. Nesse sentido, segundo Dapena (*op. cit.*, p.71) vários são os critérios existentes, tendo-se, pois, diferentes maneiras de ordenar as entradas de um dicionário, podendo-se, às vezes, empregar mais de um critério<sup>39</sup>.

Na introdução do DELP, por exemplo, Cunha afirma que – ao lado de outros recursos de estruturação de seu dicionário – adotará, simultaneamente, no que tange à ordenação das entradas, o critério da ordem alfabética e o critério etimológico, isto é, reunirá em um mesmo verbete, dispostas alfabeticamente, as palavras cognatas, tal como fica claro nos trechos a seguir:

Com o propósito de facilitar ao consulente o manuseio do *Dicionário* (destaque do autor), julgamos oportuno adotar, também, a ordenação alfabética, que é a mais normal e a mais comum em obras deste gênero. Convém notar, porém, que certos verbetes mereceram tratamentos diferenciados, em face das suas características peculiares e, principalmente, em razão das vantagens que adviriam *da reunião em um só verbete dos derivados, compostos e cognatos do vocábulo que intitula o verbete, para melhor compreensão das origens e da história de cada um desses vocábulos.* (p.XI, destaque nosso).

Para melhor elucidar o consulente no tocante às íntimas correlações etimológicas entre vocábulos de mesma origem remota e, mais particularmente, com o objetivo de economizar o espaço físico do *Dicionário* (destaque do autor), propiciando assim um melhor aproveitamento da matéria e a conseqüente inclusão de um maior número de vocábulos, *reuniram-se num único verbete, como já mencionamos anteriormente, os principais derivados, compostos e cognatos do vocábulo em epígrafe.* (p.XIX, destaque nosso).

Considerando o conceito de palavras cognatas apresentado por Cunha em seu dicionário, conforme abaixo,

---

<sup>39</sup> “[...] la ordenación más frecuente de los diccionarios es la alfabética; pero, a su lado, existen otras que generalmente se dan en combinación con esta última, tales como la ideológica o analógica, por familias etimológicas o morfológicas y la estadística, a las que podemos añadir [...] la estructural.” (DAPENA, *op. cit.*, p.71). {“[...] a ordenação mais freqüente dos dicionários é a alfabética; porém, a seu lado, existem outras que geralmente se dão em combinação com esta última, tais como a ideológica ou analógica, por famílias etimológicas ou morfológicas e a estadística, às quais se pode juntar [...] a estrutural.” (DAPENA, *op. cit.*, p.71). (Tradução nossa).}

**cognato** *adj. sm.* ‘cognado’ ‘(Gram.) diz-se de, ou voc., que tem raiz comum com outro(s)’ XVI. Do lat. *cognātus* [...] (CUNHA, *op. cit.*, p.193).

e relacionando com as citações acima, pode-se afirmar que a proposta de Cunha é, então, dispor em um mesmo verbete as palavras que se originam de uma mesma raiz<sup>40</sup>. Nesse sentido, a inobservância a tal critério constituirá uma contradição de Cunha e, portanto, tratamento das palavras envolvidas como não-cognatas.

Ao longo da macroestrutura<sup>41</sup> do DELP, é possível perceber que, em muitos verbetes, tal critério é seguido e, realmente, as palavras cognatas são colocadas em um mesmo verbete, conforme o exemplo abaixo:

**etimologia** *sf.* ‘ciência que investiga as origens próximas e remotas das palavras e a sua evolução histórica’ / *ethemollagia* XV / Do lat. *etymologiā* –*ae*, deriv. do gr. *etymología*. O voc. já ocorre no séc. XVI, com a forma *Etimollisyas*, em alusão ao título da obra de Isidoro de Sevilha (c560-636), as famosas *Etymologiae* // **étimo** *sm.* ‘vocábulo que é origem de outro’ / *etymo* 1844 / Do lat. *etymon*, deriv. do gr. *étymon* // **etimo**LÓG · ICO / *ety-* 1712 / Do lat. *etymologicus*, deriv. do gr. *etymologikós* // **etimo**LOG · ISTA / *ety-* 1813 // **etymó**LOGO / *ety-* 1881 / Do lat. *etymológus* –*i*, deriv. do gr. *etymológus*. (p.336).

Procurando-se, ao longo do DELP, não se encontrará nenhuma palavra cognata com as que compõem o verbete acima compondo outro verbete, o que caracteriza, pois, uma coerência com o que seu autor colocara na *Introdução* desse dicionário.

Faz-se necessário destacar, aqui, uma importante estratégia utilizada por Cunha ao longo da estrutura do DELP e que muito contribui para a realização da proposta que ele apresentara na *Introdução* do mencionado dicionário: o sistema de remissão a outros verbetes. Esse sistema permite, ao mesmo tempo, que Cunha disponha os verbetes do DELP em ordem alfabética, mantendo, também, a ordenação pelo critério etimológico, isto é, permite dispor os verbetes alfabeticamente e colocando as palavras cognatas em um só verbete, conforme ele próprio destaca na *Introdução* desse dicionário: “Um sistema rigoroso de remissões facilita a

<sup>40</sup> Observando-se o conceito de raiz apresentado por Cunha (ver citação à página 33), percebe-se, no entanto, que ele não apresenta, para esse termo, a acepção com que ele é empregado nos estudos sobre a linguagem, o que, sem dúvidas, traz problemas para a sua descrição lingüística, conforme ficará demonstrado ao longo desta pesquisa.

<sup>41</sup> Segundo Dapena (*op. cit.*, p.135), *macroestrutura* de um dicionário é o conjunto de “[...] todas sus entradas dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador [...]” “[...] todas as suas entradas dispostas de acordo com um determinado critério ordenador [...]”. (Tradução nossa).

localização imediata de todo e qualquer vocábulo estudado no *Dicionário*.” (p.XIX, destaque do autor).

Assim, muitos são os exemplos em que o verbete, disposto alfabeticamente, apresenta apenas a entrada seguida de uma remissão indicando que a palavra que está na entrada se encontra em outro verbete, com cuja(s) palavra(s) estabelece uma relação de cognação, conforme pode ser ilustrado com os exemplos abaixo, que remetem para o verbete em cuja entrada se encontra a palavra **cor**<sup>1</sup>:

**color** · ação, -ante, -ar, -ear, -ido, -ífico, -ímetro, -ir, -ismo, -ista, -izar →COR<sup>1</sup> (p.196)  
**cor** · ado, -ador, -adouro →COR<sup>1</sup> (p.216)  
**cor** · ante, -ar →COR<sup>1</sup> (p.216)  
**des** · **color** · ação, -ar, -ir →COR<sup>1</sup> (p.251)  
**des** · **cor** · ado, -ar →COR<sup>1</sup> (p.252)

Todos esses verbetes, que remetem para **cor**<sup>1</sup>, estão distribuídos ao longo deste verbete, possibilitando, como se assinalou acima, o uso simultâneo do critério alfabético e do etimológico, resultando na disposição das palavras cognatas em um mesmo verbete, conforme a seguir:

**cor**<sup>1</sup> *sf.* ‘sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão’ ‘tom, matiz’ / XIII, *coor* XIII, *color* XIII etc. / Do lat. *colōrem* // **colorAÇÃO** 1881. Do fr. *coloration* // **colorADO** XIII. Do lat. *colōrātus*, part. de *colōrāre* // **colorANTE** 1813. Do fr. *colorant* // **colorAR** *vb.* ‘colorir’ XIV. Do lat. *colōrāre* // **colorEAR** *vb.* ‘colorir’ XVII // **colorIDO** *adj. sm.* XX. Do it. *colorito* // **colorÍ** · FICO 1858. Do lat. tard. *colōrificus* // **colorÍ** · METRO 1873 / Do fr. *colorimètre* // **colorIR** *vb.* ‘dar cor(es) a’ 1548 // **colorISMO** XX // **colorISTA** 1813. Do fr. *coloriste* // **colorIZAR** *vb.* ‘colorir’ / -sar 1858 / Do lat. tard. *colōrizāre* // **corADO** / XVI, *coorado* XIII // **corADOR** XVI // **corAD** · OURO / -doi- 1881 // **corANTE** *adj. 2g. sm.* XX // **corAR** *vb.* ‘dar cor a’ XVI. Do lat. *colāre* // **DEScolorAÇÃO** 1858. Adapt. Do fr. *décolorarion*, deriv. do lat. *decolorātīō* –ōnis // **DEScolorAR** XIV. Do lat. *dēcōlōrāre* // **DEScolorIR** 1881 // **DEScorADO** / -coor- XIII // **DEScorAR** XVI // **INcolor** 1873. Do fr. *incolore*, deriv. do b. lat. *incolor*. (p.215 - 216).

Outros exemplos do uso desse recurso podem ser percebidos com os exemplos abaixo

**con** · **domín** · **io**, -o → DOMINAR (p.205)

**dom**<sup>1</sup> → DOMINAR (p.275)  
**domínio** → DOMINAR (p.276)  
**dona** → DOMINAR (p.276)

nos quais se encontra a remissão ao verbete **dominar**, no interior do qual estão distribuídos, inclusive alfabeticamente:

**dominar** *vb.* ‘ter autoridade ou poder sobre’ ‘conter, reprimir’ ‘ser ou estar sobranceiro’ XVI. Do lat. \**dōmīnāre*, por *dōmīnāri* // **CONDomínio** 1899. Do fr. *condominium*, deriv. do ing. *condominium* e, este, do lat. med. *condōmīnium* // **CONDômino** XX. Do lat. med. *condōmīnus* // **dom**<sup>1</sup> *sm.* ‘termo de cortesia correspondente a senhor’ XIII. Do lat. *dōmīnus* ‘senhor, dono’ // **dominAÇÃO** / *dominatiões* pl. XIII., *-naciones* pl. XV // Do lat. *dōmīnātio* –*ōnis* // **dominADO** 1813 // **dominADOR** XVII. Do lat. *dōmīnātor* –*oris* // **dominÂNCIA** XX. Provavelmente do fr. *dominance* // **dominANTE** 1813. Do lat. *dōmīnans* –*antis*, part. pres. de \**dōmīnāre*, por \**dōmīnāri* // **dominGAL** XIV // **domingo** ‘primeiro dia da semana, destinado ao descanso e, principalmente, na sua origem, dedicado a atividades de oração ao senhor’ / XIII, *dominga* f. XIII / Do lat. (*dies*) *dōmīnicus* ‘dia do senhor’, que Constantino propôs, em substituição à expressão (*dies*)*solis* ‘dia do sol’, calcado na expres. Gr. *kyriakē* (*hēméra*) ‘dia do senhor’; compare al. *Sonntag* ‘dia do sol’ e ing. *sunday* ‘dia do sol’ // **dominguEIRO** XVIII // **dominical** 1813. Do lat. tardio *dōmīnicālis* // **domínio** XV. Do lat. *dōmīnium* –*ii* // **dona** *sf.* ‘proprietária’ ‘mulher, esposa’ XIII. Do lat. *dōmīna* // **donINHA** *sf.* ‘mamífero da família dos mustelídeos’ XVI. Dim. de *dona*, por afetividade. No port. med. ocorria, também, o dim. *doneza*, no séc. XIII // **dono** ‘senhor, proprietário’ XIII. Do lat. *dōmīnus* // **donOSO** XVIII // **donzel** *adj. sm.* ‘puro, ingênuo’ ‘na Idade Média, o moço que ainda não era armado cavaleiro’ XIII. Do prov. *donzel*, deriv. do lat. tard. *dōmīnicēllus*, dim. de *dōmīnus* // **donzela** *sf.* ‘orig. mulher moça nobre’ ‘atualmente, mulher virgem’ XIII. Do prov. *donzela*, do lat. tard. *dōmīnellā*, dimin. de *dōmīna*. (p.276).

Observe que, em todas as palavras contidas no verbete acima, pode ser identificada a raiz *dom-* (vejam-se as palavras latinas que lhes deram origem), a partir do que se pode dizer que todas elas são palavras cognatas. Daí, Cunha tê-las distribuído no mesmo verbete. Observe, no entanto, que não possuem elas o mesmo radical; pelo contrário, vários são os radicais: *dom-*, *domin-*, *condomin-*, *doming-*, *dominic-*, *don-*, *donz-*. O mesmo fato ocorre com **cor**<sup>1</sup>, que possui palavras com dois radicais, **color-**, **cor-**, provenientes de uma raiz latina **color-**.

Desse modo, vê-se que uma distribuição das microestruturas<sup>42</sup> com base, apenas, no radical da palavra daria origem a vários verbetes para as palavras acima – sobretudo para o último – e, por conseqüência, deixaria de relacionar várias palavras que possuem uma origem comum, assim como perderia a relação de significado comum existente entre todas as palavras que compõem cada verbete.

Observe que esta estratégia, anunciada por Cunha na *Introdução* do dicionário que aqui está sendo analisado, difere de uma outra na qual ele pede que se comparem palavras pertencentes a verbetes diferentes – talvez por considerar uma possível relação de cognação entre elas –, pois, enquanto que na primeira, o verbete não se encontra desenvolvido, contendo apenas a entrada seguida de uma remissão para o verbete no qual ela se encontra, nesta o verbete se encontra desenvolvido, isto é, além da entrada possui informações relativas a ela, conforme a seguir:<sup>43</sup>

**olho** *sm.* ‘(Anat.) órgão da visão’ / XIII, *ollo* XIII / Do lat. *ōcūlus* –i // AN**Tolhos** / XVI, –*ollos* XIII // **olh**ADA XVIII // **olh**AD · ELA 1881 // **olh**ADO XVI // **olh**ADOR / *oolhador* XV // **olh**AL XVII // **olh**AR / *aolhar* XIII, *oolhar* XIV / Do lat. *adoculāre* // **olh**EIRAS XIII // **olh**EIRO XVI // **olh**UDO 1813 // **zarolho** / *zarolho* 1813 / De etimologia obscura. Cp. ÓCULOS. (p.559).

Também com esses exemplos, admitir-se-á Cunha considerando essas palavras como cognatas, embora não as distribua em um mesmo verbete – conforme indicara nas duas citações apresentadas no início desta seção –, dada a freqüência com que esse tipo de remissão ocorre e a evidência de tratar-se de palavras cognatas.

Ao longo do DELP, percebem-se, no entanto, várias palavras que, mesmo sendo cognatas, são colocadas em entradas diferentes, não se observando a existência de qualquer remissão com indicação de que essas palavras são cognatas.

Como já se disse, inúmeros são os exemplos nos quais tal procedimento ocorre. Para início, comentar-se-ão, apenas, algumas palavras que poderiam estar nos mesmos verbetes que as palavras **cor**<sup>1</sup> e **dominar** e as demais que com cada uma delas constituem os verbetes acima apresentados. Após esse comentário, iniciar-se-á uma descrição mais detalhada do DELP, procurando relacionar o não-reconhecimento de palavras cognatas ao fator que o provocara, isto é, à mudança lingüística.

<sup>42</sup> Segundo Dapena (*op. cit.*, p.135), microestrutura é o “[...] conjunto de informaciones [...] que se ofrecen dentro del artículo lexicográfico.” “[...] conjunto de informações [...] que se oferecem dentro do verbete.” (Tradução nossa).}

<sup>43</sup> Além deste verbete, veja-se, também, o verbete **doméstico**, na página seguinte.

Enquanto que o verbete cuja entrada é a palavra **etimologia** contém todas as palavras com ela cognatas, ao longo do DELP existem palavras que são cognatas a **cor**<sup>1</sup> e **dominar**, as quais não estão nos verbetes iniciados por estas e não remetem para elas, como, por exemplo, respectivamente, **bicolor**, **tricolor** e **domar**, **dominar**:

**bicolor** *adj.* 2g. ‘que tem duas cores’ 1871. Do fr. *bicolore*, deriv. do lat. *bicōlor –oris*. (p.109).

**tricolor** *adj.* 2g. ‘que tem três cores’ / 1858 *tricoloreo* XVI / Do lat. tard. *tricolor –ōris*. (p.789).

**domar** *vb.* ‘amansar, domesticar, subjugar, refrear’ XIII. Do lat. *domāre* // **domABIL** · IDADE XX // **domADOR** XVII. Do lat. *domātor –oris* // **domÁVEL** 1813. Do lat. *domābilis* // **INDomÁVEL** XVI. Do lat. *indomābilis* // **INDômito** XVI. Do lat. *indomītus*, de *domītus*, part. pass. de *domāre*. (p.275-276).

**doméstico** *adj. sm.* ‘relativo à casa, familiar’ ‘diz-se do animal útil que vive e/ou é criado em casa’ ‘criado’ XIV. Do lat. *domesticus*, de *dōmus* ‘casa, domicílio, morada’ // **domesticAÇÃO** 1873. Provavelmente do fr. *domestication*, de *domestiquer* // **domesticAR** XVI. Do fr. *domestiquer*, de *domestique* e, este, do lat. *domesticus* // **domesticIDADE** XVIII. Do lat. tardio *domesticitas –ātis*. Cp. **DOMICÍLIO**. (p.276).

Os exemplos **bicolor** e **tricolor** que, tanto formal quanto semanticamente, são facilmente reconhecidos como cognatos com **cor**<sup>1</sup> – embora Cunha não o faça – contrastam com as dificuldades, sobretudo semânticas, de relacionar **domar** e **doméstico** com o verbo **dominar**, para o que – ao contrário dos exemplos anteriores – necessitar-se-á empreender um estudo histórico, tanto no sentido de relacionar a forma **dom-**, presente nesses vocábulos, com as palavras que compõem o verbete iniciado por **dominar** como no sentido de estabelecer um elo entre seus significados.

Assim, quando se observam as palavras **domar** e **doméstico** considerando apenas suas formas, pode-se ficar mais ou menos inclinado a considerá-las cognatas entre si e, ainda, com a palavra **dominar**. Os significados atuais delas, no entanto, não ajudarão muito a dirimir tal dúvida, uma vez que, quando se comparam esses significados, nada, ou melhor, quase nada, se percebe de comum entre eles. Quando são analisadas do ponto de vista histórico, no entanto, fica muito mais fácil afirmar que a forma **dom-**, presente nessas duas palavras e nas demais que compõem o verbete **dominar**, é a mesma forma, pois podem-se identificar, entre

seus significados, traços semelhantes. Para uma melhor demonstração quanto a isso, partir-se-á da análise de algumas palavras latinas retiradas de Faria (*op. cit.*, p.184):

**domus, -ūs e domus, -ī**, subs. f. I – Sent. próprio: 1) casa, domicílio, morada [...]. Daí: 2) Pátria [...]. II – Sent. figurado: 3) família, seita, escola [...]. 4) Edifício (de qualquer espécie) [...]

**domō, -ās, āre, domūi, domītum**, v. tr. 1) Domesticar, domar, amansar (sent. próprio e figurado) [...]. Daí: 2) Vencer, subjugar (sent. próprio e figurado) [...]

**domestīcus, -a, -um**, adj. I – Sent. próprio: 1) Da casa, doméstico [...]. Daí: 2) Da família, familiar [...]. 3) Pessoal [...]. II – Sent. figurado: 4) Que é do país, nacional [...]

**domīnus, ī**, subs. m. I – Sent. próprio: 1) Dono de casa, senhor, proprietário [...]. II – Daí: 2) Chefe, soberano árbitro (sent. próprio e figurado) [...]. 3) Senhor (título dado aos imperadores depois de Augusto e Tibério) [...]

**domīnor, -āris, -āri, -ātus sum**, v. dep. intr. Ser senhor, dominar, comandar, mandar, reinar (sent. próprio e figurado) [...]

Observando essas cinco palavras, pode-se identificar que entre elas há em comum os significados de ‘casa, ser senhor ou dono de algo (da casa, por exemplo), dominar, vencer, submeter à vontade do senhor’. A partir disso, podem-se, assim, propor as seguintes reconstruções semânticas para as palavras **domar**, **dominar** e **doméstico**:

**domar** ‘domesticar, submeter ao convívio em uma casa – em uma *domus* – um animal que tem por hábito viver no mato’ → ‘amansar, domar’ → ‘vencer, subjugar’ → ‘dominar, controlar’ os instintos dos animais ou as ações das pessoas.

**dominar** ‘ter autoridade ou poder sobre’ os demais membros de uma casa → ‘ser o senhor, o dono’ da casa → ‘vencer’ as forças que se opõem → ‘submeter’ a jugo → ‘controlar’ → ‘domar’.

**doméstico** ‘relativo à casa’, ‘submisso à casa’, ‘que faz parte de uma casa ou que vive nela’ → ‘dominado pela vontade do senhor, do dono da casa’ → ‘domado, submisso’.

QUADRO 2 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras **domar**, **dominar** e **doméstico**.

Observe que – a partir das reconstruções semânticas acima propostas, que envolvem os significados das cinco palavras latinas listadas – é possível perceber uma comunidade de

significação entre eles – isto é, é possível perceber que seus significados são semelhantes. Por possuírem, pois, tanto uma forma (a raiz **dom-**) quanto uma significação em comum, pode-se dizer que todas essas palavras são cognatas entre si.

#### 4.1.1 “Causas” do não-reconhecimento

Conforme já apontado neste capítulo, em várias passagens de seu dicionário, Cunha não obedece ao que estabeleceu na *Introdução* dele. Como consequência disso, têm-se ora palavras que possuem uma raiz comum postas num só verbete ora não.

A seção que ora se inicia, deter-se-á, pois, na análise de exemplos de palavras, retiradas do dicionário em questão, que possuem uma mesma raiz, mas que foram postas em entradas diferentes, buscando identificar que motivações fizeram Cunha proceder dessa maneira, uma vez que tal procedimento permite concluir que ele as está considerando como palavras não-cognatas, conforme está explícito na *Introdução* desse dicionário em passagens já aqui citadas (ver início da seção anterior).

Nas seções abaixo, objetivando obter uma apresentação mais detalhada e mais didática dos dados que serão analisados, dividiram-se as em fonéticas e semântico-culturais. Na realidade, essa separação não é tão estanque quanto aparenta ser, uma vez que, nos exemplos que serão analisados, a mudança fonética sempre (ou quase sempre) está relacionada com a semântica, e esta, por sua vez, com a cultural. De modo que, ao tratar de uma, menciona-se a outra, até porque uma termina funcionando como uma espécie de confirmação da outra.

##### 4.1.1.1 Aspectos fonéticos

Conforme se pré-anunciou no capítulo anterior, existe uma estreita relação entre mudança lingüística e não-reconhecimento de palavras cognatas em uma língua. Uma dessas mudanças é a fonética ou formal<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Essas mudanças são tradicionalmente conhecidas por *metaplasmos*. Neste estudo, não serão analisados todos os tipos de metaplasmo, mas somente aqueles que aparecem com mais frequência no *corpus* analisado.

No caso da identificação das palavras cognatas em língua portuguesa é importante considerar, além das mudanças que ocorreram em seu processo de formação, também, as mudanças ocorridas no próprio latim, mudanças essas que, muitas vezes, tornam a abordagem sincrônica insuficiente para dar suporte ao estudo das palavras cognatas. Dentre essas mudanças, pode-se citar a apofonia.

#### 4.1.1.1.1 Desconsideração da apofonia

No dicionário em estudo, um dos vários fatores que possibilitam o não-reconhecimento de palavras cognatas é a *apofonia*. Por apofonia, entender-se-á, aqui, “[...] a modificação que sofre a vogal da sílaba inicial de uma palavra [ou raiz] quando se lhe ajunta um prefixo [...]” (COUTINHO, *op. cit.*, p.145).

Assim, muitas vezes, como recurso de ampliação lexical, a língua latina formou novas palavras por meio do uso de um prefixo ao lado de uma palavra que já existia, como em *aduocatus* ‘advogado, defensor’ (cf. SARAIVA, *op. cit.*, p.37) (de *ad* + *uocatus*), *inuictus* ‘que não foi vencido’ (cf. *ibid.*, p.634) (de *in* + *uictus*) e *reformare* ‘dar a primeira forma a, restabelecer’ (cf. *ibid.*, p.1013 - 1014) (de *re* + *formare*). Ao contrário do que aconteceu com as palavras que formam esses exemplos – que mantiveram as formas que possuíam, antes da formação, intactas, pois não sofreram mudanças fonéticas – outras há em que, ao ser posto antes da palavra latina, o prefixo provoca uma alteração da vogal da raiz ou da primeira sílaba dessa palavra, como acontece em *incidire* ‘cair em ou sobre, acontecer’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.270) (de *in* + *cadere*), *inimicus* ‘inimigo, adversário’ (cf. SARAIVA, *op. cit.*, p.610) (de *in* + *amicus*) e de *recipere* ‘recolher, aceitar’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.466) (de *re* + *capere*). Essa mudança, por sua vez, afasta a forma (e, algumas vezes, também o significado) da palavra nova da forma (e do significado) anteriormente existente, a ponto de, sincronicamente, não serem reconhecidas como cognatas.

Ao serem inseridas na língua portuguesa, essas palavras latinas – já difíceis de serem reconhecidas como cognatas – sofrem novas mudanças, na forma e/ou no significado, tornando, assim, mais difícil, ainda, o seu reconhecimento como palavras cognatas. No DELP, por exemplo, muitas são as palavras não-reconhecidas como cognatas e que podem ter como justificativa, justamente, a interferência da apofonia. Dentre essas palavras, citem-se as que formam os pares *cadente* / *incidente*, *fácil* / *eficiente* e *cabere* / *receber*.

O verbo latino *cadĕre* ‘cair, acontecer’, ao ser anteposto do prefixo *in-*, dá origem ao verbo *incidĕre* ‘cair em ou sobre, acontecer’, com o *a* de sua sílaba inicial mudando e *i* (*cad-* > *cid-*), o que caracteriza a ação da apofonia, conforme conceito apresentado na página anterior. Do mesmo modo que os infinitivos verbais, também os participípios presentes desses verbos – respectivamente *cadens*, *cadĕntis* e *incidens*, *incidentis* – diferenciam-se pela ação da apofonia. Esses participípios deram origem, respectivamente, às palavras portuguesas *cadente* e *incidente*.

Analisando essas duas palavras, conforme elas se apresentam atualmente, percebe-se que, além da diferença quanto a suas formas, há, também, uma diferença no que diz respeito ao significado de ambas. Abaixo, segue como elas se apresentam no DELP<sup>45</sup>:

[...] **cadente** *adj.* 2g. ‘que vai caindo’, ‘cadenciado, ritmado’ XVIII. Do lat. *cadens –ĕntis* ‘que tomba, que cai’ [...]. (p.137).

[...] **INCIDENTE** XVII. Do lat. *incidens –entis*, part. pres. de *incidĕre* [...]. (p.430).

Observe que, do modo como estão dispostas, Cunha considera as palavras *cadente* e *incidente* como não-cognatas. Analisando-as, no entanto, historicamente, é possível depreender uma origem comum e, por conseqüência, podem-se encontrar, entre seus significados, pontos comuns, por meio do que se pode, ainda, demonstrar haver, entre elas, uma relação de cogação.

Assim, partindo do infinitivo latino *cadĕre* ‘cair, acontecer’, do qual se originou *incĭdere* ‘cair em ou sobre, acontecer’, é evidente a significação que há em comum entre esses dois verbos. Logicamente, seus participípios presentes – *cadens*, *cadĕntis* ‘que cai, que acontece’ e *incidens*, *incidentis* ‘que cai em ou sobre, que acontece’, respectivamente – também trazem essa significação comum.

Tendo tudo isso como base, explica-se a diferença na forma dessas duas palavras – sobretudo a mudança *cad-* > *cid-*, pela ação da apofonia – ao mesmo tempo em que uma

---

<sup>45</sup> Perceba que Cunha não apresenta o(s) significado(s) da palavra *incidente*. Recorrendo-se, no entanto, a outros dicionários encontram-se os seguintes significados atuais para essa palavra: ‘que incide, sobrevém’, ‘que tem caráter acessório, secundário’, ‘acontecimento imprevisível’ (HOUAISS & VILLAR, 2002) e ‘que incide, que recai’, ‘episódio, circunstância acidental’ (BORBA, *op. cit.*, p. 851).

comparação, de um ponto de vista histórico, entre seus significados, permite construir a seguinte cadeia de concatenação entre os significados de ambas<sup>46</sup>:

**cadente** ‘que cai, que acontece’ → ‘que cai de maneira inesperada, acidental’ → ‘incidente’ → ‘acontecimento ou circunstância inesperada, imprevista’.

**incidente** ‘que cai em ou sobre, que acontece’ → ‘cadente’ → ‘que cai de maneira inesperada’, daí ter sentido secundário, porque não previsto.

QUADRO 3 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras **cadente** e **incidente**.

Por meio da reconstrução semântica acima, percebe-se, claramente, que os significados dessas duas palavras são bastante próximos. Como, também, partem de uma mesma origem remota, acredita-se não restar dúvida em classificá-las como palavras cognatas, adotando, pois, procedimento oposto ao de Cunha. Com isso, vê-se que uma adequada abordagem acerca dessas duas palavras deveria inseri-las em um mesmo verbete.

Outro exemplo, que se encontra no DELP, de palavras cognatas não reconhecidas como tais, para o que há a interferência da apofonia, são as palavras *fácil* e *eficiente*. Dispostas em verbetes diferentes ao longo da estrutura do DELP, essas palavras constituem, no entanto, palavras cognatas, conforme se demonstrará abaixo, ambas ligadas ao verbo *fazer*, por terem a mesma raiz<sup>47</sup>:

[...] **eficiente** / *eficiente* XVII / Do lat. *efficiēns – entis*, part. pres. de *efficēre* [...].<sup>48</sup> (p.285).

**fácil** *adj.* 2g. ‘que se faz sem esforço, sem custo’ XVI. Do lat. *fácilis* [...]. (p.346).

A partir do verbo latino *facēre* ‘fazer, efetuar, executar’ e adjungindo-lhe a forma *ex*, tem-se o verbo *efficēre*, com a mudança do *a* em *i* (a raiz *fac-* muda-se em *fic-*). Desse modo, sendo *fácil* originado a partir *facēre*, assim como *efficēre*, do qual se originou *eficiente*, pode-

<sup>46</sup> Acredita-se que o fato de essas palavras terem passado a fazer parte da língua portuguesa em épocas diferentes, conforme aponta Cunha nos verbetes citados acima, não invalida a reconstrução semântica proposta aqui, uma vez que tem uma mesma origem remota e seus significados são bastante parecidos.

<sup>47</sup> Assim como aconteceu com a palavra *incidente*, acima analisada, Cunha oferece para a palavra *eficiente*, apenas, a sua origem, não fornecendo o significado dela em língua portuguesa. Nesse sentido, recorreu-se, novamente, aos dicionários de Houaiss & Villar (2002) e de Borba (*op. cit.*, p.535), para identificar os significados delas, encontrando-se, respectivamente, os seguintes: ‘que se caracteriza pelo poder de produzir um efeito real, eficaz’ e ‘eficaz’.

<sup>48</sup> Em latim, o verbo *efficēre*, do qual provém a palavra *eficiente*, segundo Saraiva (*op. cit.*, p.407), é formado a partir de *ef < ex* e *facēre*, significando *fazer, efetuar, executar, produzir* etc.

se, pois, afirmar que tanto *fácil* quanto *eficiente* têm, em sua origem remota, a raiz *fac-*, o que faz com se possa classificá-las como palavras cognatas, conforme conceito adotado neste texto (cf. p.37).

Por possuírem, pois, origem comum, também entre seus significados, podem ser encontrados traços comuns. Significando, etimologicamente, ‘que faz, que executa algo’, é evidente a proximidade semântica de *eficiente* com a palavra *fácil*, que, etimologicamente, significa ‘que se deixa fazer, fácil de fazer’ (HOUAISS & VILLAR, 2002), as duas relacionadas com a idéia de ‘fazer algo’, diferenciando-se pelo fato de que a primeira possui um significado ativo – ‘que faz’ – enquanto que a segunda possui um significado passivo – ‘que se deixa fazer’.

Outras duas palavras que não são reconhecidas como cognatas, no DELP, embora o sejam, são as palavras *caber* e *receber*. Proveniente da palavra latina *capĕre* ‘apanhar, agarrar, tomar, conter, ser capaz de, aprisionar’ (cf. FARIA, *op. cit.* p.93), a palavra portuguesa *caber* sofreu dois tipos de mudança: a queda do */el/* final (apócope) e a sonorização do fonema */p/*, que mudou em */b/*. Por seu lado, a palavra *receber*, com origem no latim *rĕcĭpĕre* (< *re* + *capĕre*) ‘recolher, retomar, receber, aceitar’ (cf. *ibid.*, p.466), além das duas mudanças já identificadas em *caber*, sofreu outras duas – apofonia e metafoia –, por conseqüência, sobretudo a primeira, da adição do prefixo *re* à palavra *capĕre* (*re* + *capĕre* > *rĕcĭpĕre*), com a posterior mudança do */il/* em */el/*.

Desse modo, percebe-se que a palavra latina *capĕre* está na origem dessas duas palavras portuguesas, tornando-as, pois, palavras cognatas. Essa conclusão fica mais ainda reforçada quando se faz uma análise histórica acerca dos significados dessas duas palavras, já que, tal qual se encontram no DELP – conforme citação abaixo –, apresentam-se bastante distanciados:

**caber** *vb.* ‘poder ser contido’ ‘poder realizar-se, exprimir-se, suceder, dentro de um certo tempo’ XIII. Do lat. *capĕre* [...]. (p.131).

**receber** *vb.* ‘tomar, aceitar’ XIII. Do lat. *rĕcĭpĕre* [...]. (p.667).

Uma abordagem histórica demonstrará que os significados dessas duas palavras estão relacionados com o significado da palavra latina a partir da qual se originaram, o latim *capĕre*. Assim, pode-se demonstrar, por exemplo, que *caber*, além de ‘poder ser contido’, significa ‘poder conter’, para o que é necessário ‘aceitar’ que algo que está fora de um dado

ambiente passe a compartilhar desse ambiente. *Caber* é, portanto, ‘receber’, ‘aceitar que algo se localize dentro dos limites (físicos ou intelectuais) de algo ou alguém’.

Confirma-se, pois, dessa forma, que, entre as palavras *cabere* e *receber*, há uma relação de cognação e que a apofonia muito dificulta esse reconhecimento, quando elas são olhadas sincronicamente.

#### 4.1.1.1.2 Desconsideração da palatalização

Outro tipo de metaplasmo que impede o reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa é a palatalização, isto é, a mudança lingüística que consiste em originar fonemas palatais a partir de fonemas não-palatais, como acontece com as palavras portuguesas *cheio*, *orelha* e *espelho*, originadas, respectivamente, a partir das palavras latinas *plenu(m)*, *auricula(m)* e *especulu(m)*.

A palavra *cheio*, por exemplo, não é reconhecida por Cunha, como sendo cognata a *pleno*, mesmo ele apontado, para ambas as palavras, um étimo comum, como se pode verificar abaixo:

**cheio** *adj.* ‘pleno, completo, repleto’ / XVI, *chêo* XIII, *cheo* XIII / Do lat. *plēnus* [...]. (p.178).

[...] **pleno** XVII. Do lat. *plēnus*, *-a*, *-um* [‘cheio’]. (p.614).

Quanto a essas duas palavras, pode-se observar, a partir de dados de Cunha, que apresentam uma mesma origem, o latim *plēnus*, constituindo, pois, formas divergentes, e, portanto, palavras cognatas. Também entraram, na língua portuguesa, por vias diferentes: enquanto que a palavra *pleno* penetrou na língua portuguesa por via erudita, *cheio* o fez através do uso popular (*\*plêo* > *chêo* > *cheo* > *cheio*).

O elo semântico entre *cheio* e *pleno* é muito fácil de ser estabelecido, uma vez que não houve um distanciamento semântico entre as duas palavras, tal qual aconteceu com *bainha* e *vagina* (cf. p.61-62). Assim, tem-se o latim *plēnus* dando origem, no século XVI, ao português *cheio*, palavra esta que possui o mesmo significado que aquela possui em latim, isto é, indica o ‘cheio, repleto’ e, posteriormente, a *pleno*, que significa ‘cheio, repleto’.

Semelhante situação se encontra, quando se comparam, no DELP, as palavras *aurícula* e *orelha*, dispostas em verbetes diferentes:

**aurícula** *sf.* ‘(Anat.) cada uma das cavidades superiores do coração’ ‘apêndice em forma de orelha’ 1844. Do lat. *auricŭla*, dim. de *auris* ‘orelha’ [...]. (p.84).

**orelha** *sf.* ‘(Anat.) cada uma das duas conchas auditivas que constituem o órgão do ouvido’ / XIII, *orella* XIII etc. / Do lat. *auricŭla* –*ae* [...]. (p.564).

Perceba que essas duas palavras possuem a mesma origem, o latim *auricula(m)*, o que garante a classificação delas como palavras cognatas. Outro fato importante a destacar, a partir da análise desses dois verbetes, é que, mesmo apontando para essas duas palavras o mesmo étimo, Cunha não as trata como cognatas. Daí, atribuir-se à mudança lingüística – de modo especial à palatalização – a “causa” do não-reconhecimento dessas duas palavras como cognatas.

Cunha também não reconhece como cognatas, no DELP, as palavras *espectador* e *espelho*, como se pode atestar abaixo:

**espectador** *sm.* ‘aquele que vê qualquer ato, testemunha’ 1813. Do lat. *spectātor* –*ōris* [...]. (p.322).

**espelho** *sm.* ‘qualquer superfície refletora’ ‘(Ópt.) superfície refletora constituída por uma película metálica depositada sobre um dielétrico polido’ XIII. Do lat. *spēcŭlum* –*i* [...]. (p.322).

Embora provenham elas da mesma raiz indo-européia *\*spek-* ‘olhar com atenção, contemplar, observar’ (HOUAISS & VILLAR, 2002), manifestada nas palavras acima sob a forma *spec-* (conforme pode ser percebido nas palavras latinas que originaram as portuguesas), Cunha não consegue perceber nelas essa origem comum. Para justificar tal procedimento, pode-se apontar como responsável o fato de ele ter concentrado as suas análises em informações sincrônicas, como, por exemplo, as formas e as significações atuais dessas palavras<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> É importante destacar que, mesmo apresentando os étimos dessas duas palavras, Cunha não as consegue identificar como palavras cognatas. Destaque-se, ainda, que só a apresentação dos étimos dessas palavras não descaracteriza ser a sua abordagem, nos exemplos em análise, predominantemente sincrônica, uma vez que as mudanças, tanto na forma como no significado, pelas quais a palavra *espelho* passou, foram desconsideradas, resultando em sua classificação como palavra não-cognata a *espectador*.

Disso resultou a desconsideração das mudanças formais pelas quais essas palavras passaram, sobretudo a palavra *espelho*, assim como a mudança semântica pela qual esta passou, ambas as mudanças contribuindo profundamente para tornar essas palavras dessemelhantes tanto na forma quanto no significado.

Desse modo, enquanto que a palavra *espectador* ainda conserva a raiz intacta, a palavra *espelho* não mais deixa transparecê-la, sendo ela encontrada somente em uma abordagem que contemple a mudança fonética, por meio da qual se demonstrará que o *lh /ʎ/* é resultado da palatalização do *-c- /k/*, da raiz *spec-*, com *-ul- /u/* e */ʎ/*, do sufixo diminutivo latino *-ulum* (*speculum* > *speculu* > *spello* > *spelho* > *espelho*).

Além da mudança fonética, também contribui para o não-reconhecimento dessas duas palavras como cognatas a desconsideração da mudança semântica, com o auxílio da qual se poderá demonstrar que, além da raiz, têm essas duas palavras, também, uma significação comum, que envolve o ‘ato de ver algo’. Assim, tem-se o *espectador* como sendo ‘aquele que ver, que presencia algo’ e o *espelho* como ‘algo por meio do qual se pode ver alguma coisa’.

Em virtude, pois, de possuírem a mesma raiz e de ser possível demonstrar que elas possuem significados próximos, de um ponto de vista histórico não há dificuldades em considerar essas duas palavras como cognatas. Já uma abordagem sincrônica, por não considerar nem a etimologia dessas palavras nem as mudanças formais e semânticas pelas quais passaram, não as considerará como cognatas, mesmo possuindo elas significados historicamente comuns, uma vez que apresentam uma grande diferença na forma.

#### 4.1.1.1.3 Desconsideração da síncope

Além dos tipos de mudança fonética acima apresentados, outro, muito freqüente, na passagem das palavras da língua latina para a portuguesa, e com grande influência no não-reconhecimento de palavras cognatas nesta língua, é a síncope, que é a mudança fonética que consiste na subtração de um ou mais fonemas no interior de uma palavra (cf. COUTINHO, *op. cit.*, p.148). Dois exemplos nos quais se pode verificar isso são as palavras *sair* e *saliente*, distribuídas, ao longo do DELP, em entradas diferentes, conforme abaixo:

**sair** *vb.* ‘passar (do interior para o exterior)’ ‘afastar-se, partir, largar’ / XIII, *sayr* XIII etc. Do lat. *sālīre* [...]. (p.699).

**saliente** *adj.* 2g. ‘que avança ou sai para fora do plano a que está unido’ ‘fig. claro, evidente’ 1759. Do lat. *saliēns –entis* [...]. (p.700).

De acordo com Cunha, o étimo da palavra portuguesa *sair* é a palavra latina *sālīre*, verbo que, segundo Saraiva (*op. cit.*, p.1056), significa ‘saltar, pular, estar agitado, rebentar, sair’. Já para a palavra *saliente*, o autor do DELP dá como étimo a palavra, também latina, *saliēns –entis*, a qual, conforme Saraiva (*op. cit.*, *loc. cit.*), é particípio presente de *sālīre* e significa ‘que salta, que pula’, podendo-se dizer, também, com base no infinitivo do qual provém, ‘que sai’.

Observando-se tanto a palavra *sālīre* quanto a palavra *saliēns –entis*, constata-se que, entre ambas, há, em comum, a estrutura *sal-*. Considerando que essas duas palavras também possuem significação comum, pode-se dizer que essa significação é dada por essa estrutura, à qual se pode, pois, atribuir a significação de ‘saltar, pular, sair’.

Com base em tudo o exposto, verifica-se que de *sālīre* para *sair* (*sālīre* > *sair*) há a síncope do //, que se encontra em posição intervocálica – há também a apócope do /e/ –, o qual continua presente em *saliente*. Como, apesar da queda do fonema //, a significação de ambas as palavras permaneceu inalterada, atribui-se só à síncope o não-reconhecimento, por Cunha, dessas duas palavras como cognatas.

Além do par *sair/saliente*, Cunha não reconhece como cognatas, em seu dicionário, por interferência da síncope, as palavras *fábula* e *falar*, facilmente reconhecidas como tais quando se volta ao latim e considera-se tanto as suas formas quanto seus significados de um ponto de vista histórico. Para isso, vejam-se os verbetes nos quais elas se encontram no DELP:

**fábula** *sf.* ‘tipo de narração alegórica’ XVI. Do lat. *fābŭla* [...]. (p.346).

**falar** *vb.* ‘dizer , exprimir por palavras’ XIII. Do lat. *fabŭlari* [...]. (p.347).

Observando-se essas palavras, tais como se apresentam quanto à forma, ver-se-á que elas são bastante diferentes. Se elas forem observadas, agora, tendo em atenção os significados que possuem, constatar-se-á que também seus significados são bastante distintos. Esses dois motivos levariam os que procuram classificar duas ou mais palavras como cognatas, tendo como critério apenas a sincronia, a classificá-las como palavras não-cognatas.

Quando, no entanto, se analisam os étimos dessas duas palavras – respectivamente, *fābŭla* ‘conversa, conversa, objeto ou assunto de conversa, narração, narração fictícia ou mentirosa’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.216) e *fabulari* ‘falar, conversar, inventar, contar mentindo’ (cf. *ibid.*, *loc. cit.*) – percebe-se que elas apresentam em comum a estrutura *fabul*-<sup>50</sup>.

Além disso, quando se analisam comparativamente os significados de ambas as palavras, verifica-se apresentarem elas significados bem próximos, podendo-se estabelecer a seguinte cadeia semântica entre elas:

**fābŭla** ‘conversa’ → ‘objeto ou assunto de uma conversa’ → ‘narração’ → ‘narração fictícia ou mentirosa’ → ‘tipo de narração alegórica’.

**fabŭlari** ‘falar, conversar’ → ‘inventar assuntos ou histórias para uma conversa’ → contar histórias mentindo’.

**fábula / falar** ‘conversa’ / ‘conversar’ → ‘objeto ou assunto de uma conversa’ ‘narração’ ‘narração fictícia ou mentirosa’ / ‘inventar assuntos ou histórias para uma conversa’, ‘contar histórias mentindo’.

QUADRO 4 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras **fábula** e **falar**.

Desse modo, demonstrada a semelhança entre os étimos e a proximidade entre os significados de *fábula* e *falar*, pode-se apontar a síncope da sílaba *-bu-* como a “causa” do não-reconhecimento dessas duas palavras como cognatas por Cunha. Além disso, não se pode desconsiderar o fato de Cunha apresentar somente os significados sincrônicos dessas duas palavras.

Além do conhecimento da mudança formal acima apontada e do conhecimento da significação histórica dessas duas palavras, também pode contribuir para identificá-las como palavras cognatas o conhecimento de que as narrativas são, primeiramente, orais e, só depois, é que passam a ser escritas, isto é, são contadas oralmente e, posteriormente, é que passam a ser escritas.

Outro exemplo da interferência da síncope no reconhecimento de palavras cognatas no DELP são as palavras *ego* e *eu*, distribuídas em verbetes diferentes e sem nenhuma remissão de uma à outra, conforme se constata da análise dos verbetes em que cada uma se encontra:

<sup>50</sup> Segundo Ernout & Meillet (1979, p.245), tanto a palavra *fábula* quanto a palavra *falar* têm sua origem relacionada ao verbo latino *fari*, que significa ‘falar, conversar’.

**ego** *sm.* ‘o eu de qualquer indivíduo’ XX. Do lat. *ēgo* [...]. (p.285).

**eu** *pron.* XIII. Do lat. *egō*, através de uma forma vulgar *\*eo*. (p.337).

Essa análise revelará, por exemplo, que essas duas palavras possuem o mesmo étimo, o que, por si só, já assegura a classificação delas como cognatas. Partindo de um étimo comum, elas, no entanto, seguiram caminhos distintos, sendo a segunda delas proveniente por meio do latim vulgar (*ego* > *\*eo* > *eu*) e a primeira, por formação erudita, no século XX, motivo pelo qual se apresenta igual à palavra latina que lhe deu origem.

#### 4.1.1.1.4 Desconsideração da sonorização

Além dos fatores acima já analisados, muitas palavras não são reconhecidas como cognatas, no DELP, pela desconsideração da sonorização<sup>51</sup>. Dentre as palavras do DELP que podem ser apontadas como exemplos têm-se: *todo* / *total*, *superar* / *sobrar*, *capacidade* / *caber*.

**todo, toda** *pron.* XIII. Do lat. *tōtus*, *tōta*. (CUNHA, *op. cit.*, p.773).

**total** *adj.2g. sm.* ‘que abrange um todo’ ‘resultado da adição’ XVI. Do lat. méd. *totālis*, de *tōtus* ‘todo’, talvez através do francês [...]. (*ibid.*, p.779).

Conforme se constata pela análise dos dois verbetes acima, tanto a palavra *total* como as palavras *todo* e *toda* são provenientes do mesmo étimo latino, a palavra *tōtus*, *tōta*, *tōtum*, que significa ‘todo, inteiro’ (cf. SARAIVA, *op. cit.*, p.552), sendo que a palavra *total* tem, ainda, como étimo intermediário, o latim medieval *totālis*, formado a partir de *tōtus*. Pode-se constatar, ainda, que os significados<sup>52</sup> dessas duas palavras, quando comparados um com o da outra, pertencem ao mesmo campo semântico, isto é, possuem traços semânticos

<sup>51</sup> Segundo Coutinho (*op. cit.*, p.143), “SONORIZAÇÃO é a permuta de um fonema surdo por um sonoro homorgânico. / Os fonemas latinos *p, t, c, f*, quando mediais intervocálicos, sonorizam-se, em português, em *b, d, g, v*, exs.: *lupu* > *lobo*, *cito* > *cedo*, *acutu* > *agudo*, *profectu* > *proveito*.”

<sup>52</sup> Cunha não apresenta significado para a palavra *todo*. Encontram-se em Houaiss & Villar (2002) e em Borba (*op. cit.*, p.1547), respectivamente, os seguintes: ‘a que não falta nenhuma parte; inteiro, completo, total’ e ‘indica a totalidade das partes ou dos componentes; inteiro; total’.

comuns e, no caso, bastante evidentes, não se podendo, pois, atribuir à mudança semântica, que, aliás, não houve, o não-reconhecimento dessas palavras como cognatas.

Assim, possuindo uma origem comum e significados próximos, não parece restar dúvidas de que, realmente, *total* e *todo* são palavras cognatas. Se considerar-se, pois, que a (maior) diferença que existe entre elas é a alternância *tot-* / *tod-* (t > d), pode-se atribuir à sonorização do /t/, que passou a /d/, como o fator responsável por Cunha não reconhecê-las como cognatas.

Outro exemplo de palavras cognatas que não são reconhecidas no DELP e que torna ainda mais evidente a interferência da mudança lingüística nesse processo é constituído pelas palavras *sobrar* e *superar*, ambas provenientes da palavra latina *supĕrāre*, mas que passaram a fazer parte do léxico português por vias diferentes.

Vindo por via erudita, a palavra *superar* diferencia-se da palavra latina que lhe deu origem apenas pela ausência do /e/ final, enquanto que a palavra *sobrar* – que veio por via popular – passou por várias mudanças, dentre elas a sonorização e a síncope<sup>53</sup>. Desse modo, tem-se, com a palavra *sobrar*, simultaneamente, dois dos tipos de metaplasmo já aqui analisados, com o /p/ mudando em /b/ (sonorização) e com a queda do /e/ interno (síncope).

Analisando essas duas palavras e os respectivos significados que lhes foram apresentados por Cunha, conforme abaixo,

**sobrar** *vb.* ‘orig. superar, sobrepujar, vencer’ ‘ext. restar, ficar de sobra’ XIV. Do lat. *supĕrāre* [...]. (p.729).

**superar** *vb.* ‘vencer, subjugar, dominar’ ‘exceder, ultrapassar’ 1572. Do lat. *supĕrāre* [...]. (p.743).

verifica-se que não há dificuldade para demonstrar que seus significados se equivalem, em algumas situações. De modo que é claramente atribuível à ocorrência dos metaplasmos citados o não-reconhecimento dessas duas palavras como cognatas.

Além dessas palavras já analisadas, merece, também, a atenção, neste estudo, o par composto pelas palavras *capacidade* / *caber*. Se não, veja só: proveniente do infinitivo latino *capĕre* ‘apanhar, agarrar, tomar, conter, ser capaz de, aprisionar’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.93), a palavra portuguesa *caber*

---

<sup>53</sup> Além das duas mencionadas, as outras mudanças pelas quais a palavra *sobrar* passou foram a apócope do *e* final e a metáfora do /ul/.

**caber** *vb.* ‘poder ser contido’ ‘poder realizar-se, exprimir-se, suceder, dentro de um certo tempo’ XIII. Do lat. *capĕre* [...]. (CUNHA, *op. cit.* p.131).

teve como mudanças, até alcançar a forma portuguesa atual, além da síncope do /e/ final, a sonorização do /p/ intervocálico, o qual mudou em /b/.

Por outro lado, a palavra *capacidade*

**capacidade** *sf.* ‘volume ou âmbito interior de um corpo vazio’ ‘habilidade, aptidão’ XV. Do lat. *capācītās –ātis* [...]. (p.150).

também se vincula, etimologicamente, ao verbo *capĕre* (cf. SARAIVA, *op. cit.*, p.178).

Considerando que tanto *capĕre* quanto *capācītās* ‘capacidade, possibilidade de conter alguma coisa, receptáculo’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.93) possuem, em comum, a raiz latina *cap-*, a qual, segundo Houaiss & Villar (2002), significa ‘tomar, agarrar, apossar-se’, pode-se, pois, afirmar tratarem-se elas – e, por conseqüência, as palavras que a partir delas se originaram – de palavras cognatas.

Aqui, além da mudança fonética, há de destacar-se, também, a mudança semântica – responsável por, sincronicamente, afastar a significação dessas duas palavras – como tendo grande contribuição para que elas não fossem reconhecidas por Cunha como cognatas.

#### 4.1.1.1.5 Desconsideração da desnasalização<sup>54</sup> e do infixo<sup>55</sup>

Veja-se que, apesar de indicar um mesmo étimo para as duas palavras abaixo, o latim *pĕnsāre*, Cunha as põe em entradas diferentes, não fazendo nenhuma ressalva para justificar tal procedimento, tratando-as, pois, como palavras não-cognatas:

**pensar** *vb.* ‘refletir, meditar, raciocinar’ ‘cuidar, tratar, curar’ XIII. Do lat. *pĕnsāre* [...]. (p.593).

<sup>54</sup> Na desnasalização, “O fonema antes nasal perde a nasalidade, tornando-se oral [...]”. (COUTINHO, *op. cit.*, p.145)

<sup>55</sup> Nesta pesquisa, entender-se-á por *infixo* “[...] o afixo (v.) que é intercalado na raiz (v.)” (CÂMARA JR, *op. cit.* p.147). Esse mesmo autor (*loc. cit.*) diz que, na língua portuguesa, não há infixo. Neste estudo, contudo, adotar-se-á ponto de vista contrário ao de Câmara Jr, considerando que o *n* presente, nalgumas palavras analisadas, corresponde a um infixo – mesmo ele não possuindo significado –, uma vez que sua “simples” presença é responsável por distinguir, sincronicamente, as raízes de palavras que outrora possuíram uma mesma raiz.

**pesar**<sup>1</sup> *vb.* ‘causar dor’ ‘avaliar o peso’ XIII. Do lat. *pěnsāre* [...]. (p.600).

Analisando-se essas duas palavras e as respectivas informações apresentadas sobre elas, percebe-se que um dos fatores que comprometem o reconhecimento delas como palavras cognatas é a desnasalização do /n/, uma vez que as torna diferentes quando consideradas sincronicamente, sob as formas que se apresentam hoje. Associando a isso o fato de que seus significados atuais apresentados por Cunha não possuem traços semânticos comuns, podem-se apontar, então, os dois fatores que impediram Cunha de reconhecer essas palavras como cognatas: a desnasalização e a desconsideração do resgate semântico dessas palavras. Em resumo, a abordagem que Cunha oferece a essas palavras é, no geral, uma abordagem sincrônica atual, o que fez com que ele não as reconhecesse como cognatas, mesmo atribuindo-lhes um mesmo étimo.

Partindo-se, pois, do latim *pěnsāre*, têm-se em português duas palavras: *pensar* e *pesar* (ver seção 3.2.1.3). Estudando historicamente seus significados, podem-se encontrar traços semânticos comuns entre eles, reforçando, ainda mais, tratarem-se de palavras cognatas. Assim, do latim *pěnsāre* “[...] I – Sent. próprio: 1) Suspende, pesar (sent. físico e moral) [...]. II – Sent. figurado: 2) Ponderar, examinar [...]” (FARIA, *op. cit.*, p.397), teve-se, no século XIII, por via popular, *pesar* ‘causar dor’ ‘avaliar o peso’ e, por via erudita, *pensar* ‘refletir, meditar, raciocinar’ ‘cuidar, tratar, curar’.

Segundo Ernout & Meillet (*op. cit.*, p.494), o verbo latino *pěnsāre* é derivado de *pěnsūm*, supino do verbo latino *pendō* ou *pendeō* – ‘ser suspenso, suspenso’, ‘suspender’, ‘pesar’ e, por especialização de sentido, ‘pesar o dinheiro’, ‘pagar’, pois antigamente os pagamentos eram feitos por meio de peças de metal que eram consideradas como unidades de valor, as quais eram postas na balança para serem pesadas e para que tivessem seu valor calculado. Ainda segundo esses autores (*loc. cit.*), tanto *pendō* quanto *pěnsāre* são frequentemente tomados no sentido de ‘pesar mentalmente, avaliar, estimar’<sup>56</sup>. Desse modo, *pěnsāre* tem todos os sentidos de *pendere*<sup>57</sup>.

Reconstruindo o elo entre as significações dessas duas palavras, tem-se, portanto, a seguinte cadeia de reconstrução semântica:

<sup>56</sup> “*Pendō, pěnsūm* se prennent souvent au sens de ‘peser mentalement’, ‘évaluer’, ‘estimer’ [...]”. (*loc. cit.*).

<sup>57</sup> “*Pěnsūm* a fourni un dénominatif *pěnsō, -ās* qui a tous les sens de *pendere*, auquel il substitue à l’époque impériale [...]”. (*loc. cit.*).

lat. *pěnsāre* ‘suspender’ → ‘pesar’ → ‘pesar mentalmente, avaliar’ > port. séc. XIII **pesar** ‘pesar, avaliar o peso’ → com base no significado etimológico de ‘suspender’ surgiu o de ‘causar dor’, como quando se suspende um animal, um carneiro, por exemplo, para que melhor se possa ‘examiná-lo’, ‘avaliar o seu peso’, o qual, pela dor causada pelas cordas amarradas em suas patas, responde berrando.

lat. *pěnsāre* ‘suspender’ → ‘pesar’ → ‘pesar mentalmente, avaliar’ > port. séc. XIII **pensar** ‘refletir, meditar, raciocinar’ → ‘cuidar, tratar, curar’.

QUADRO 5 – Reconstrução da cadeia semântica das palavras **pesar** e **pensar**.

E, dessa maneira, confirma-se, realmente, tratarem-se essas duas palavras de palavras cognatas, uma vez que partem de uma mesma origem (lat. *pěnsāre*) e possuem significados historicamente relacionáveis.

Um exemplo, a partir do qual se pode apontar a interferência do infixo *n* no não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, especialmente no DELP, é o par de palavras *figura*, *fingir*, no qual são apresentadas as seguintes informações sobre essas palavras:

**figura** *sf.* ‘forma exterior, aspecto, representação’ / XIII, *fe*- XIII / Do lat. *figūra* [...]. (p.356).

**fingir** *vb.* ‘simular, inventar, fantasiar’ / *fynger* XV / Do lat. *fingēre* [...]. (p.358).

Essas duas palavras, já em latim, apresentam-se com uma diferença significativa quanto à forma, conforme se identifica pelos respectivos étimos apresentados por Cunha.

Segundo Ernout & Meillet (*op. cit.*, p.235 - 236), essas duas palavras se ligam à raiz indo-européia *\*dheig’h*, cujo significado é ‘modelar (a terra)’, a qual deu origem à raiz latina *fing-*, com as variantes *fig-* e *fict-*. Segundo, ainda, esses mesmos autores (p.235), essa raiz latina está presente no verbo *fingēre*, o qual significa, inicialmente, ‘modelar na argila’ e, depois, ‘dar forma a qualquer matéria plástica’, ‘esculpir’. Significou, ainda, depois, por extensão, ‘modelar’ (de uma maneira geral, em sentido físico e moral), ‘reproduzir os traços de, representar’, ‘imaginar, inventar’. Todas essas significações se conjugam com as significações da palavra *figura*, conforme apresentadas acima por Cunha.

Esse *n* é, portanto, um infixo (cf. ERNOUT & MEILLET, *op. cit.*, p.236). Sua presença foi, pois, fundamental para que Cunha não reconhecesse as palavras *fingir* e *figura* como cognatas.

#### 4.1.1.2 Aspectos semântico-culturais

Conforme já se antecipou, aqui, em algumas análises feitas sobre o DELP, na seção “Aspectos fonéticos”, da mesma maneira que a consideração apenas dos aspectos formais sincrônicos das palavras não permite reconhecer, em muitas situações, algumas palavras cognatas, considerar, somente, os significados sincrônicos das palavras pode ter, também, essa mesma consequência, do mesmo modo que a desconsideração dos contextos culturais que envolvem determinadas palavras. Nesse sentido, nas duas próximas seções, procurar-se-á demonstrar que a mudança semântica e a desconsideração do resgate cultural de algumas palavras são fatores que fazem com que algumas palavras do DELP não sejam reconhecidas como cognatas.

##### 4.1.1.2.1 Desconsideração da concatenação semântica

Não só as mudanças nos aspectos fonéticos das palavras contribuem para o não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa. Também a mudança semântica dificulta bastante que se reconheçam duas ou mais palavras como cognatas, como acontece com Cunha, no DELP, conforme se identifica pela análise dos exemplos abaixo:

**amar** *vb.* ‘querer bem, gostar’ XIII. Do lat. *amāre* [...]. (p.37).

**amigo** *adj. sm.* ‘companheiro, colega’ XIII. Do lat. *amīcus* [...]. (p.40).

**amor** *sm.* ‘afeição, carinho, simpatia’ XIII. Do lat. *amōrem* [...]. (p.41).

Observando os exemplos acima, pode-se concluir que entre eles pode haver uma relação comum. Inicialmente, tal fato pode-se dar pela semelhança que há entre os três no que diz respeito às duas letras iniciais. Uma análise mais profunda, por sua vez, revelará que, além da mencionada semelhança formal, há, ainda, uma semelhança no significado.

Partindo da raiz indo-européia *am-*, comum a essas palavras, a qual, segundo Houaiss & Villar (2002), significa ‘amar, querer bem, ter afeição’, chegar-se-á à palavra *amor*, do latim *amōr -ōris* ‘amizade, afeição, amor’(cf. FARIA, *op. cit.*, p.46). Observe só a proximidade entre os significados da raiz, da palavra latina e da palavra portuguesa. Essa mesma raiz pode ser encontrada no verbo português *amar*, proveniente do latim *amāre* ‘amar, querer bem, estimar, gostar de’ (cf., *ibid.*, *loc. cit.*) e na palavra *amigo*, do latim *amīcus -i* ‘que ama, que é amigo’ (cf. SARAIVA, *op. cit.*, p.68).

Observe que, além da origem comum, essas palavras possuem, também, em latim, uma significação comum, relacionada a ‘amar’, embora esse ‘amar’ não tenha o mesmo significado em todas elas.

Perceba-se que, para que se consiga relacionar essas palavras – e, sobretudo, suas significações – uma às outras, é necessário que se faça uma tomada histórica, isto é, considerá-las, ao mesmo tempo, sincrônica e diacronicamente. Só assim, conseguir-se-á reconhecê-las como partindo de uma raiz comum e, por conseqüência, reconhecê-las como palavras cognatas. Por não agir desse modo, Cunha não as identifica como sendo palavras cognatas, apresentando-as em entradas diferentes.

Não só com esses exemplos se encontra a mudança semântica interferindo no reconhecimento de palavras cognatas no DELP. Também os pares *ânimo / animal* e *ave / avião*, formados por palavras cognatas entre si, têm suas palavras colocadas em verbetes diferentes, caracterizando, assim, o tratamento delas como palavras não-cognatas, como se constata pelo exposto na seção 4.1 deste estudo<sup>58</sup>.

As palavras *ânimo* e *animal*, quando analisadas de um ponto de vista sincrônico, podem ser consideradas, de um certo modo, semelhantes na forma<sup>59</sup>. Os significados apresentados para elas por Cunha, no DELP, conforme abaixo, no entanto, não trazem essa mesma semelhança:

<sup>58</sup> Além da análise das palavras aqui citadas, veja-se, também, a análise apresentada para as palavras *domar*, *doméstico* e *dominar*, nas páginas 73-75.

<sup>59</sup> Destaque-se que o acento gráfico existente na palavra *ânimo* é convencional, obedecendo às normas de acentuação gráfica da língua portuguesa, e que não existia na palavra latina que lhe deu origem.

**animal** *adj. sm.* ‘ser vivo organizado, dotado de sensibilidade e movimento’ ‘particularmente, em oposição ao homem, ser irracional’ / XIV [...] / Do lat. *animālis* [...]. (p.50).

**ânimo** *sm.* ‘alma, espírito, mente’ ‘valor, coragem, força’ XV. Do lat. *animus –i* [...]. (p.50).

Essas duas palavras, consideradas por Cunha como não-cognatas, são, contudo, palavras cognatas entre si, pois, conforme atestam Houaiss & Villar (2002), procedem elas de uma raiz latina *anim-*, que significa ‘ter vida’.

A partir dessa informação, pode-se, em uma abordagem histórica, estabelecer um elo entre suas formas e seus significados e, por conseqüência, demonstrar que elas são palavras cognatas.

Segundo Houaiss & Villar (2002), *ânimo* (do lat. *animus –i*) significa, etimologicamente, “[...] princípio espiritual da vida intelectual e moral do homem, vida, alma, princípio vital, espírito, razão, bom senso, senso comum, pensamento, intenção, disposição, vontade, inclinação, qualquer movimento impetuoso da alma, paixão, desejo [...]”. Por seu lado, *animal* (do lat. *animālis –ālis*) significa “[...] tudo que tem vida, que é animado [...]”. (*ibid.*, 2002).

Considerando que *ânimo*, para Cunha, pode significar ‘alma’ e sendo *alma* o “[...] Princípio de vida no homem ou nos animais [...]” (HOUAISS & VILLAR, 2001, p.160), pode-se, então, dizer que ter *ânimo* é ter *alma*, é ter *vida* e, por conseguinte, *força*, *coragem* para realizar atividades. Por outro lado, se considerar-se que *animal* é “[...] tudo que tem vida” (HOUAISS & VILLAR, 2002), chega-se ao que Cunha (*loc. cit.*) entende por *animal*, isto é, “[...] ser vivo organizado, dotado de sensibilidade e de movimento [...]”.

Com bases nessas informações etimológicas e nas informações apresentadas por Cunha acerca das palavras *ânimo* e *animal*, pode-se, então, estabelecer o seguinte elo semântico para elas, a partir do qual se pode demonstrar que, além da forma, elas possuem, ainda, significados semelhantes e que se tratam, portanto, de palavras cognatas, conforme abaixo:

**animal** ‘tudo que é dotado de **ânimo**, de vida, de alma, de força, de coragem para realizar atividades’.

Vê-se, desse modo, que as palavras *animal* e *ânimo* não são identificadas como cognatas no DELP, em virtude de seus significados não possuírem, sincronicamente, traços que lhes permitam ser reconhecidos como próximos. Daí, ser necessária uma abordagem histórica por meio da qual se possa construir toda uma situação teórica que permita aproximar esses significados, já bastante modificados com o passar do tempo.

Dois outros exemplos de palavras cognatas não reconhecidas como tais no DELP são as palavras *ave* e *avião*:

**ave** *sf.* ‘classe de animais vertebrados, revestidos de penas e com os membros anteriores transformados em asas’ XIII. Do lat. *avis -is* [...]. (p.86).

**avião** *sm.* ‘aeródino com meios próprios de locomoção, e cuja sustentação se faz por meio de asas’ XX. Do fr. *avion*, voc. criado por C. Ader, em 1890, com base no lat. *avis* ‘ave’ [...]. (p.87).

Observe que, com as palavras *ave* e *avião*, apesar de Cunha apresentar para elas uma mesma origem latina, não há o reconhecimento de que elas são palavras cognatas, como o demonstra o fato de estarem dispostas em verbetes diferentes e o de não haver nenhum tipo de remissão que relacione uma à outra. Com isso, verifica-se que não são as formas atuais dessas palavras, nem foram as mudanças formais pelas quais elas passaram, o que impediu que elas fossem reconhecidas como cognatas, mas o fato de, atualmente, elas se apresentarem com significados que em nada as aproxima. Esquece, no entanto, Cunha a metáfora que deu origem à palavra *avion-avião*, a qual aproxima os seus significados: o *avion-avião*, no momento em que se locomove (“voa”) no ar, com suas duas asas estendidas horizontalmente, é comparado a uma ave, que da mesma maneira se porta, quando se desloca de um lugar para outro.

Com base, pois, nessas informações etimológicas e nessa metáfora, pode-se afirmar que *ave* e *avião* são palavras cognatas, e que Cunha não as identifica como tais, porque desconsidera as suas significações históricas – sobretudo a da segunda palavra.

#### 4.1.1.2.2 Desconsideração do resgate cultural

Além da mudança fonética e da mudança semântica, já aqui analisadas, contribui muito para o não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, a desconsideração do contexto cultural que envolve determinadas palavras, o qual, por sua vez, está em estreita relação com o(s) significado(s) dessas palavras. Alguns exemplos que ilustram muito bem tal situação são os pares de palavras *veneno* / *venéreo* e *cupido* / *cobiça*.

As palavras *veneno* e *venéreo*, assim distribuídas ao longo da estrutura do DELP,

**veneno** *sm.* ‘substância que altera ou destrói as funções vitais’ / XVI, *venino* XV / Do lat. *venēnum* –ī [...]. (p.814).

**venéreo** *adj.* ‘orig. referente a Vênus, deusa da formosura’ ‘ext. relativo à aproximação sexual’ XV. Do lat. *venerēus*, do mit. *Venus – éris* ‘Vênus’ [...]. (p.814).

são tratadas por Cunha como palavras que não possuem, entre si, nenhuma correlação etimológica, não constituindo, portanto, palavras cognatas. Uma análise do ponto de vista histórico, no entanto, demonstrará que essas duas palavras se originam a partir de uma origem comum e que são, portanto, palavras cognatas.

Segundo Ernout & Meillet (*op. cit.*, p.719 e p.721-722), essas duas palavras são da mesma origem que a palavra latina *Uenus* ‘Vênus’, que significa ‘amor físico, instinto, apetite ou ato sexual, qualidades que excitam amor, graça, sedução, charme’, a partir da raiz indo-européia \**wen* ‘desejar’. Desse modo, *veneno* é, etimologicamente, ‘filtro de amor’, ‘poção mágica para se fazer amar’ (HOUAISS & VILLAR, 2002), a partir do latim *uenenum*, o licor pertencente a Vênus<sup>60</sup> e que ela dava tanto aos homens quanto aos deuses para enfeitiçá-los e, por conseqüência, tornar-se ainda mais amada e desejada por eles, quando ela queria conquistá-los e com eles ter relações sexuais. Nesse contexto, é que surge o significado da palavra *uenerēus* ‘venéreo’, para indicar, inicialmente, o que pertence a Vênus, o que é de Vênus e, posteriormente, por metonímia, as doenças contraídas a partir de relação sexual, as quais pertencem a Vênus, por ela ser a deusa do amor carnal.

<sup>60</sup> “171 – Venus (sic) era a deusa romana do amor, mais tarde identificada, na mitologia grega (sic), como afrodite (sic). De *Venus* vêm as palavras *venerar* e *venéreo*. E da poção do amor que *Venus* utilizava para infectar os corações humanos, *venenum*, surgiu o mortífero “veneno”, que é uma palavra cognata em várias línguas, entre elas o inglês (*venom*), italiano (*veleno*) e espanhol (*veneno*).” (MAGALHÃES, *online*, CURIOSIDADES ... n.171.).

Com isso, percebe-se que o desconhecimento ou a desconsideração dessas informações, que envolvem a cultura romana, inviabiliza que se reconheçam as palavras *Uenus*, *uenenum* e *uenerĕus* como cognatas, assim como as correspondentes portuguesas *Vĕnus*, *veneno* e *venĕreo*.

Igual situação se tem com as palavras portuguesas *cupido* e *cobiça*:

**cobiça** *sf.* ‘avidez, cupidez, ambição desmedida’ / XVI, *cobiiça* XIII etc. / Do b. lat. *cŭpīdītīa* (cláss. *cupidītās -ātis*) [...]. (p.190).

**cupido** *sm.* ‘(Mit.) designação latina do mitônimo grego Eros, o deus alado do Amor’ XVI. Do mit. lat. *Cupīdō -īnis* [...]. (p.234).

Conforme se pode identificar pela análise dos verbetes acima, atualmente, essas duas palavras nada possuem em comum quanto ao significado e bastante diferentes se apresentam também quanto à forma. De maneira que, para um olhar sincrônico, é impossível classificá-las como palavras cognatas.

A partir de um olhar histórico, no entanto, verifica-se que elas provêm da mesma raiz que o verbo latino *cupīre* ‘desejar, ter vontade de, desejar ardentemente, cobiçar, ter desejos de (instintivos ou sensuais)’ (cf. ERNOUT & MEILLET, *op. cit.* p.158; cf. FARIA, *op. cit.*, p.151), através, respectivamente, das palavras *cŭpīdītīa*, *-ae*, originada de *cupidītās -ātis* ‘desejo, vontade, ambição, paixão amorosa’ (cf. FARIA, *op. cit.*, p.151), e *cupīdō -īnis* ‘desejo, vontade, paixão, amor violento, cobiça’ (cf. FARIA, *loc. cit.*).

Observe que, a partir das informações apresentadas no parágrafo anterior, já é possível perceber uma maior proximidade entre as duas palavras portuguesas, tanto entre seus significados quanto entre suas formas, conforme demonstram seus étimos. Observe, ainda, que em sua origem, a palavra latina *cupīdō* não se referia ao deus da mitologia romana que representa o amor, o desejo, vindo isso acontecer só posteriormente, por metonímia.

Essa metonímia encontra a sua razão de ser justificada no fato de que aquele que os romanos consideravam o seu deus do amor ser, na mitologia, um deus impiedoso<sup>61</sup>,

---

<sup>61</sup> “Cupido é o espanto dos homens e dos deuses. Júpiter, prevendo os males que ele causaria, quis obrigar Vĕnus a desfazer-se dele. [...]. Também os poetas falam sem cessar da crueldade de Cupido: ‘Formosa Vĕnus, filha do mar e do rei do Olimpo, que ressentimento tens contra nós? Por que deste a vida a tal flagelo, Cupido, o deus feroz, impiedoso, cujo espírito corresponde tão pouco aos encantos que o embelezam? Por que recebeu asas e o poder de lançar setas, a fim de que não pudéssemos safar-nos dos seus terríveis golpes?’ (Bíon).” (MÉNARD, 1991, p.11-12).

impulsivo<sup>62</sup>, tal como os sentimentos relacionados ao substantivo *cupido*, acima citado: “**CUPIDO** – Deus do amor entre os romanos. Corresponde ao *Eros* grego, com esta diferença que é o deus do amor violento, do desejo impetuoso [...]” (SPALDING, 1972, p.44 - 45).

Recorrendo-se, pois, à mitologia, pode-se ter um elo que melhor ajuda a estabelecer a relação de cognação entre essas duas palavras. Isso porque, a partir do significado da palavra latina *cupīdō* acima apresentado, vê-se como ele serviu de base para a construção da significação da palavra que designa o deus romano.

A partir dessas análises, é possível concluir que Cunha comete alguns equívocos ao longo da estrutura do seu dicionário, no que diz respeito à identificação das palavras cognatas, o que tem conseqüências na abertura de entradas, uma vez que podem ser encontrados exemplos de palavras que possuem uma mesma raiz, mas que são postas em entradas diferentes – conforme analisado acima -, o que contradiz o declarado na *Introdução* de seu trabalho, isto é, nem todas as palavras cognatas são postas em uma mesma entrada, conforme ele predissera.

Mas porque tal procedimento ocorre? Com base nas análises acima, acredita-se que tal equívoco se dá porque, apesar de Cunha ter encontrado os étimos dos exemplos em análise, ele não efetuou uma comparação entre suas formas e seus sentidos (formas e sentidos tanto dos étimos quanto dos exemplos), não conseguindo, pois, fazer um acompanhamento da evolução no plano formal das palavras analisadas nem um rastreamento semântico de cada um dos pares em análise, faltando, assim, estabelecer a concatenação dos sentidos dessas palavras, para, assim, chegar a um significado comum a elas.

#### **4.2 Nem tudo que é parece: exemplos de não-reconhecimento de palavras cognatas por professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio**

Conforme ficou demonstrado na seção anterior, apesar de propor na *Introdução* de seu dicionário que disporia, em um mesmo verbete, todos os cognatos, Cunha, em muitos exemplos, não consegue reconhecer muitas palavras que são cognatas entre si, e, por conseqüência, muitas são as palavras cognatas que estão constituindo verbetes diferentes.

---

<sup>62</sup> “Vênus brinca com ele [Cupido] de mil modos diversos, pegando-lhe o arco ou as setas e seguindo-lhe com o olhar os graciosos movimentos [...]. Mas o malicioso menino vinga-se, e várias vezes a mãe experimenta o efeito de suas flechadas.” (*ibid.*, p.10).

Nesta seção, dando continuidade às análises desta pesquisa, serão analisados 20 questionários que foram aplicados a 20 professores de Língua Portuguesa com experiência nos Ensinos Fundamental e/ou Médio.

O questionário, ao qual se fez referência no parágrafo anterior, consiste em duas perguntas (Você reconhece as palavras abaixo como cognatas? O que possibilitou a você reconhecê-las ou não como cognatas?), as quais se estendem ao longo de 50 pares de palavras, como, por exemplo, *ânimo / animal e regra / régua*.

O que se pretende com este questionário é identificar o(s) critério(s) empregado(s) pelos professores de Língua Portuguesa dos Ensinos Fundamental e Médio para fazer o reconhecimento de palavras cognatas nessa língua, assim como, a partir disso, identificar o(s) fator(es) que dificulta(m) esse reconhecimento.

A seguir, apresenta-se uma tabela na qual são expostos dados obtidos com a aplicação desses questionários. Para uma melhor compreensão dos resultados apresentados, entenda-se que o sinal positivo indica um par de palavras que está sendo apontado pelo(s) professor(es) como formado de palavras cognatas. Por sua vez, o sinal negativo significa que aquele par não está sendo reconhecido como formado de palavras cognatas. As siglas indicam os critérios apontados pelos professores para reconhecer as palavras em questão como cognatas e possuem as seguintes significações: +SF = palavras que possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica); +SS = palavras que possuem semelhança de significado; +SFS = palavras que possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e de significado; -SF = palavras que não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica); -SS = palavras que não possuem semelhança de significado; -SFS = palavras que não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) nem de significado; OUTRO = qualquer outro critério mencionado pelos professores, além das possibilidades sugeridas (em todas as vezes em que foi mencionado outro critério, esse critério foi sempre o *etimológico*). Já os números indicam a quantidade de professores que justificaram suas respostas empregando tal critério. Veja, a seguir, a tabela com todos os dados:

Critérios (ocorrência) Par	+SF	-SF	+SS	-SS	+SFS	-SFS	OUTRO
a) ânimo, animal	2	0	1	9	4	4	1
b) regra, régua	2	0	2	3	5	8	0
c) cônjuge, conjunto	0	0	5	3	11	1	0
d) domesticar, dominar	0	2	8	1	6	3	0
e) fácil, eficiente	0	2	1	3	1	13	0
f) arco, arcaico	1	2	0	9	2	6	0
g) civil, cidadão	0	0	10	1	7	2	1
h) coração, coragem	1	0	1	9	4	5	0
i) estabilidade, estátua	0	2	6	4	3	5	0
j) dispensa, despesa	0	1	1	9	3	6	0
k) cultura, cultivar	0	1	4	2	12	1	0
l) padre, padrinho	2	0	3	4	11	0	0
m) povo, público	0	3	8	1	7	1	0
n) igreja, eclesiástico	0	3	10	1	5	1	0
o) verificar, verdade	0	2	3	2	7	6	0
p) caber, capacidade	1	1	7	2	6	3	0
q) acatar, aceitar	0	0	9	0	10	1	0
r) paixão, passional	0	0	7	0	12	1	1
s) dez, década	1	0	5	0	14	0	0
t) dor, doença	1	5	5	2	6	1	0
u) orelha, aurícula	0	1	8	2	8	1	1
v) bainha, vagina	1	1	9	0	0	9	0
x) superar, sobrar	1	0	2	4	1	12	0
w) amor, amizade	0	1	5	2	7	5	0
y) igual equivalente	1	2	12	0	5	0	0
z) legível, elegante	2	3	0	4	1	10	1

α) livro, livraria	2	0	0	0	18	0	0
β) cupido, cobiça	0	2	1	3	1	13	0
γ) pesar, pensar	1	2	2	3	3	9	0
δ) são(verbo), são(adjetivo)	4	0	0	11	1	3	1
ε) obra, ópera	0	2	5	1	5	7	0
ζ) primário, primordial	1	0	0	6	11	2	0
η)manga(fruta), manga(da camisa)	9	0	0	9	2	0	0
θ) contar, computar	1	0	6	2	8	3	0
ι) nau, navio	0	1	6	0	13	0	0
κ) livre, livro	2	0	0	10	4	4	0
λ) Vênus, veneno	1	1	2	12	2	2	0
μ) saúde, salvação	0	4	2	4	2	8	0
ν) olho, óculos	0	3	6	1	8	2	0
ξ) lado, lateral	0	0	9	0	11	0	0
ο) céu, celeste	0	0	8	0	12	0	0
π) luz, alucinação	0	0	2	6	4	8	0
ρ) inteiro, íntegro	0	0	6	3	9	2	0
σ) chegar, flexão	0	1	0	4	0	15	0
τ) terra, terrestre	0	0	1	0	19	0	0
υ) dois, dúbio	0	2	7	3	8	0	0
φ) ave, avião	1	0	0	3	12	4	0
χ) vetar, vedar	3	0	5	2	9	1	0
ψ) atingir, tanger	1	0	1	5	1	12	0
ω) solução, soluço	1	0	0	11	2	6	0

TABELA 3 – Critérios utilizados pelos professores dos Ensinos Fundamental e Médio para reconhecer palavras como cognatas em língua portuguesa: quantidade de vezes em que cada critério foi empregado, com cada um dos pares.

A análise dos dados acima traz os seguintes pontos importantes para a caracterização da abordagem dada pelos professores ao tema *palavras cognatas*<sup>63</sup>: a) pares de palavras com respostas unânimes; b) pares de palavras com regularidade no reconhecimento de palavras cognatas ou não-cognatas; c) dificuldade no reconhecimento de palavras cognatas; d) diversidade de critérios na identificação de palavras cognatas.

a) pares de palavras com respostas unânimes

Dos 50 pares de palavras que compuseram cada questionário que foi apresentado aos professores, em apenas 6 deles todos os 20 professores deram resposta igual, quanto a considerar ou não tal par como composto de palavras cognatas, sendo que em 5 pares (*dez / década, livro / livraria, lado / lateral, céu / celeste e terra / terrestre*) as palavras foram consideradas cognatas e em 1 (*chegar / flexão*) as palavras foram apontadas como não-cognatas.

Se considerar-se que, desses 50 pares, 45 são compostos de palavras cognatas, pode-se, então, caracterizar essa abordagem dada pelos professores como uma abordagem problemática, uma vez que o número de palavras corretamente apontadas como cognatas por todos os professores corresponde a pouco mais de 10% (11,1%) do total de palavras cognatas presentes no questionário, resultado esse que corresponde a uma amostra importante acerca da realidade que existe em torno da abordagem do tema *palavras cognatas* em língua portuguesa por parte dos professores.

Assim, esses dados tornam necessária uma abordagem mais aprofundada sobre esse tema, com o objetivo de identificar-se o que fez com que, de um número tão grande de pares de palavras cognatas, apenas 6 pares recebessem resposta unânime. Ainda mais se torna necessária uma discussão sobre esse tema, porque dos 6 pares que apresentaram resposta unânime, um par (*chegar / flexão*) não foi considerado como composto de palavras cognatas, embora as duas palavras que o compõem sejam cognatas.

---

<sup>63</sup> Todos os comentários apresentados sobre os questionários aplicados aos professores foram feitos a partir da análise dos dados constantes na tabela que expõe o resultado do levantamento dos dados obtidos a partir da aplicação dos questionários. Nesse sentido, para evitar repetições, raramente, far-se-á referência a ela. No entanto, todos os resultados expostos, ao longo dos comentários sobre os questionários, podem ser verificados com uma consulta a essa tabela.

- b) pares de palavras com regularidade significativa no reconhecimento de palavras cognatas ou não-cognatas

Se pequeno é o número de palavras unanimemente consideradas ou não cognatas pelos professores ao longo dos questionários, o mesmo não se pode dizer das palavras que apresentam uma regularidade significativa quanto às respostas. Entenda-se por *palavras com regularidade significativa* aquelas palavras que possuem a ocorrência de uma mesma resposta em número igual ou superior a 14 vezes. Chegou-se a esse número por ser ele mais que o dobro do resultado oposto.

Assim, pares de palavras como *acatar / aceitar, paixão / passional, nau / navio* foram apontados como constituídos de palavras cognatas por 19 professores; 18 foram os professores que apontaram para os pares *fácil / eficiente, igual / equivalente e cupido / cobiça* a mesma resposta; 17 foi o número de professores que apontaram para os pares *arco / arcaico, civil / cidadão, legível / elegante, vetar / vedar, atingir / tanger e solução / solução* resposta idêntica, quanto a considerar ou não os pares em análise como compostos de palavras cognatas.

Tem-se, portanto, com esses pares, exemplos de palavras para as quais os professores apresentaram um grande número de respostas iguais.

- c) dificuldade no reconhecimento de palavras cognatas

Se, por um lado, é grande o número de pares de palavras que possuem respostas idênticas, não se pode desconsiderar, por outro lado, que muitas palavras da língua portuguesa oferecem grande dificuldade quanto a serem classificadas ou não como cognatas, conforme demonstram os 11 pares de palavras que, nos 20 questionários, obtiveram número menor ou igual a 13 respostas iguais.

Assim, encontram-se pares de palavras como *regra / régua, estabilidade / estátua e verificar / verdade* que não foram considerados como compostos de palavras cognatas, respectivamente, por 11, 11 e 10 professores, ao mesmo tempo em que se encontram pares como *dor / doença, bainha / vagina e amor / amizade* que foram considerados como compostos de palavras cognatas, respectivamente, por 12, 10 e 12 professores, fatos esses que trazem à tona uma das temáticas discutidas nesta pesquisa, que é a busca da resposta à

pergunta *por que muitos estudiosos consideram determinadas palavras como cognatas enquanto que muitos outros não as consideram?*

Desse modo, observa-se que, com esses pares, há uma oscilação muito grande na classificação dessas palavras quanto a serem ou não palavras cognatas. Ao lado dessa oscilação, verifica-se, também, com esses pares e com outros, outra, a qual diz respeito aos critérios empregados para classificar duas ou mais palavras como cognatas.

d) diversidade de critérios na identificação de palavras cognatas

A partir da análise dos questionários apresentados aos professores, é possível perceber, ainda, que há uma variabilidade muito grande no emprego dos critérios para reconhecer duas ou mais palavras como cognatas ou não, tanto quando se observa o conjunto dos pares apresentados como quando se analisa um único par. Com isso, vê-se que não há um critério único que seja empregado pelos professores e que seja capaz de permitir uma abordagem segura desse tema.

Exemplos que bem ilustram tal fato são os pares *ânimo / animal*, *caber / capacidade*, *dor / doença*, *orelha / aurícula*, *pensar / pesar* e *Vênus / veneno*, com os quais foram empregados, ao longo dos questionários, 6 critérios. Além desses pares, com diversos outros – entre eles *regra / régua*, *domesticar / dominar*, *fácil / eficiente*, *arco / arcaico* e *coração / coragem* – foram empregados 5 critérios. E, assim, foi decrescendo a quantidade de critérios empregados – 4, 3, 2 –, mas, com nenhum dos pares, foi empregado um critério único ao longo dos 20 questionários analisados, nem com os pares em que houve unanimidade quanto a considerá-los ou não como compostos de palavras cognatas. Com o par *dez / década*, por exemplo, considerado composto de palavras cognatas por todos os professores, 3 são os critérios que justificam tal resposta, a saber: 1 professor justificou sua resposta empregando o critério formal; 5 fizeram uso do semântico; e 14, do formal-semântico. Outro exemplo é o par *chegar / flexão*, considerado como não-composto de palavras cognatas, com o qual se empregam os critérios da não-semelhança formal – 1 professor –, da não-semelhança de significado – 4 professores – e da não-semelhança formal e semântica – 15 professores<sup>64</sup>.

<sup>64</sup> Com os demais pares com resposta unânime tem-se o seguinte: *livro / livraria* – 2 professores empregaram o critério formal e 18 o formal-semântico; *lado / lateral* – 9 vezes foi empregado o critério semântico e 11 o formal-semântico; com *céu / celeste* – 8 vezes se empregou o critério semântico e 12 vezes o formal-semântico; com *terra / terrestre* – 1 informante empregou o critério semântico e 19, o formal-semântico.

Além de não haver um critério único, podem-se apontar, também, algumas divergências marcantes quanto às respostas: por exemplo, com o par *ânimo / animal*, enquanto que 4 professores o consideraram como formado de duas palavras cognatas, porque, segundo eles, elas são semelhantes tanto na forma quanto no significado, outros 4 não reconheceram as duas palavras que o formam como cognatas, justamente, porque, segundo eles, elas não são semelhantes nem na forma nem no significado. Um contraste tão marcante quanto este, ao longo dos questionários analisados, não se restringe a esse par de palavras: também com os pares *padre / padrinho* e *amor / amizade*, dentre outros, são encontradas situações desse tipo. Assim, dos professores que consideraram o primeiro par como composto de palavras cognatas, 3 apontaram como critério para justificar essa resposta o fato de as palavras que o formam possuírem significação semelhante, ao passo que outros 4 professores disseram o contrário, isto é, além de não considerarem essas duas palavras como cognatas, justificaram esse posicionamento pelo fato de elas não possuírem significados semelhantes. Por seu lado, o par *amor / amizade* foi apontado por 7 professores como composto de palavras que possuem forma e significado semelhantes e, por isso, consideraram-nas palavras cognatas, ao contrário de 5 outros, que, ao afirmarem não serem essas palavras semelhantes nem na forma nem no significado, classificaram-nas como palavras não-cognatas.

Ainda dentro dessa temática dos critérios empregados pelos professores para a classificação de duas ou mais palavras como cognatas ou não e da oscilação no seu emprego, deve-se destacar que o critério mais empregado ao longo dos questionários foi o formal-semântico, seguido do semântico e do formal. E, aqui, deve-se destacar que, se, dos critérios que foram propostos aos professores no questionário, o formal foi o menos empregado<sup>65</sup>, ele foi mencionado em 41 dos 50 pares e, com alguns pares, como, por exemplo, *dor / doença*, *legível / elegante* e *manga (fruta) / manga (da camisa)*, foi tão quanto ou mais empregado que o semântico e/ou o formal-semântico.

Outro fato importante que se observa da análise desses questionários é que, quando há semelhança formal entre duas palavras, mas seus significados não são semelhantes do ponto de vista sincrônico, muitos professores as consideraram como palavras não-cognatas, para o que utilizaram como justificativa principal não apresentarem elas semelhança de significado. É o que acontece com os pares *arco / arcaico*, *coração / coragem*, *livre / livro*, *Vênus / veneno* e *solução / solução*.

---

<sup>65</sup> O critério menos vezes empregado pelos professores para classificar duas ou mais palavras como cognatas foi o etimológico, o qual foi mencionado apenas em 2 questionários, num total de 6 vezes. Só que ele não foi proposto no questionário, surgindo como *outro critério* sugerido pelos professores, em um espaço reservado para tal fim nos questionários que lhes foram entregues.

Chama a atenção, também, o resultado apresentado por estes questionários quanto às palavras que são bastante diferentes no aspecto formal, mas que apresentam significados bastante próximos, quase que em uma relação de sinonímia ou em uma relação de sinonímia: tais palavras tendem a ser consideradas cognatas, conforme se constata com os pares *igual / equivalente*, *civil / cidadão*, *paixão / passional*, *orelha / aurícula* e *igreja / eclesiástico*.

O resultado apresentado no parágrafo anterior, em consonância com o exposto nos dois anteriores a ele, revela uma informação importante quanto à identificação de palavras cognatas pelos professores de Língua Portuguesa que participaram desta pesquisa, a saber: eles dedicam maior importância ao critério semântico que ao critério formal no momento de classificar duas ou mais palavras como cognatas.

Considerando, portanto, que 45, dos 50 pares de palavras presentes nos questionários aplicados, são cognatos e que apenas 5 foram reconhecidos como tais por todos os professores, ao mesmo tempo em que se tem a forma e o significado das palavras como os dois principais recursos (critérios) de que os professores fizeram uso no momento de reconhecer duas ou mais palavras como cognatas ou não – conforme já assinalado – e sabendo que as línguas mudam com o passar do tempo, tanto no aspecto formal quanto no semântico, é importante investigar como fica, então, a abordagem do tema *palavras cognatas* pelos professores diante da realidade da mudança lingüística.

#### **4.2.1 “Causas” do não-reconhecimento**

Nesse sentido, na seção que ora se inicia, dedicar-se-á mais atenção aos exemplos de palavras cognatas que não foram reconhecidas como tais, procurando, além de responder à pergunta apresentada no tópico *c* da seção anterior, investigar a relação entre mudança lingüística e o não-reconhecimento de palavras cognatas por esses professores, especificando o(s) fator(es) que dificulta(m) o reconhecimento de palavras cognatas em Língua portuguesa.

##### **4.2.1.1 Aspectos fonéticos**

Conforme se pré-anunciou nas análises que foram feitas dos dados obtidos dos questionários, embora o critério formal, como critério único, de um modo geral não tenha sido muito mencionado dentro de um mesmo par de palavras, quando se observam os pares como

um todo, verifica-se que ele é mencionado em 41 deles, o que já o torna um critério cuja importância deve ser considerada no estudo desse tema<sup>66</sup>.

Se considerar-se que há uma ocorrência mais freqüente ainda desse critério simultaneamente ao critério semântico, formando o critério aqui chamado de formal-semântico, tanto ao longo do questionário como um todo, uma vez que foram citados ao longo dos 50 pares que compõem o questionário, quanto dentro de um mesmo par, há de convir-se que o plano fonético constitui um plano ao qual os professores estão sempre recorrendo para abordar o tema aqui em estudo. Dessa forma, nesta seção, objetiva-se identificar a importância que o plano fonético teve para que os professores não reconhecessem determinadas palavras portuguesas como cognatas<sup>67</sup>.

#### 4.2.1.1.1 Desconsideração da apofonia

Dentre as mudanças pelas quais as palavras de uma língua podem passar ao longo do tempo, uma delas é a apofonia (ver conceito no tópico 4.1.1.1). No questionário que foi entregue aos professores, dois pares apresentam palavras que em decorrência de seu processo de formação sofreram apofonia. São eles: *fácil / eficiente* e *atingir / tanger*.

Quando se observam os resultados dos questionários, vê-se, então, que as palavras que formam o par *fácil / eficiente* foram apontadas como não-cognatas por 18 dos 20 professores que atuaram como informantes desta pesquisa, os quais justificaram suas respostas usando, respectivamente, os seguintes critérios: 2, o critério da não-semelhança formal; 3, o da não-semelhança de significado; e 13, o da não-semelhança formal e semântica. Quase em igual quantidade dos professores que não reconheceram as palavras *fácil* e *eficiente* como cognatas foi o número dos que não reconheceram a cognação entre as palavras *atingir* e *tanger*, assim distribuído: 17 no total, dos quais 5 indicaram a não-semelhança formal como justificativa e 12, a não-semelhança formal e semântica.

---

<sup>66</sup> Entenda-se, nesta seção, que não é o aspecto formal a “causa” única do não-reconhecimento das palavras cognatas que aqui serão analisadas: conforme já se adiantou na página 75 e conforme se apresentará abaixo, ele é um fator que está em estreita relação com o semântico. A segmentação, aqui, é justificada mais por ordem metodológica.

<sup>67</sup> Em virtude da grande quantidade de pares de palavras apresentados aos professores no questionário, nesta seção serão analisados somente os exemplos em que a mudança no plano fonético teve maior importância para que as palavras não fossem reconhecidas como cognatas. Do mesmo modo, não se destacarão todos os tipos de mudança fonética pelas quais as palavras passaram, mas somente os que tiveram maior ocorrência e/ou importância para que não houvesse esse reconhecimento.

Ora, se as palavras que compõem os pares acima não foram reconhecidas como cognatas, apontando-se como justificativa para isso os fatores da não-semelhança formal, da não-semelhança semântica e da não-semelhança formal e semântica, e considerando-se que, com a mudança fonética que resulta na apofonia, pode ocorrer uma mudança no significado das palavras, em virtude da significação que a nova palavra passa a ter, em decorrência da significação do prefixo que é anexado à palavra já existente, tem-se, portanto, com as palavras que sofrem apofonia, a forma e o significado alterados, dificultando, assim, para os professores o reconhecimento dessas palavras como cognatas.

Nesse sentido, uma investigação que não contemple essas mudanças não permitirá a identificação da relação de cogação existente tanto entre as palavras que compõem o par *fácil / eficiente* quanto entre as que compõem o par *atingir / tanger*. Por sua vez, contemplá-las é ver que o hoje da língua é resultado do que ela era ontem e, por conseqüência, é ver o sincrônico e o diacrônico simultaneamente agindo na construção da língua, conforme Coseriu destacara em *Sincronia, Diacronia e História*.

Assim, para explicar que *atingir* e *tanger* são palavras cognatas, embora tenham sido apontadas pela maioria dos professores pesquisados como sendo diferentes tanto na forma quanto no significado, recorrer-se-á a uma investigação que partirá da origem dessas palavras, conforme abaixo<sup>68</sup>:

**atingir** *vb.* ‘chegar até a, tocar, alcançar’ XIV. Do lat. *attingĕre* // [...]. (CUNHA, *op. cit.*, p.81).

**tanger**<sup>1</sup> *vb.* ‘tocar instrumentos’ ‘*ext.* tocar o animal para estimulá-lo a andar’ / XIII, *atanger* XIII. Do lat. *tangĕre* // [...]. (*ibid.* p.753).

Conforme se pode constatar em Saraiva (*op. cit.*, p.123 e p.1179) essas duas palavras, possuem uma origem comum, o latim *tangĕre* ‘tocar’, sendo que a palavra *atingir* vem a partir de *attingĕre* ‘tocar em, chegar a, tocar ligeiramente, alcançar’, formada com a anteposição de *ad* a *tangĕre*. Por terem, pois, um étimo em comum, essas duas palavras são cognatas.

Desse modo, identifica-se o quanto a apofonia foi importante para que essas duas palavras não fossem reconhecidas pelos professores como cognatas, tal como aconteceu com Cunha, no DELP.

---

<sup>68</sup> Para a demonstração da relação de cogação existente entre as palavras *fácil* e *eficiente*, veja-se o tópico 4.1.1.1.1.

#### 4.2.1.1.2 Desconsideração da palatalização

Além da apofonia, outra mudança fonética que teve importante papel no não-reconhecimento de palavras cognatas pelos professores foi a palatalização. Dentre os pares que não foram reconhecidos como compostos de palavras cognatas pela desconsideração da palatalização, destacam-se os seguintes: *olho* / *óculos* e *chegar* / *flexão* – os quais não foram reconhecidos, respectivamente, por 10 e 20 professores.

Quanto aos critérios empregados para justificar a relação de não-cognação entre as palavras que formam cada um dos pares citados, são mencionados, respectivamente a cada par, os seguintes: 3 professores mencionaram o critério formal, 1, o semântico e 2, o formal-semântico; 1, o formal, 4, o semântico e 15, o formal-semântico.

Observe, abaixo, que as palavras que formam cada um dos pares acima se apresentam bastante modificadas, tanto em seus aspectos formais quanto em seus significados:

**olho** *sm.* ‘(Anat.) órgão da visão’ / XIII, *ollo* XIII / Do lat. *ōcūlus* –ī // [...]. (CUNHA, *op. cit.*, p.559).

**óculos** *sm. pl.* ‘lentes usadas diante dos olhos para correção visual’ 1555. Do lat. *ocūlus* –ī ‘olho’ // [...]. (*ibid.*, p.557).

**chegar** *vb.* ‘atingir (com a dupla noção de tempo e de espaço)’ XIII. Do lat. *plicāre* ‘dobrar, enrolar’; explica-se a evolução semântica pelo fato de o voc. ter origem na linguagem náutica; do sentido primitivo do lat. ‘dobrar, enrolar’ passou-se ao de ‘chegar (ao porto, a embarcação)’, pois nessa ocasião os marinheiros dobravam e enrolavam as velas // [...]. (*ibid.*, p.178).

**flexão** *sf.* ‘ato de dobrar-se ou curvar-se’ ‘(Ling.) variação morfológica nos vocábulos para marcar-lhes as categorias gramaticais’ XVII. Do lat. *flēxio* –ōnis // [...]. (*ibid.*, p.361).

Quanto ao primeiro par, pode-se observar que as palavras que o constituem possuem o mesmo étimo, o latim *ōcūlus* –ī, sendo, portanto, formas divergentes. Nesse sentido, passaram a fazer parte da língua portuguesa por vias diferentes: enquanto que a palavra *óculos* penetrou na língua portuguesa no século XVI, por via culta, a palavra *olho* o fez através do

uso popular, já no século XIII, resultado das mudanças formais pelas quais o seu étimo passou, dentre elas a palatalização, conforme a seguir: (*ōcūlu* > *oclo* > *ollo* > *olho*)<sup>69</sup>.

Foram justamente essas mudanças formais, de modo especial a palatalização, por ser a mais perceptível hoje, que fizeram com que 5 professores apontassem essas duas palavras como não-cognatas (observe-se que 3 pessoas apontaram o critério formal como critério único para classificar essas palavras como não-cognatas, enquanto que 2 outros também se utilizaram desse critério, só que em comunhão com o semântico).

Já com relação ao par *chegar* / *flexão*, tem-se, ainda mais intensa que no par anterior, a atuação da palatalização, uma vez que, tanto a forma quanto a significação que essas duas palavras possuem atualmente não são semelhantes. De um ponto de vista histórico, no entanto, é possível explicar ambas as diferenças, encontrando pontos de contato entre as duas, e, por conseguinte, demonstrar a relação de cognação existente entre as duas.

Para Ernout & Meillet (*op. cit.*, p.514 - 515), essas duas palavras são originadas a partir da raiz indo-européia *\*pel-*, com as seguintes variantes: *\*plek-*, *-plex*, *flex-*<sup>70</sup>. Desse modo, a partir de *\*plek-* ‘entrelaçar, dobrar’, ter-se-ia originado *plic-*, que é raiz de *plicāre*, verbo que deu origem à palavra *chegar*. Já a palavra *flexão* tem origem a partir da raiz *flex-*, via *flexionem*, de *flēxio –ōnis*.

Ora, se tanto *chegar* como *flexão* são palavras originadas a partir de uma mesma raiz, pode-se dizer que elas são palavras cognatas. Por que, então, foram apontadas como palavras não-cognatas por todos os 20 professores que participaram desta pesquisa? Só há uma explicação: para abordar o tema *palavras cognatas*, eles aplicam uma análise sincrônica, o que tem por consequência a desconsideração da informação etimológica e das mudanças semânticas pelas quais as palavras passaram.

Considerando, no entanto, tanto a etimologia como a mudança lingüística, pode-se perceber que a palatalização é um dos fatores que fazem com que essas duas palavras não sejam reconhecidas como cognatas<sup>71</sup>.

<sup>69</sup> Quanto ao aspecto semântico dessas duas palavras, apesar da divergência sincrônica, pode-se encontrar entre os significados de ambas, de um ponto de vista histórico, um ponto de contato, conforme a seguir: lat. *ōcūlus* ‘olho’ → port. *olho* ‘órgão da visão’, séc. XIII → port. *óculos* ‘lentes usadas diante dos olhos para correção visual’, séc. XVI.

<sup>70</sup> Para entender a variação da raiz apontada aqui, veja-se o conceito de *raiz* adotado nesta pesquisa (ver página 37), assim como a discussão feita em torno das consoantes homorgânicas (ver página 63).

<sup>71</sup> Uma análise histórica da significação dessas duas palavras demonstrará que há em comum entre elas a significação de ‘dobrar’, conforme informações apresentadas por Cunha nos verbetes citados.

#### 4.2.1.1.3 Desconsideração da síncope

Além dos dois tipos de mudanças formais já especificados, pode ser identificada, também, nos dados obtidos com os questionários aplicados aos professores, a influência da síncope, no não-reconhecimento de palavras cognatas, em 2 dos 20 pares: *regra* / *régua* e *dor* / *doença*.

Tendo origem no mesmo étimo, as palavras *regra* e *régua* são praticamente sinônimas em língua portuguesa, possuindo em comum o significado de ‘aquilo que serve para medir, delimitar os limites (físicos ou morais) de algo’, conforme atesta abaixo Cunha:

**regra** *sf.* ‘aquilo que regula, dirige, rege ou governa’ / XIV, *regla*, XIII, *rregra* XIV, *regua* XIV etc. / Do lat. *rēgŭla* –*ae* // [...]. (*op. cit.*, p.672).

**régua** *sf.* ‘peça longa, de madeira, metal, plástico etc., de faces retangulares, superfície plana e arestas retilíneas, e que serve para traçar linhas retas’ XIV. Do lat. *rēgŭla* –*ae*. (*ibid.*, p.672).

Desse modo, havendo, com a palavra *rēgŭla*, a síncope do /*ul*/ entre o /*g*/ e o /*ll*/ e, posteriormente, o rotacismo /*ll*/ > /*rl*/, tem-se, no século XIV<sup>72</sup> a palavra *regra*; por outro lado, a síncope do /*ll*/ de *rēgŭla* deu origem, também no século XIV, a outra palavra, o substantivo *régua*. Com isso, aponta-se a síncope como a “causa” de essas duas palavras não serem reconhecidas por 11, dentre os 20, professores aos quais foram aplicados questionários<sup>73</sup>.

Mais clara, ainda, que no exemplo acima é a influência da síncope no não-reconhecimento da relação de cognação existente entre as palavras *dor* e *doença*, as quais não foram reconhecidas como cognatas por 8 professores, dos quais 5 indicaram não possuírem elas semelhança formal e 1 indicou que elas não possuem semelhança nem formal nem semântica.

Em oposição ao que indicaram os 5 professores acima, pode-se afirmar que essas duas palavras são cognatas sim e que não possuem semelhança formal hoje, mas, conforme indicam seus étimos abaixo, em latim elas possuem em comum a raiz *dol*-:

<sup>72</sup> Esta datação está seguindo as informações apresentadas por Cunha, Houaiss & Villar (2002), no entanto, apresentam o século XIII.

<sup>73</sup> Desses 11 professores 8 justificaram que essas duas palavras não são cognatas porque não possuem semelhança nem de forma nem de significado, enquanto que 3 apontaram apenas o fator semântico. Assim, pode-se apontar que o fator formal foi de grande importância para o não-reconhecimento dessas duas palavras como cognatas.

**dor** *sm.* ‘sofrimento físico ou moral, mágoa, aflição’ / XVI, *door* XIII, *dolor* XIV / Do lat. *dōlōr –ōris* // [...]. (CUNHA, *op. cit.*, p.276).

**doença** *sf.* ‘enfermidade, mal’ XIII. Do lat. *dōlentīa*, de *dōlēre* ‘sentir dor, sofrer’ // [...]. (*ibid.*, p.275).

A partir dessas informações fica claro que essas duas palavras não são reconhecidas como cognatas pelos professores, porque eles desconhecem os seus étimos, o que faz com que eles desconheçam, também, formas anteriores dessas palavras e, por conseqüência, não tenham consciência das mudanças pelas quais passaram, como, por exemplo, a síncope do fonema // e de outros.

#### 4.2.1.1.4 Desconsideração da desnasalização

Também com os professores, a desnasalização foi uma das “causas” de não-reconhecimento de palavras cognatas, conforme indicam os dados relacionados aos pares *despensa / despesa* e *pesar / pensar*, os quais não foram reconhecidos como constituídos de palavras cognatas, respectivamente, por 16 e 14 professores, dentre os quais alguns se utilizaram do critério formal para efetuar essa classificação.

Com o par *despensa / despesa*, por exemplo, o critério formal foi mencionado 7 vezes, 1 como critério único e 6 ao lado do semântico. Já com relação ao par *pesar / pensar*, 2 vezes o critério formal foi empregado como critério único e 9 vezes, ao lado do semântico.

Como as palavras que formam cada um dos pares acima provêm de um mesmo étimo – o que as torna palavras cognatas – e foram apontadas como não-cognatas, para o que alguns indicaram o critério formal como “causa”, e considerando, ainda, que a única diferença formal que há entre as palavras que formam cada um dos pares é o *n* nasalizador, tem-se que a desnasalização contribuiu para que essas duas palavras não fossem reconhecidas como cognatas pelos professores participantes desta pesquisa<sup>74</sup>.

<sup>74</sup> Para mais informações acerca da relação de cognação entre as palavras que formam os pares *pesar / pensar* e *despensa / despesa* e quanto ao não-reconhecimento delas como cognatas, vejam-se as informações apresentadas, respectivamente, nas seções 4.1.1.1.5 e 4.2.1.2.1.

#### 4.2.1.2 Aspectos semântico-culturais

Além da mudança no aspecto formal da língua, o não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, nos questionários aplicados aos professores, está relacionado à não-identificação das mudanças de significado pelas quais as palavras analisadas passaram, assim como ao não-reconhecimento do contexto cultural que envolve a história de cada palavra.

Nesse sentido, as duas próximas seções serão dedicadas a analisar os principais casos de não-reconhecimento de palavras cognatas encontrados nos questionários, para os quais se pode apontar como “causa” a não-identificação dos traços semânticos comuns entre as palavras e/ou o desconhecimento do contexto cultural delas.

##### 4.2.1.2.1 Desconsideração da concatenação semântica

Ao longo dos questionários aplicados aos professores, muitos são os exemplos de palavras cognatas que não foram reconhecidas como tais pelos professores por não considerarem as mudanças semânticas pelas quais as palavras envolvidas passaram. Exemplos claros disso são os pares *ânimo / animal*, *padre / padrinho* e *despensa / despesa*.

O par *ânimo / animal*, por exemplo, foi apontado como não-composto de palavras cognatas por 13 professores, sendo que 9 deles indicaram que elas não são cognatas pelo fato de não possuírem significados semelhantes. No entanto, os significados dessas duas palavras só são diferentes quando considerados de um ponto de vista sincrônico, pois, de um ponto de vista histórico, elas, além de possuírem significados comuns, possuem, também, uma mesma origem etimológica, fatos esses que não deixam dúvidas quanto à classificação dessas duas palavras como cognatas (ver seção 4.1.1.2.1).

Mais evidente, ainda, torna-se a interferência da mudança semântica no não-reconhecimento de palavras cognatas pelos professores do Ensino Fundamental e do Médio, quando se analisam os dados referentes ao par *padre / padrinho*, obtidos com a análise dos questionários aplicados. E isso porque, dos 4 professores participantes desta pesquisa que indicaram que essas duas palavras não são cognatas, todos eles apresentaram como justificativa o fato de elas não possuírem semelhança de significado.

Essa não-semelhança de significado apontada pelos professores pode ser verificada, também, nos dicionários, conforme os verbetes abaixo, retirados de Houaiss & Villar (2002):

padre

substantivo masculino

- 1 homem que já recebeu as ordens sacerdotais; sacerdote secular ou regular
- 2 (sXIII) Diacronismo: antigo.  
m.q. *pai* ('homem')
- 3 Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Rio Grande do Sul.  
m.q. *cabeça-seca* (*Mycteria americana*)

padrinho

substantivo masculino

- 1 homem que apresenta alguém (ger. criança) para o batismo ou crisma, com o compromisso implícito de provê-la do necessário na falta dos pais; dindo, dindinho
  - 2 em casamento religioso ou civil, homem escolhido por um dos noivos ou pelo casal para acompanhar, testemunhar e/ou abençoar a união; testemunha
  - 3 Diacronismo: obsoleto.  
aquele que acompanha o formando no ato de receber o diploma ou outro objeto que simbolize a formatura; patrono
  - 4 testemunha que assinala distâncias, indica o início do combate e defende um dos duelistas; patrono
  - 5 Derivação: sentido figurado.  
defensor, protetor, patrono
- padrinhos
- substantivo masculino plural
- 6 o casal formado pelo padrinho e pela madrinha

Observe que, entre significados sincrônicos e significados diacrônicos apresentados por Houaiss & Villar para essas duas palavras, não há semelhanças, conforme apontado pelos professores. Outra visão, no entanto, passa-se a ter quando essas duas palavras são analisadas de um ponto de vista histórico. Inicialmente, apresentam-se, abaixo, os significados etimológicos dessas duas palavras, os quais também foram retirados de Houaiss & Villar (2002):

padre

lat. *páter, pátris* 'pai; chefe da família; avô, antepassado'; ver *pater-*;  
f.hist. sXIII *padre* 'sacerdote', sXIII *padre*, sXV *paadre*, sXV *padrre*  
'pai'

padrinho

lat.vulg. *patrínus* 'id.'; ver *pater-*; f.hist. sXIII *padryo*, sXIV *padrinho*,  
sXIV *paadiho*, sXIV *padrymhos*

A partir dessas informações etimológicas, já se pode perceber que Houaiss & Villar remontam essas duas palavras para uma mesma raiz, que é a raiz latina *pater-*. Com essa informação já é possível classificá-las como cognatas. Em virtude de a recorrência a esse critério, para classificar palavras como cognatas, pelos professores, ser pequena, é possível que a maioria dos professores nem conheça essa relação etimológica, motivo pelo qual se buscará, aqui, identificar em que medida houve mudança de significado entre essas duas palavras, que pertencem a uma mesma raiz, a tal ponto de os professores não as reconhecerem como cognatas.

Em um primeiro momento, é necessário apresentar a significação da raiz *pater-*, a partir da qual se procurará, em uma perspectiva histórica, estabelecer um elo entre os significados da palavra *padre* e da palavra *padrinho*. Segundo Houaiss & Villar (2002), essa raiz significa “[...] ‘pai’ (com um valor mais social e religioso do que de simples paternidade física, expressa esta em lat. preferentemente por *parens* e por *genitor*) [...]”. Ora, é justamente a partir dessa significação que se pode explicar tanto a proximidade semântica existente entre essas duas palavras quanto o não-reconhecimento dela por parte dos professores. Para isso, o importante não é tentar identificar esses traços semânticos comparando-se os significados atuais dessas palavras, mas sim, partindo da significação da raiz *pater-*, chegar a essas significações e, só então, apontar os traços semânticos que elas possuem em comum.

Desse modo, sendo o *pater* o ‘pai’ de um ponto de vista social e religioso – o que, segundo Benveniste (1995, p.208-210), seria o papel de um pai espiritual, de Deus – e não o ‘pai biológico’, com o difundir da religião, da religião cristã, esse papel passou a ser exercido justamente pelo *padre*, considerado um representante de Deus na terra e como tal sabedor do que é bom e do que é mau para as pessoas.

Quanto à palavra *padrinho*, considerado como alguém que é responsável por orientar, defender o *afiliado* no caminho que ele deve percorrer, sobretudo na ausência dos pais – pessoas que num pensamento religioso, cristão, assim como os padres, são aqueles escolhidos por Deus para guiar aqueles filhos de Deus –, não se pode deixar de reconhecer o mesmo sentido de *sagrado*, de *representante de Deus* presente na palavra *padre*.

Desse modo, distantes semanticamente de um ponto de vista sincrônico, *padre* e *padrinho* são palavras cujos significados se aproximam quando analisadas de um ponto de vista histórico, por terem em comum uma mesma raiz.

Outras palavras que foram apontadas como não-cognatas, mesmo sendo cognatas, e para as quais se identifica, neste estudo, o critério semântico como “causa” são *despensa* e *despesa*, consideradas como não-cognatas por 16 professores, que indicaram os seguintes

critérios nos quais se basearam para efetuar essa classificação: 1 empregou o critério formal, 9, o semântico, e 6, o formal-semântico. Vê-se, assim, que o critério de maior destaque nessa classificação é o semântico, o qual, além de ser empregado 6 vezes simultaneamente ao critério formal, foi empregado 9 vezes como critério único.

Observando os significados dessas palavras, conforme apresentados no DELP, abaixo, verifica-se que, sincronicamente, seus significados realmente não são semelhantes:

[...] **despensa** *sf.* ‘*ant.* despesa’ XIV; ‘compartimento de uma casa onde se guardam mantimentos’ XVI. Do lat. *dīspensa*, part. pass. de *dīspēndēre* [‘empregar, gastar’] [...]. **despesa** *sf.* ‘gasto’ / XIII, *despensa* XIV / Forma divergente de *despensa*, do lat. *dīspensa*, part. pass. de *dīspēndēre*. (p.256).

Veja-se, pois, que, apesar de partir do mesmo étimo que a palavra *despesa*, o significado de *despensa* que coincide com o significado sincrônico de *despesa* é o antigo ou etimológico<sup>75</sup>, sendo o significado sincrônico estabelecido por metonímia, isto é, a palavra *despensa*, ao invés de designar os gastos feitos com mantimentos, passou a designar o lugar onde se guardam os mantimentos obtidos através dos gastos.

Nesse sentido, desconhecer os étimos das palavras em análise, como, de um modo geral, acontece com os professores dos Ensinos Fundamental e Médio, é um primeiro passo para não estabelecer a relação entre os diferentes significados de uma palavra ao longo do tempo – conforme apontado com as palavras que formam os pares *ânimo / animal*, *padre / padrinho* e *despensa / despesa* –, pois pode fazer com que palavras que são cognatas não sejam reconhecidas como tais, tal qual fizeram os professores pesquisados, com as palavras mencionadas acima.

#### 4.2.1.2.2 Desconsideração do resgate cultural

A ação do contexto cultural no não-reconhecimento de palavras cognatas pode ser identificada na medida em que o significado das palavras está em estreita relação com o contexto social em que elas se inserem. Dessa forma, com o passar do tempo, com muitas palavras, não fica perceptível ao falante ou ao professor a relação entre um significado sincrônico e um significado passado, sendo este o significado que liga a palavra à cultura na

<sup>75</sup> Segundo Houaiss & Villar (2002), a palavra latina *dīspensa* significa “[...] o necessário para a manutenção e conservação de alguém, víveres, provisões, despesa”, p. ext. ‘lugar em que se guardam os mantimentos [...]’.

qual ela surgiu. E, com isso, há um distanciamento entre o significado sincrônico e o significado da etimologia da palavra, fato que dificulta o reconhecimento de palavras cognatas.

Dentre os pares de palavras que não foram reconhecidos como compostos de palavras cognatas pelos professores nos questionários, três deles retratam, de maneira inequívoca, a relação entre não-reconhecimento de palavras cognatas e o desconhecimento ou desconsideração do contexto cultural do qual tais palavras fazem parte. São eles: *coração / coragem*, *cupido / cobiça* e *Vênus / veneno*<sup>76</sup>.

Com o par *coração / coragem*, 14 foram os professores que indicaram as palavras que o formam como não-cognatas. Segundo 9 deles, isso acontece porque elas não apresentam semelhança de significado; para os outros 5, elas não são cognatas, porque não são semelhantes nem na forma nem no significado.

De um ponto de vista sincrônico, elas, realmente, apresentam radicais diferentes, respectivamente *coraç-* e *corag-*, o mesmo acontecendo quanto ao significado, conforme os significados retirados de Houaiss & Villar (2002), abaixo:

- coração  
substantivo masculino
- 1** Rubrica: anatomia geral.  
órgão muscular oco, na cavidade torácica, que recebe o sangue das veias e o impulsiona para dentro das artérias; é dividido em duas partes (direito ou venoso, e esquerdo ou arterial) por um septo musculomembranoso, e cada metade contém uma câmara receptora (aurícula) e uma câmara ejetora (ventrículo)
  - 2** Derivação: por extensão de sentido.  
a parte anterior do tórax, onde se sente pulsar o coração; peito  
Ex.: levar a mão ao c.
  - 3** Rubrica: anatomia zoológica.  
órgão circulatório muscular dos vertebrados, responsável pelo bombeamento do sangue que vem das veias para dentro das artérias, e que é composto, nos peixes, por uma aurícula e um ventrículo, nos anfíbios e répteis, por duas aurículas e um ventrículo, e, nas aves e mamíferos, por duas aurículas e dois ventrículos
  - 4** Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: anatomia zoológica.  
em invertebrados, como moluscos e insetos, estrutura de função análoga ao coração dos vertebrados
  - 5** Derivação: por analogia (*da acp. 1*).  
forma que evoca a aparência do coração humano  
Ex.: boca de c.
  - 5.1** essa forma como símbolo do amor
  - 5.2** objeto ou desenho com esse formato

<sup>76</sup> Quanto aos pares *cupido / cobiça* e *Vênus / veneno*, veja-se a exposição feita no tópico 4.1.1.2.2

- Ex.: um c. de ouro e brilhante
- 6** Derivação: sentido figurado.  
a parte mais central ou mais profunda de algo; âmago  
Ex.: <o c. da floresta> <creceu no c. de Ipanema> <o c. da alcaçofra>
- 7** Derivação: sentido figurado.  
a sede das principais atividades de uma comunidade, de um sistema organizado etc.  
Ex.: <para os artistas, Paris era o c. do mundo> <Wall Street é o c. econômico de Nova Iorque>
- 8** Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Rio de Janeiro. Uso: informal.  
a sala ou varanda de uma casa
- 9** Derivação: sentido figurado.  
a parte mais íntima de um ser; o berço dos sentimentos, das emoções, do afeto, do ânimo, da coragem etc.  
Ex.: <as razões do c. escapam à lógica> <a novata conquistou o c. de todos>
- 10** Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado.  
lembrança, memória  
Ex.: aquelas férias ficaram no c. do menino
- 11** Derivação: sentido figurado.  
pessoa a quem se ama
- 12** Derivação: sentido figurado.  
qualidade de bom, generoso; bondade  
Ex.: mulher sem c.
- 13** Derivação: sentido figurado.  
feitio moral; caráter, índole, temperamento  
Ex.: tem o c. obstinado dos fortes
- 14** círculo na superfície da mó de um moinho de cereais, ao redor do olho ('abertura da mó')
- 15** Rubrica: botânica.  
design. comum a numerosas plantas de diversas famílias, cujas folhas ou frutos têm a forma de coração
- 16** Rubrica: engenharia mecânica.  
no forçado ('instrumento'), peça em que se encaixam os dentes e o cabo
- 17** Rubrica: entomologia.  
borboleta (*Adelpha syma*) da fam. dos ninfalídeos, das florestas da Serra do Mar do Leste brasileiro, onde ocorre comumente em áreas alteradas; no lado superior das asas marrons destacam-se manchas alaranjadas e duas faixas brancas
- 18** Rubrica: heráldica.  
o centro do escudo
- 19** Rubrica: morfologia botânica. Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: informal.  
m.q. *mangará* ('extremidade')
- 20** Rubrica: indústria têxtil.  
cada um dos pesos do tear, em forma de coração
- 21** Rubrica: pesca. Regionalismo: Brasil.

o primeiro dos três compartimentos de um curral de peixes

coragem

substantivo feminino

- 1 moral forte perante o perigo, os riscos; bravura, intrepidez, denodo
- 2 firmeza de espírito para enfrentar situação emocionalmente ou moralmente difícil  
Ex.: armou-se de c. para rever o amigo moribundo
- 3 qualidade de quem tem grandeza de alma, nobreza de caráter, ombridade  
Ex.: <a c. dos santos e dos heróis> <teve a c. de assumir o próprio erro>
- 4 determinação no desempenho de uma atividade necessária; zelo, perseverança, tenacidade  
Ex.: desde jovem, revelou c. no trabalho
- 5 capacidade de suportar esforço prolongado; paciência  
Ex.: não vou ter c. de entrar nessa fila
- 6 Uso: pejorativo.  
ousadia; desfaçatez  
Ex.: teve a c. de mentir deslavadamente
- interjeição
- 7 expressão para infundir ânimo, resistência

Observe que, nas acepções apresentadas por Houaiss & Villar para a palavra *coração*, há, sempre, o significado de ‘centro de algo’ ou ‘que tem a forma de coração’. Quando se relacionam essas acepções com as que eles apresentam para a palavra *coragem*, somente com as acepções 9 e 13 é que se encontra um ponto de contato com as significações desta palavra, mas, ainda, um pouco distante.

Se considerar-se, no entanto, a significação etimológica da palavra *coração* e a da palavra *coragem* e o contexto cultural que envolve ambas as palavras, encontrar-se-ão, além de uma etimologia comum, traços semânticos comuns a todos os significados dessas duas palavras. Desse modo, evidencia-se, então, a relação de cogação existente entre elas.

Segundo Houaiss & Villar (2002), a palavra *coragem* é formada a partir da palavra francesa *courage* – a qual, por sua vez, é derivada de *coeur* + suf. *-age*, cujo significado, em 1050, foi ‘coração’ e depois, por volta de 1100, “[...] ‘disposição nobre do coração, qualidade espiritual de bravura e tenacidade’ [...]”.

Assim, já se sabe que as palavras *coração* e *coragem* são palavras cognatas, porque esta formada a partir daquela. Mas como a palavra *courage* / *coragem* surgiu ligada à palavra *coeur* / *coração*? Para explicar isso, é preciso voltar-se ao latim clássico, quando a palavra *cor*, *cordis* ‘coração’ designava o que os romanos (e, posteriormente, os povos cujas línguas foram originadas a partir do latim) consideravam “[...] como sede, centro da alma, da

inteligência e da sensibilidade [...]” do Homem (ERNOUT & MEILLET, *op. cit.*, p.142; HOUAISS & VILLAR, 2002). Logo, dentro desse contexto, um sentimento como esse – assim como todos os outros – não poderia ter origem em outro lugar que não no coração.

Nesse sentido, embora de um ponto de vista sincrônico não se possa relacionar a palavra *coragem* à palavra *coração*, pode-se, ainda, de um ponto de vista histórico, identificar nos significados atuais daquela palavra a significação de ‘qualidade espiritual de bravura e tenacidade’, que eram características oriundas do coração, conforme exposto por Houaiss & Villar dois parágrafos atrás. E, assim, recorrendo à explicação etimológica, à explicação semântica e à explicação cultural, consegue-se evidenciar a relação de cognação entre essas duas palavras.

Por fim, ao longo de toda a exposição feita neste capítulo, em consonância com as informações apresentadas nos capítulos anteriores, foi possível demonstrar que, tanto no DELP quanto nos questionários apresentados aos professores, muitos são os exemplos de palavras cognatas que não foram reconhecidas como tais, em virtude de desconsiderarem-se informações relativas às mudanças formais e semânticas – e, relacionadas a estas, informações culturais – pelas quais as palavras em análise passaram.

## 5 CONCLUSÕES

Ao longo desta dissertação, pôde-se apresentar, de maneira bastante pormenorizada, como o tema *palavras cognatas* se encontra abordado em língua portuguesa, tanto de um ponto de vista conceitual como do ponto de vista prático, isto é, quanto à identificação de palavras cognatas. Nesse sentido, alguns pontos merecem ser destacados quanto a tudo que foi exposto.

Para início, deve-se apresentar que não há um consenso, no âmbito da língua portuguesa, quanto ao que sejam *palavras cognatas*, conforme se pode identificar a partir dos diversos conceitos analisados, uma vez que ora se encontram autores cujas abordagens são baseadas no conceito de radical ora outros que se baseiam no conceito de raiz, não se encontrando unanimidade, às vezes, nem mesmo dentro de um mesmo tipo de fonte, como acontece com as gramáticas normativas, nas quais se encontram autores cujas abordagens são baseadas no conceito de radical, ora outros que se baseiam no conceito da raiz.

Ao lado dessa falta de uniformidade teórica, encontram-se, também, contradições no âmbito da identificação das palavras cognatas. Cunha, por exemplo, para quem palavras cognatas são as que provêm de uma mesma raiz e que se propõe apresentá-las, no DELP, em verbete único, em inúmeros exemplos apresenta palavras que são cognatas em verbetes diferentes.

Com o não-reconhecimento de diversas palavras cognatas e, portanto, com a abertura de outros verbetes, Cunha termina desorientando o estudioso da *História da Língua Portuguesa*, de modo especial aquele que está iniciando – principalmente porque este se sente inseguro, muitas vezes duvidando de suas próprias certezas, e depois porque, de um modo geral, o *DELP* constitui um instrumento de importante valor para o estudo da língua portuguesa, sobretudo para o estudo de sua etimologia.

Um exemplo com o qual se pode perceber a desorientação mencionada no parágrafo anterior é o que envolve a análise feita por Cunha com relação aos verbetes cujas entradas são as palavras **domar**, **doméstico** e **dominar**, que foram consideradas como não-cognatas, mas que, conforme se demonstrou na seção 4.1, são palavras cognatas.

Assim, uma abordagem coerente deveria dispor essas palavras – e as demais que constituem os verbetes dos quais elas são entradas – em um único verbete. Com isso, ter-se-ia um verbete formado por todas essas palavras, com a seguinte estrutura:

**dom**<sup>1</sup> *sm.* ‘termo de cortesia correspondente a senhor’ XIII. Do lat. *dōmīnus* ‘senhor, dono’ // **CONdomínio** 1899. Do fr. *condominium*, deriv. do ing. *condominium* e, este, do lat. med. *condōmīnium* // **CONdômino** XX. Do lat. med. *condōmīnus* // **domABIL** · **IDADE** XX // **domADOR** XVII. Do lat. *domātor –oris* // **domar** *vb.* ‘amansar, domesticar, subjugar, refrear’ XIII. DO lat. *domāre* // **domÁVEL** 1813. Do lat. *domābilis* // **domesticAÇÃO** 1873. Provavelmente do fr. *domestication*, de *domestiquer* // **domesticAR** XVI. Do fr. *domestiquer*, de *domestique* e, este, do lat. *domesticus* // **domesticIDADE** XVIII. Do lat. tardio *domesticitas –ātis* // **doméstico** *adj. sm.* ‘relativo à casa, familiar’ ‘diz-se do animal útil que vive e/ou é criado em casa’ ‘criado’ XIV. Do lat. *domesticus*, de *dōmus* ‘casa, domicílio, morada’ // **dominAÇÃO** / *dominações* pl. XIII., *-naciones* pl. XV // Do lat. *dōmīnātio –ōnis* // **dominADO** 1813 // **dominADOR** XVII. Do lat. *dōmīnātor –oris* // **dominÂNCIA** XX. Provavelmente do fr. *dominance* // **dominANTE** 1813. Do lat. *dōmīnans –āntis*, part. pres. de *\*dōmīnāre*, por *\*dōmīnāri* // **dominar** *vb.* ‘ter autoridade ou poder sobre’ ‘conter, reprimir’ ‘ser ou estar sobranceiro’ XVI. Do lat. *\*dōmīnāre*, por *dōmīnāri* // **dominGAL** XIV // **domingo** ‘primeiro dia da semana, destinado ao descanso e, principalmente, na sua origem, dedicado a atividades de oração ao senhor’ / XIII, *dominga* f. XIII / Do lat. (*dies*) *dōmīnicus* ‘dia do senhor’, que Constantino propôs, em substituição à expressão (*dies*)*solis* ‘dia do sol’, calcado na expres. Gr. *kyriakē (hēméra)* ‘dia do senhor’; compare al. *Sonntag* ‘dia do sol’ e ing. *sunday* ‘dia do sol’ // **dominguEIRO** XVIII // **dominical** 1813. Do lat. tardio *dōmīnicālis* // **domínio** XV. Do lat. *dōmīnium –ii* // **dona** *sf.* ‘proprietária’ ‘mulher, esposa’ XIII. Do lat. *dōmīna* // **donINHA** *sf.* ‘mamífero da família dos mustelídeos’ XVI. Dim. de *dona*, por afetividade. No port. med. ocorria, também, o dim. *doneza*, no séc. XIII // **dono** ‘senhor, proprietário’ XIII. Do lat. *dōmīnus* // **donOSO** XVIII // **donzel** *adj. sm.* ‘puro, ingênuo’ ‘na Idade Média, o moço que ainda não era armado cavaleiro’ XIII. Do prov. *donzel*, deriv. do lat. tard. *dōmīnicēllus*, dim. de *dōmīnus* // **donzela** *sf.* ‘orig. mulher moça nobre’ ‘atualmente, mulher virgem’ XIII. Do prov. *donzela*, do lat. tard. *dōmīnellā*, dimin. de *dōmīna*. // **INDomÁVEL** XVI. Do lat. *indomābilis* // **INDômito** XVI. Do lat. *indomītus*, de *domītus*, part. pass. de *domāre*.

Desse modo, o verbete acima conservaria, além da ordem alfabética<sup>77</sup>, também, o critério de dispor em um mesmo verbete as palavras que fossem cognatas. Por que, então, Cunha não agiu dessa forma?

Esse não-reconhecimento de palavras cognatas no DELP se deve, sobretudo, ao fato de seu autor, com essas palavras e com as demais que foram analisadas, efetuar uma análise

<sup>77</sup> Neste verbete, somente a entrada não está em ordem alfabética. No interior dele, no entanto, as palavras estão dispostas alfabeticamente. Destaque-se, ainda, que apesar de nem todas as palavras serem originadas diretamente a partir de **dom**, ou melhor de *dominus* (muitas palavras são originadas a partir de *domus*), apresentou-se essa palavra como entrada do verbete, uma vez que a palavra *dominus* tem sua origem, também, na palavra latina *domus*. Nesse sentido, todas essas palavras são cognatas.

que prioriza a abordagem sincrônica, desconsiderando informações relevantes que poderiam ser encontradas através do trato com a mudança lingüística (fonético-fonológica, morfológica e semântica), assim como a não-exploração dos traços culturais de determinadas palavras, como, por exemplo, *cupido* e *cobiça*, *veneno* e *venéreo*.

Dessa forma, uma análise das entradas desse dicionário revela que, apesar de seu autor ter definido que as palavras cognatas seriam colocadas em um mesmo verbete, o critério etimológico, em várias oportunidades, é deixado de lado, em face de critérios como semelhança ou não-semelhança formal, semelhança ou não-semelhança semântica, do que resulta o fato de ora aparecerem palavras cognatas em um único verbete ora não, atitude essa que entra em contradição com o que ele expusera na *Introdução* de seu dicionário, o que resulta por envolver, pois, tanto a macro quanto a microestrutura dele, prejudicando, assim, a qualidade de muitas informações constantes nele.

Observe-se que, no momento em que Cunha fez uso do critério etimológico como principal critério para identificar se duas ou mais palavras são ou não cognatas, palavras que formal e/ou semanticamente são semelhantes, como, por exemplo, *manga* (parte da vestimenta) e *manga* (fruta), foram consideradas como não-cognatas, assim como palavras que não são semelhantes nem na forma nem no significado foram consideradas como cognatas, tal qual aconteceu com as palavras que formam o verbete cuja entrada é a palavra **dominar**, conforme exposto na seção 4.1.

Já com relação à abordagem dada pelos professores a esse tema, conforme os resultados expostos nas análises que foram feitas dos questionários, o que se verifica é uma abordagem quase que totalmente baseada na perspectiva sincrônica de estudo da linguagem, uma vez que, raramente, mencionaram o critério etimológico como justificativa para suas respostas. Destaque-se, no entanto, que, nas 6 vezes em que o critério etimológico foi empregado como justificativa para a identificação de palavras cognatas, as palavras, realmente, eram cognatas.

Como conseqüência do uso quase que exclusivo do critério sincrônico, tem-se o fato de que ora algumas palavras que são cognatas são consideradas como não-cognatas (como acontece com as que formam os pares *ânimo* / *animal* e *chegar* / *flexão*) ora palavras que não são cognatas são consideradas como tais (como se verifica com as que formam os pares *manga* (fruta) / *manga* (parte da vestimenta) e *são* (verbo) / *são* (adjetivo)). Além disso, não há um critério único que seja empregado por todos os professores ou que seja empregado para classificar um dado par, o que faz com que, com alguns pares de palavras, sejam empregados vários critérios, como acontece com os pares *Vênus* / *veneno* e *regra* / *régua*.

Tais fatos fazem com que o reconhecimento de palavras cognatas, por meio de uma abordagem sincrônica, como a que se demonstrou haver no âmbito dos professores dos Ensinos Fundamental e Médio e, ainda, em algumas passagens do DELP, apresente-se, com muitos exemplos, inconsistente, no sentido de que há uma oscilação muito grande, de resposta para resposta. Assim, com pares de palavras como *padre / padrinho* e *cônjuge / conjunto*, enquanto que alguns professores os indicaram como constituídos de palavras cognatas por considerarem-nas semelhantes quanto ao significado, outros as classificaram como não-cognatas, justamente, porque, para eles, as palavras que formam esses pares não possuem significados semelhantes.

Tal oscilação, por sua vez, não ocorre quando a análise é centrada, prioritariamente, na perspectiva histórica, como acontece em muitas passagens do DELP e nas aqui feitas, com as quais se demonstrou que muitas palavras não-reconhecidas como cognatas por Cunha e pelos professores constituem, sim, palavras cognatas. Tal segurança nas análises advém do fato de que a abordagem histórica desenvolve-se considerando, ao mesmo tempo, aspectos formais, semânticos e culturais das palavras envolvidas nas análises, o que não acontece com a abordagem sincrônica, pois, conforme se demonstrou, nas análises do capítulo anterior, nela, ora é empregado o aspecto formal como critério definidor da relação de cognação entre as palavras, ora é empregado o critério semântico, ora ambos ao mesmo tempo. Tem-se, assim, na sincronia, uma divisão desses critérios, como se as palavras fossem só forma ou só significado ou só forma e significado atuais. Além disso, por não considerarem formas e significados anteriores das palavras em análise, em uma abordagem sincrônica não se contemplam as mudanças lingüísticas pelas quais as palavras passam ao longo do tempo, conforme aqui já discutido, mudanças essas que são consideradas quando se conjugam, na análise, tanto os aspectos formais quanto os semânticos atuais e do passado, referentes às palavras analisadas, constituindo a abordagem chamada por Coseriu (1979) de *histórica*.

Através das análises que foram feitas dos questionários aplicados aos professores, assim como das análises correspondentes aos dados do DELP, é possível, pois, afirmar que tratar do tema *palavras cognatas* considerando, apenas, a abordagem sincrônica da língua é estar fazendo uso de um critério extremamente frágil, uma vez que a língua é, ao mesmo tempo, um fenômeno histórico e social, não se devendo, portanto, desconsiderar em seu tratamento, e na abordagem desse tema especificamente, as mudanças pelas quais ela passa ao longo do tempo, assim como os fatores sócio-culturais que envolvem as palavras que compõem o seu sistema.

Não se quer dizer aqui, contudo, que o critério sincrônico não pode ser empregado com sucesso para abordar esse tema. É possível sim – até porque muitas palavras, apesar de terem passado por mudanças, ainda se apresentam bastante semelhantes, tanto na forma quanto no significado –, e isso acontece com muita frequência nas abordagens de muitos livros didáticos e dos professores, conforme aqui demonstrado. O que se quer deixar bem claro – até com base nas incoerências acima apresentadas – é que focalizar esse tema, apenas, do ponto de vista sincrônico, com muitos exemplos, é fazer uso de uma abordagem que tem muitas limitações e tenderá, em algum momento, ao fracasso.

Considerando-se, pois, tanto as palavras cognatas do DELP quanto os pares que compuseram os questionários cujas palavras constituintes não foram reconhecidas como tais (não se esquecendo, aqui, dos pares que não eram constituídos de palavras cognatas, mas que foram apontadas como tais), ao mesmo tempo em que se relembra que os critérios priorizados em ambas as situações foram o da semelhança ou não-semelhança formal, semelhança ou não-semelhança semântica, evidencia-se o papel importante desempenhado pela mudança lingüística no não-reconhecimento de palavras cognatas em uma língua, em especial na língua portuguesa.

Observando-se, portanto, todos os conceitos de palavras cognatas que os professores e o autor do DELP têm à disposição e os resultados obtidos com as análises dos verbetes deste dicionário e dos questionários aplicados aos professores, é possível afirmar que identificar palavras cognatas é uma atividade que vai além de dominar o conceito de *palavra cognata*. Isso porque, se considerar-se que palavras cognatas são as que possuem um mesmo radical ou uma mesma raiz (conforme a polarização apresentada quando se analisaram os conceitos apresentados, e nesta pesquisa as que possuem uma mesma raiz), existe a possibilidade de tanto o radical como a raiz sofrerem mudanças ao longo do tempo, seja no âmbito formal (fonético-fonológicas e morfológicas) seja no semântico. Daí, o fato de que a mudança lingüística pode inviabilizar que se reconheçam duas ou mais palavras como cognatas, mesmo que se saiba o que é uma palavra cognata, uma vez que, com base em todas as análises feitas ao longo desta pesquisa, assim como em toda a teoria exposta, fica claramente demonstrado que nem todas as palavras que parecem cognatas são verdadeiramente cognatas, assim como nem todas as que são cognatas parecem sê-lo, de modo que uma abordagem que procura identificar tais palavras considerando, para isso, as mudanças formais e semânticas pelas quais tais palavras passaram, além dos aspectos culturais que as envolvem, é a mais adequada para estudar esse tema, pois, para o estudo das palavras cognatas, precisa-se de conhecer tanto

o passado quanto o presente das palavras analisadas, já que, na língua, *nem tudo que é parece e nem tudo que parece é*.

Eis, portanto, uma discussão ampla sobre o tema *palavras cognatas*, após a qual importantes subsídios puderam (e podem) ser retirados para a abordagem desse tema em qualquer que seja a língua, de modo especial em língua portuguesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. **Sociolingüística**: parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. v. 1. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.21-47.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 36 ed. São Paulo: Saraiva, 1989.

ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. **A homonímia e a polissemia no dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Dissertação. UFPI, Teresina, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-européias**: economia, parentesco, sociedade. Tradução Denise Bottmann. v.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BÍBLIA. V. T. Gênesis. Português. **Bíblia sagrada**: edição pastoral. Tradução Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin; José Luiz Gonzaga do Prado. 57 impressão. São Paulo: Paulus, 2005 cap. 1, vers. 1, 27-28; cap. 11, vers. 1-9.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez e latino**. Lisboa, 1712. CD-ROM, filme 01, n.00684, p.360.

BORBA, Francisco S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Tradução Aída Ferrás et al. São Paulo: EDUC, 1992.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CAMPEDELLI, Samira Yousseff. **Português: literatura, produção de textos e gramática.** 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CAPA. revista Entre Livros. São Paulo: Duetto, ano 1, n.4, [2006?].

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa:** para os alunos do 1º e 2º graus e para todos os estudiosos da língua nacional. 39 ed. Melhorada e ampliada. São Paulo: Nacional, 1996.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagens,** 8ª série. v.4. São Paulo: Atual, 1998. (Português: linguagens).

COELHO, Adolpho F. **A língua portuguesa:** curso de literatura nacional para uso dos liceus centrais: noções de glottologia geral e especial portuguesa. v. I. Segunda edição, emendada e aumentada. Porto: Magalhães e Moniz, 1887. Texto microfilmado. Disponível em: < <http://purl.pt/30/1> >. Acesso em: 28 mar. 2008.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história:** o problema da mudança lingüística. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. (Linguagem).

\_\_\_\_\_. **Lições de lingüística geral.** Tradução Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980. (Lingüística e Filologia).

COUPÉ, Christophe. **De l'origine du langage à l'origine des langues:** modélisations de l'émergence et de l'évolution des systèmes linguistiques. Tese. l'université Louis Limière, Lyon, 2003. Disponível em: < [http://www.dl.ish-lyon.cnrs.fr/fulltext/Christophe/Coup%C3%A9\\_2003\\_These\\_sciences\\_cognitives.pdf](http://www.dl.ish-lyon.cnrs.fr/fulltext/Christophe/Coup%C3%A9_2003_These_sciences_cognitives.pdf) >. Acesso em: 02 abr. 2008.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética.** Tradução e adapt. [da 2 ed. Inglesa rev. e ampl. publicada em 1985] Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 3 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

- DAPENA, José-Álvaro Porto. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.
- DE NICOLA, José. **Língua, literatura e redação**. ed. rev. e ampl. São Paulo: Scipione, 1998.
- ERNOUT, A.; MEILLET, Antoine. **Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots**. Paris: Klincksieck, 1959.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Linguagem nova**. 16 ed. v. 4. 8ª série, nono ano. São Paulo: Ática, 2007.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 6 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- FERREIRA, Mauro. **Entre palavras**. 2 ed. v.4. 8ª série. São Paulo: FTD, 2006. (Entre palavras: língua portuguesa).
- GRIFFI, Beth. **Fundamentos práticos de gramáticas**. São Paulo: Escala Educacional, 2007.
- HAGÈGE, Claude. **L'homme de paroles: contribution linguistique aux sciences humaines**. Paris: Fayard, 1986.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. CD-ROM.
- HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: C. Gulbekien, 1986.
- INFANTE, Ulisses. **Curso de gramática: aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2001.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística romântica**. Tradução Júlia Dias Ferreira. 2 ed. Lisboa: C. Gulbenkian, 1962.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 17 ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

LAUSBERG, Heinrich. **Lingüística românica**. Tradução Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: C. Gulbekian, 1974.

LEITE, Ricardo et al. **Novas palavras**: literatura, gramática, redação e leitura. São Paulo: FTD, 1997. (Novas Palavras).

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da lingüística moderna**. Tradução Izidoro Blikstein, José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. 3 ed (Nova edição revista e aumentada). São Paulo: Cultrix, 1977.

LIÃO, Duarte Nunez de. **Origem da língua portuguesa**. Lisboa: impresso por Pedro Krasbeeck, 1606. Texto microfilmado. Disponível em: < <http://purl.pt/50> >. Acesso em: 28 mar. 2008.

MAGALHÃES, Vívian. **Curiosidades lingüísticas**. *Online*. Disponível em: < [http://www.linguaestrageira.pro.br/voce\\_sabia.htm](http://www.linguaestrageira.pro.br/voce_sabia.htm) >. Acesso em: 17 nov. 2008.

MARTINET, André. **Elementos de lingüística geral**. Tradução Jorge Morais-Barbosa. 8 ed. São Paulo: M. Fontes, 1978.

MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. Tradução Alda Della Nina. São Paulo: Opus, 1991.

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da língua portuguesa**. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**: fonética e morfologia. 8 ed. Lisboa: Clássica, 1975.

OLIVEIRA, Josenir Alcântara de. **A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-européia \*pel- ‘dobrar’**. 3 v. Tese. USP, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Etimologia e lexicografia etimológica hodierna**. Disponível em: < [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10\\_84-93.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_84-93.html) >. Acesso em: 25 ago. 2007.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança.** Tese. UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

RIÁK, Kárlos K. **A grammar of modern indo-european.** Disponível em: < <http://dnghu.org/en/Indo-European%20grammar/> >. Acesso em: 28 mar. 2008.

ROBINS, R. H. **Pequena história da lingüística.** Tradução Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 31 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

ROSS, Philipp. Traçando a genealogia das línguas. **Entre Livros**, São Paulo, ano 1, n.4, p.14-21, [2006?].

SARAIVA, F. R. Santos. **Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc.** 11 ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** Organizado por Charles Bally e Albert Secheyay. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SEVILHA, Isidoro. **Isidori Hispaliensis episcopi etymologiarum sive originun liber I.** Disponível em: < <http://www.thelatinlibrary.com/isidore/1.shtml> >. Acesso em: 30 nov. 2007.

SIQUEIRA e SILVA, Antônio de; BERTOLIN, Rafael. **Língua portuguesa: linguagem e vivência.** v.3. 7ª série. São Paulo: IBEP, 199... (Horizontes).

SOUSA, Maria Clara Paixão de. **Linguagem e tempo.** Disponível em: < [http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/l1132/textos/linguagem\\_e\\_tempo.pdf](http://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/l1132/textos/linguagem_e_tempo.pdf) >. Acesso em: 26 mar. 2008.

SPALDING, Tassilo Orfeu. **Dicionário da mitologia latina.** São Paulo: Cultrix / Brasília: INL, 1972.

TERRA, Ernani. **Português de olho no mundo do trabalho.** São Paulo: Scipione, 2005. (De Olho no mundo do trabalho).

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística.** Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

ULLMANN, Stephen. **Semântica:** uma introdução à ciência do significado. Tradução J. A. Osórios Mateus. 4. ed. Lisboa: C. Gulbenkian, 1964.

VERA, Álvaro Ferreira de. **Breves louvores da língua portuguesa:** com notáveis exemplos de muitas semelhança, que tem com a lingua latina. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631. Texto microfilmado. Disponível em: < <http://purl.pt/12> >. Acesso em: 01 abr. 2008.

VON WARTBURG, Walter; ULLMANN, Stephen. **Problemas e métodos da lingüística.** Tradução Maria Elisa Mascarenhas da versão francesa de Pierre Maillard. São Paulo: DIFEL, 1975.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002. (Na ponta da língua).

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

## **APÊNDICE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
MESTRADO EM LETRAS

QUESTIONÁRIO A SER APLICADO A PROFESSORES DE  
LÍNGUA PORTUGUESA PARA IDENTIFICAÇÃO DO(S)  
CRITÉRIO(S) QUE ELES UTILIZAM PARA RECONHECER  
PALAVRAS COGNATAS EM LÍNGUA PORTUGUESA E PARA  
IDENTIFICAÇÃO DO(S) FATOR(ES) QUE INTERFERE(M)  
NESSE RECONHECIMENTO

## INSTRUÇÕES

Caro professor,

A análise do questionário que ora apresento a você constitui uma etapa importante para a conclusão da pesquisa que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí, em nível de mestrado. Desse modo, gostaria de contar com a sua colaboração, no sentido de que você respondesse às perguntas que lhe serão apresentadas. Desde já, agradeço!

Este questionário contém duas perguntas acerca do tema *palavras cognatas em língua portuguesa*, as quais se estendem ao longo de cinquenta (50) grupos de duas palavras, divididos em letras do alfabeto português e do grego.

Ao analisar cada grupo de palavras, você deverá responder se elas constituem ou não palavras cognatas. Ao mesmo tempo, terá que justificar a sua resposta, para o que já se oferecem algumas possibilidades. Você deve, portanto, proceder assim:

- 1) Marcar SIM ou NÃO;
- 2) Identificar, dentre as possibilidades oferecidas, o porquê de você está considerando tal grupo de palavras como formado ou não-formado por palavras cognatas.

Caso o fator que justifica a sua resposta não esteja dentre as possibilidades oferecidas, também está sendo reservado um espaço para que você escreva o porquê de está considerando tal grupo como formado ou não-formado por palavras cognatas.

Pretende-se, por meio deste questionário, identificar o(s) critério(s) empregado(s) pelos professores de língua portuguesa (da cidade de Teresina) dos Ensinos Fundamental e Médio para fazer o reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa, assim como identificar o(s) fator(es) que dificulta(m) esse reconhecimento.

Mais uma vez agradeço a sua colaboração, sem a qual a minha pesquisa ficaria inviabilizada.

*1 – Você reconhece as palavras abaixo como cognatas? O que possibilitou a você reconhecê-las ou não como palavras cognatas?*

**a) ânimo, animal**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**b) regra, régua**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**c) cônjuge, conjunto**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
 Outro:  
 \_\_\_\_\_

**d) domesticar, dominar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**e) fácil, eficiente**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**f) arco, arcaico**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**g) civil, cidadão**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**h) coração, coragem**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**i) estabilidade, estátua**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**j) despensa, despesa**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**k) cultura, cultivar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**l) padre, padrinho**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**m) povo, público**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**n) igreja, eclesiástico**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**o) verificar, verdade**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**p) caber, capacidade**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**q) acatar, aceitar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**r) paixão, passional**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**s) dez, década**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**t) dor, doença**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**u) orelha, aurícula**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**v) bairrada, vagina**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**x) superar, sobrar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**w) amor, amizade**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**y) igual, equivalente**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**z) legível, elegante**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**a) livro, livraria**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**β) cupido, cobiça**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**γ) pesar, pensar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**δ) são (verbo), são (adjetivo)**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ε) obra, ópera**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ζ) primário, primordial**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**η) manga (fruta), manga (da camisa)**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**θ) contar, computar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ι) nau, navio**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**κ) livre, livro**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**λ) Vênus, veneno**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**μ) saúde, salvação**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**v) olho, óculos**

**sim**  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 possuem semelhança de significado  
 possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**não**  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)  
 não possuem semelhança de significado  
 não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado  
Outro:  
\_\_\_\_\_

**ξ) lado, lateral**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ο) céu, celeste**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**π) luz, alucinação**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ρ) inteiro, íntegro**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**σ) chegar, flexão**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**τ) terra, terrestre**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**v) dois, dúvida**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**φ) ave, avião**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**χ) vetar, vedar**

**sim**

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

possuem semelhança de significado

possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**não**

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica)

não possuem semelhança de significado

não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ψ) atingir, tanger** **sim** possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) possuem semelhança de significado possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

 **não** não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) não possuem semelhança de significado não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

**ω) solução, soluço** **sim** possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) possuem semelhança de significado possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) e semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_

 **não** não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica) não possuem semelhança de significado não possuem semelhança formal (fonética e/ou morfológica), nem semelhança de significado

Outro:

\_\_\_\_\_



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)